



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

A prostituição matrimonial: um estudo acerca da trajetória de Moll Flanders  
Shéllida Fernanda Da Collina Viegas

Dissertação de Mestrado  
Campinas  
Fevereiro, 2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

**V671p**

Viegas, Shellida Fernanda Da Collina.

A prostituição matrimonial: um estudo acerca da trajetória de Moll Flanders / Shellida Fernanda Da Collina Viegas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadora : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Suzi Frankl Sperber.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura inglesa – Historia e critica. 2. Defoe, Daniel, 1661?-1731. 3. Prostituição. I. Sperber, Suzi Frankl. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Matrimonial whoredom: an estudy about Moll Flanders.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): English literature; Daniel Defoe; Prostitution.

Área de concentração: Literatura Geral e Comparada.

Titulação: Mestre em Teoria Literária.

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Piscitelli, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia de Azevedo Abreu, Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariza Correa.

Data da defesa: 21-02-2006.

Shéllida Fernanda Da Collina Viegas

A prostituição matrimonial: um estudo acerca da trajetória de Moll Flanders

Dissertação de Mestrado apresentada para a apreciação dos profs. drs. Márcia Azevedo de Abreu (IEL), Adriana Piscitelli (IFCH), Luiz Carlos da Silva Dantas (IEL) e Mariza Corrêa (IFCH) com orientação da prof. dr. Suzi Frankl Sperber (IEL).

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Instituto de Estudo da Linguagem – IEL  
Campinas, 2006

A meus pais, irmãos e esposo que  
acreditaram em mim.  
A minha amiga Suzi por seu apoio  
incondicional e eterno incentivo.

## **Resumo**

A Inglaterra do século XVIII foi marcada por diversos problemas de diversas ordens. O surgimento do capitalismo desencadeou profundas mudanças tanto na economia quanto na sociedade, e isso se refletiu nas relações entre homens e mulheres e nos seus novos papéis nesse novo mundo. Esse clima, obviamente, reflete-se na literatura, mais precisamente na obra aqui analisada, *Moll Flanders*.

As surpresas começam com a própria narradora: uma mulher. Esta é o extremo oposto das narradoras convencionais, modelos de comportamento e moral, pois era ladra e prostituta. Prostituta? Ao ler a obra, questionei-me sobre a validade dessa descrição e isso motivou-me a analisar essa fascinante obra.

Irei, neste trabalho, ater-me principalmente ao que, no decorrer dos tempos, foi a principal característica atribuída à protagonista: a prostituição. Para tanto, procurei respostas tanto na literatura quanto na sociedade da época, pois somente com essas duas análises poderei resolver a questão aqui colocada.

## Sumário

Apresentação .....	13
A narradora (Parte I).....	9
Introdução.....	17
Defoe e sua maravilhosa invenção .....	17
As obras de Defoe .....	21
A camaleoa .....	31
A questão do nome.....	31
A questão da aparência.....	35
A roda da fortuna.....	38
A dona da história .....	41
A prostituta (Parte II).....	38
Introdução.....	49
O atual paradigma.....	50
As diversas uniões e a prostituição.....	53
Os casamentos e concubinatos .....	54
Quadrilha .....	54
As aparências continuam .....	64
Uma coincidência inusitada .....	66
Relacionamento irônico .....	73
Alguém para cuidar.....	77
Um caso inesperado .....	80
Happy end .....	84
Manual de conduta.....	88
Cronologia .....	89
Os homens de sua vida .....	91
Casamentos, casos e prostituição .....	95
A situação da mulher .....	103
O casamento .....	107
Últimas considerações .....	119
Referências Bibliográficas.....	123

“Quem freqüentemente apenas chora seus vícios, sem deles jamais se rir, de sua tristeza realmente não posso fazer uma idéia muito boa. Chora provavelmente tão só pelo medo de não poder escapar ao castigo. Mas quem ri do vício, ao mesmo tempo o despreza.”

Lessing

## **Apresentação**

Por quê? Essa foi a pergunta que me perseguiu durante alguns anos e que, por conta disso, norteou este trabalho. Por que uma mulher que se casou com quase todos os homens com quem manteve relações, que nunca cultivou mais de um relacionamento ao mesmo tempo e que nunca obteve lucro com seus casamentos ou concubinato se auto-declarava prostituta? Por que Defoe a classificava como tal? Por que para os leitores da época isso era verossimilhante e coerente? E finalmente por que hoje, quando o código ético, civil e comportamental mudou tanto, isso ainda é aceito como verdadeiro? De início, achei que esses questionamentos já teriam respostas prontas há tempos, qual não foi minha surpresa ao perceber que não. Mais ainda, como tudo era tomado como certo, essas perguntas se tornavam de certa forma descabidas. Isso acabou por me instigar ainda mais.

Comecei com questionamentos literários: em que momento na obra *Moll Flanders* se declarou prostituta? Qual o impacto e importância de uma narradora mulher? Qual a função do narrador para convencer os leitores do que foi dito? Contudo, quando me perguntei “qual a intenção de Defoe ao denominá-la como prostituta?”, percebi que essa questão era muito abrangente e que para resolvê-la eu teria de pesquisar outras áreas do saber, principalmente História e Sociologia. Estudar uma cultura tão distante, tanto no tempo como no espaço, pareceu, a princípio, sem sentido, mas conforme pesquisava percebi que costumes comuns aos ingleses no séc. XVIII permanecem na sociedade ocidental ainda hoje. Todavia, este é um trabalho de análise literária. Por esse motivo, não pretendo analisar profundamente a sociedade inglesa ou ocidental nem mesmo a condição da mulher no início do capitalismo. Pretendo apenas fazer um breve panorama da época para ilustrar a sociedade que Defoe tentava retratar em suas obras.

Para tentar resolver essa questão posta logo de início, levantei algumas hipóteses e buscava respostas em seguida: seria considerada prostituta por conta dos vários casamentos? Pelo concubinato? Pelos divórcios? Pela perda da virgindade antes do casamento? Tentei na medida do possível responder essas perguntas com análises literárias e sociológicas. Conforme pesquisava, uma hipótese se levantou e se firmou. Acreditei que teria uma resposta plausível.

Nesse meio tempo, descobri uma obra de Defoe com o título muito sugestivo *Conjugal Lewdness; or, Matrimonial Whoredom*. Em pesquisa na Internet, descobri que tal livro fazia parte da bibliografia de vários cursos em faculdades conceituadas, tanto inglesas quanto americanas, com descrições como: retrato fiel da sociedade<sup>1</sup>. Fiquei extremamente ansiosa e receosa em ler esse livro, pois ou ele confirmaria a minha principal hipótese ou a aniquilaria. Após meses procurando um exemplar e, depois, meses esperando sua chegada, eis que recebo o livro enquanto escrevia este trabalho. Como os bons romancistas, que pretendiam manter a atenção do leitor até a última página, deixarei o clímax para o final, onde colocarei minha hipótese, os livros pesquisados e a opinião do próprio Defoe sobre o tema aqui analisado.

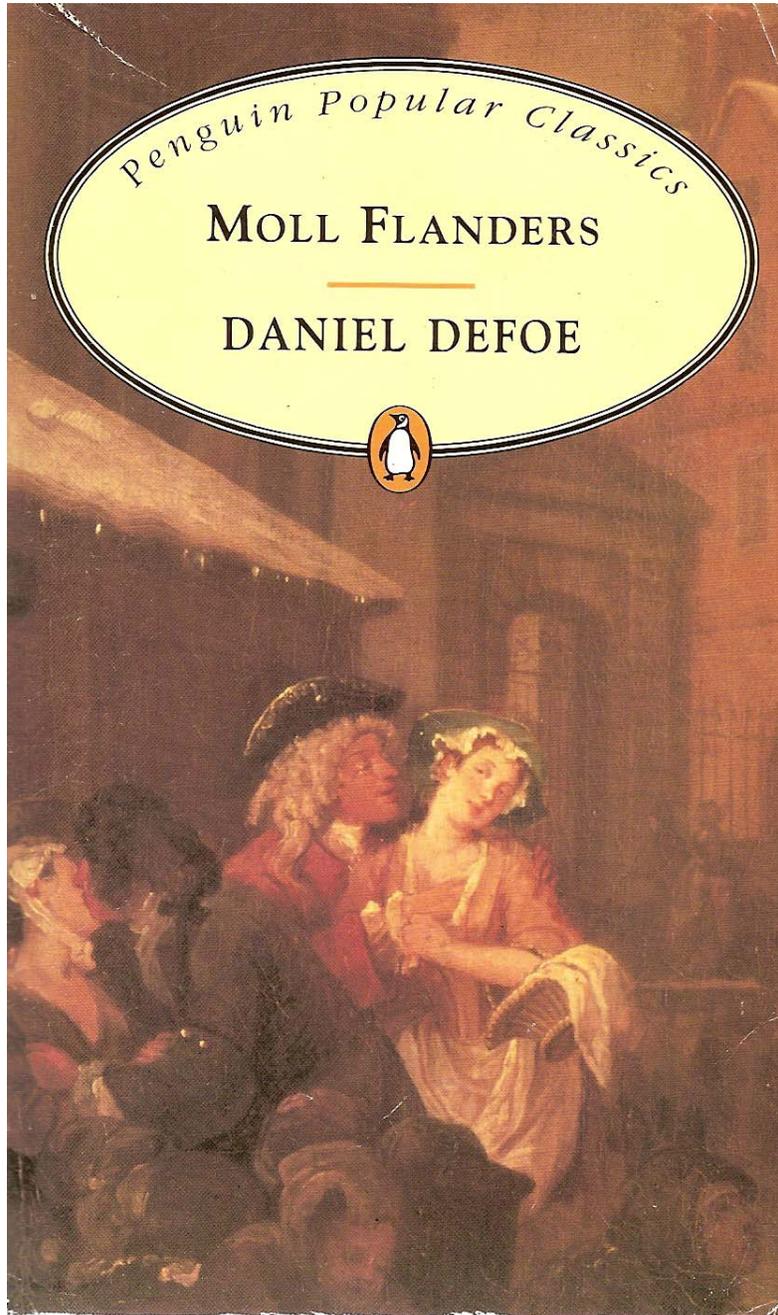
Para que ficasse mais claro o resultado dessa pesquisa, dividi este trabalho em duas partes. Na primeira, apresento a protagonista. Suas características, além de merecerem análise por seres fascinantes, influenciam diretamente a questão proposta. Já na segunda parte, abordei o tema da prostituição, com enfoques literários, sociológicos e históricos. Vale dizer que, como as duas partes se complementam, eu acabei por criar um certo movimento no texto: uma explicação necessária para se entender algum ponto pode, num primeiro momento, estar apenas esboçada para posteriormente ser retomada e aprofundada.

Finalmente, cabe dizer que arrisquei-me, apesar de ser apenas uma pesquisadora literária, a selecionar algumas figuras e colocá-las neste trabalho. Acredito que por estarem relacionadas direta ou indiretamente com o assunto abordado, elas tornam a leitura mais instigante, além de ilustrar o tema em questão. Não tenho pretensão alguma quanto a isso. Sei que seria muito proveitoso explicitar a relação existente entre elas e o texto, mas esse trabalho tão complexo seria matéria para uma nova dissertação. Não obstante, procurei, sempre que possível, colocar as referências pertencentes a cada uma delas. Quem sabe algum leitor não se sinta instigado a procurá-las ou relacioná-las?

---

<sup>1</sup> São várias as disciplinas que vêm nas obras de Defoe um retrato de sua sociedade, como a Universidade de Southampton (<http://www.soton.ac.uk>) ou a Universidade de New Mexico (<http://www.unm.edu>), principalmente no que se refere ao livro *Conjugal lewdness or matrimonial whoredom*.

A narradora



## **Introdução**

Sempre acreditei que analisar o passado é de suma importância para se entender o presente. Foi somente após o surgimento do capitalismo, e como consequência deste, que as mulheres conquistaram, após anos de luta, um lugar de destaque, pois hoje ela, juntamente com o homem, é a provedora da família, alvo de campanhas publicitárias etc. Por conta disso, é possível dizer que o séc. XVIII foi marcado pelos problemas de gêneros. Para se entender tais conquistas, faz-se necessário revermos o início do capitalismo, na Inglaterra, quando as mulheres começaram a se destacar socialmente.

Naquela época, problemas sociais, mudanças econômicas, o surgimento de uma nova classe social, o surgimento da mulher como trabalhadora e por conseguinte como consumidora em um novo mercado em formação acabaram por ocasionar sérias mudanças nas práticas e atitudes matrimoniais e sexuais. Isso se refletiu na literatura, seja apresentando as mudanças no comportamento feminino, que agora tinha de se adaptar às novas funções e papéis (sendo que se comportar como até então faziam não era mais adequado, mas o novo comportamento não estava consolidado e estabelecido) seja convencendo os homens de que essa mudança era natural e necessária.

Não viso, com este trabalho, reacender as discussões acerca das diferenças entre homens e mulheres nem reacender a fogueira para nova queima de sutiã, até porque este estudo é literário, e não sociológico. Quero apenas observar um pouco mais atentamente essa protagonista de Defoe, um homem com idéias avançadas.

## **Defoe e sua maravilhosa invenção**

Não posso deixar de tratar da vida do autor dessas obras tão interessantes, até porque a vida de Defoe, além de igualmente interessante, é curiosa e instigante. Assim, creio que não seria de todo descabido fazer aqui um breve resumo da extraordinária vida desse grande autor.



Daniel Defoe (em *Jure divino*)

O ano de nascimento de Daniel Defoe não é sabido ao certo, acredita-se que ele tenha vivido entre 1659 e 1731. De qualquer modo, é certo que ele vivenciou a grande expansão do comércio ultramarino e a iminência da Revolução Industrial, fatores que influenciaram de forma decisiva a vida dos ingleses.

Filho de dissidentes (denominação dada a protestantes não-anglicanos, que foram perseguidos por não aceitarem os dogmas da Igreja oficial), Defoe destinava-se ao ministério presbiteriano, porém não professou. Mais ainda, foi impedido de ingressar na universidade por conta de medidas que visavam reprimir os dissidentes. Acabou por adentrar no comércio, carreira destinada à sua classe social. Foi comerciante, armador, proprietário de uma mercearia e fabricante de tijolos e faliu em 1692 (sua dívida alcançou a marca de £ 17.000), mas conseguiu concordata. Tornou-se contador do comissário das Obrigações do Vidro, voltou-se novamente ao comércio e novamente faliu. Após ser acusado de traidor (foi agente secreto do próprio governo), Defoe foi absolvido e voltou a

ocupar o cargo oficial até a sua morte. Em meio a tantas peripécias financeiras, foi a partir de 1683 que Defoe começou a se dedicar ao jornalismo, mesma época em que resolveu acrescentar o De ao sobrenome de seu pai (Foe) para dar mais ênfase à sua origem flamenga.

Defoe foi um homem a frente de seu tempo. Revoltado com a ausência de melhores perspectivas, escreveu panfletos raivosos. Pedia por reformas sociais, políticas, financeiras e culturais. Pedia pela criação de uma Academia Inglesa (que deveria se inspirar na francesa) e pela fundação de um hospício. O que mais me chamou a atenção é que ele defendia na sua vida e em seus panfletos o que pregava em seus romances: a necessidade de se instaurar um sistema de recuperação dos pobres e a de se dar mais instruções às mulheres<sup>2</sup>. Por ser politicamente contrário ao rei Católico Jaime II, participou da rebelião de Monmouth, mas não foi preso.

Sua prisão deveu-se a motivos políticos e religiosos. Em 1688, Defoe apoiou a tomada do poder pelo holandês Guilherme de Orange. Durante esse governo, a Inglaterra passou por um período de prosperidade, minimização da perseguição religiosa e transformações sociais. Quando da morte de Guilherme de Orange, os dois principais partidos *Whigs* e *Tory* disputavam o poder, e os dissidentes, por serem minoria, novamente foram derrotados. Indignado, escreveu o irônico panfleto *A melhor maneira de liquidar os não-conformistas* (“The shortest way with dissenters”), afirmando que seria o enforcamento. Ambos os partidos reprovaram a provocação literária e o processaram. Isso provocou uma certa comoção popular: centenas de pessoas foram às ruas protestar, outras tantas mandaram-lhe flores no presídio. Mesmo assim, Defoe foi condenado a pagar uma

---

<sup>2</sup> Defoe defendia as mulheres. Suas idéias eram avançadas e, de certa forma, revolucionárias, principalmente se se levar em consideração que grandes filósofos não compartilhavam desses preceitos. Schopenhauer (1788-1860) é um grande exemplo disso, como se pode ver nas seguintes afirmações do filósofo: “quando as leis concederam às mulheres os mesmos direitos dos homens, elas deveriam ter lhes dado também um intelecto masculino”; “as mulheres, por causa da fraqueza de seu intelecto, são muito menos capazes do que os homens de entender, reter e tomar como norma princípios gerais”; “a vida das mulheres deve transcorrer de forma mais serena, insignificante e moderada do que a dos homens”; “uma mulher totalmente verdadeira e dissimulada é talvez algo impossível”; “todas as mulheres, com raras exceções, têm inclinação para o esbanjamento”; “vós deveis lamentar a perda do Oriente! O homem valente era imune à degradação representada pela submissão total a uma paspalhona; afinal, ele era livre, pois várias mulheres o protegiam do amor de uma única”; “as mulheres permanecem crianças ao longo de toda a sua vida, sempre vêem apenas o que está próximo, prendem-se ao presente, tomam a aparência das coisas pelas coisas em si e antepõem ninharia aos assuntos mais importantes”; “casar-se significa enfiar a mão em um saco de olhos vendados na esperança de descobrir uma enguia no meio de um monte de cobras” (Arthur Schopenhauer, *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins fontes, 2004).

multa, a ser exposto no pelourinho por três dias e a um ano de prisão. Anos mais tarde, inspirado nessa obra, Swift escreveu *Proposta modesta* (“Modest Proposal”), afirmando ironicamente que, para minimizar os problemas sociais, deveriam comer as crianças holandesas.



Capa de *Jure divino* (longo poema político escrito por Defoe).

Por se sentir traído, ao sair da prisão, Defoe passou a colaborar indiferentemente com qualquer ideologia. Apesar disso, ele desenvolveu um estilo próprio de narrativa, que viria a influenciar de maneira decisiva toda a literatura ocidental. Em sua época, seus livros tiveram grande aceitação e compreensão, seja pela linguagem coloquial seja por aproximar o enredo ao cotidiano dos leitores. Defoe foi de grande influência, inclusive, para alguns autores. Um grande exemplo é o filósofo Jean-Jacques Rousseau que afirmou ser o *Robinson Crusoe* um estudo sobre o homem despidido de suas relações com a sociedade.

Finalmente, Daniel Defoe, já doente, deixa de escrever em 1728 e vem a falecer em 1731 em Londres.



Caricatura de Defoe e o Demônio<sup>3</sup>.

Apesar dos séculos que já se passaram, as obras de Daniel Defoe continuam a exercer um grande fascínio em seus leitores, seja pela abordagem dos temas tratados (que continuam atuais e, muitas vezes, são tidos pelos sociólogos/historiadores como fonte verídica de pesquisa), pelas aventuras e viagens que todos os seus personagens fazem, seja pelo tratamento dado aos protagonistas.

### As obras de Defoe

Ainda hoje, a quantidade de obras produzidas por Defoe é uma grande incógnita: o editor da L&PM diz que Defoe publicou cerca de 500 obras. J.R. Moore atribui-lhe 545 títulos, entre obras, panfletos, tratados, ensaios e artigos (muitos publicados anonimamente). Já Lúcio Cardoso, no prefácio de *Os segredos de Lady Roxana*, afirma que Defoe escreveu 450 romances, porém, no prefácio de *As confissões de Moll Flanders*, diz que Defoe publicou 254 obras. Ora, como nem o mesmo crítico pôde atribuir a mesma quantidade de títulos ao mesmo autor, cabe dizer que, apesar de terem se passado quase três

---

<sup>3</sup> Piada comum na época e que hoje se perdeu: "Make a fair Back Daniel," says the devil. "I do don't I Pinkeman," replies Defoe. "No you cheating Dog you don't" answers Pinkeman.

séculos, as obras de Defoe ainda não foram totalmente analisadas; essa, talvez, seria a razão para o fascínio desse autor.

Dado que ele escreveu tanto obras ficcionais como não-ficcionais, é possível afirmar que Defoe abordou, em todo o seu conjunto de obras, os mais diversos temas; dentre eles, destacam-se: história popular de aventuras (*Robinson Crusoe*), novela social (*Moll Flanders*), novela de costume (*Roxana*), novela fantástica (*Contos de fantasmas*, embora Defoe tente convencer o leitor da veracidade dos contos), reportagem romanceada (*Um diário do ano da peste*), textos documentais, críticos etc.

Como já foi dito anteriormente, é grande a tendência dos sociólogos/historiadores de buscar dados e informações nas obras de Defoe (tanto nas jornalísticas, quanto nas ficcionais), pois ainda hoje o autor tem uma credibilidade que permite a esses estudiosos aceitarem os fatos narrados e o retrato que fazia da sociedade como sendo verdadeiros. A razão disto é que, embora muitas de suas obras sejam ficcionais, elas não estão desprendidas dos acontecimentos daquela época. É fato que a peste, as grandes navegações, naufrágios, criminalidade, deportações, prostituição etc. realmente existiram, e estas são algumas das tópicas tratadas por Defoe, porém suas análises e descrições da sociedade, principalmente dos excluídos, verdadeiros fatos históricos por vezes esquecidos pelos estudiosos, também são abordadas pelo autor, tendo igual relevância. Alguns críticos literários discutiram esse caráter documental das obras de Defoe, como é o caso de Hunter:

Quanto mais sabemos sobre Londres da época de Defoe, mais ficamos impressionados com a habilidade de reproduzi-la exata e simpaticamente, dando-nos a “história social”, mesmo escrevendo ficção. Contudo, Defoe não nos dá apenas a história social, nem somente conta uma boa história, suas novelas têm tanto implicações políticas e econômicas quanto estéticas e emocionais<sup>4</sup>.

É sabido que o inchaço populacional ocasionado pela migração do campo para a cidade gerou desemprego e alta taxa de criminalidade. Com isso, as autoridades condenavam à forca ou à deportação qualquer criminoso (sendo que o crime podia ir desde

---

<sup>4</sup> J. Paul Hunter, “The novel and social/cultural history”. In: J. Richetti (ed.). *The Cambridge Companion to the eighteenth century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 31s.

simples roubos de peças de baixo valor até assassinatos). Ora, é exatamente isso que se vê em *Moll Flanders*. Logo, torna-se lícito afirmar que, embora a obra seja ficcional, ela é verossimilhante, o que permite entrever, na obra, descrição e, com isso, críticas à sociedade. Dessa forma, o discurso do século XVIII (que contrapunha o real ao ficcional) ainda hoje está presente e é atual, mas esse debate se revestiu de novas discussões.

### **O romance e os leitores**

Não pretendo aqui trazer contribuições para essa linha de pesquisa que muito nos tem esclarecido sobre as práticas de leitura durante os tempos. Contudo, achei que deveria apresentar alguns dos consensos sobre esse assunto, pois, com isso, o leitor conseguirá dimensionar o impacto que as obras de Defoe devem ter causado e toda a discussão a respeito da validade do romance (gênero em que Defoe se consagrou).

Durante muito tempo, incluindo aí a época estudada, pregavam-se os malefícios da leitura. Estes seriam tanto de ordem biológica quanto moral e social. Vários tratados datados do século XVIII pregavam que a leitura representaria um grande perigo para a saúde humana, visto que o esforço para ler poderia causar danos nos olhos, cérebro, nervos, estômago, pulmões e provocar hemorróidas. Contudo, a leitura, desde que pouca, das belas letras ou de obras religiosas era válida, pois formava o estilo do leitor, ampliava seus conhecimentos e os instruía moralmente<sup>5</sup>.



Pedro Berruguete, *São Domingos e os Albigenses*, 1477-1503. Madri, Museu do Prado.

---

<sup>5</sup> Sobre esse assunto, vale conferir o livro *Caminhos dos livros* (Campinas: Mercado das Letras, ABL, 2003). Nele, Márcia Abreu apresenta vários tratados dessa época que alertavam para os perigos da leitura e os analisa.

Os romances eram criticados justamente pela “falta de aproveitamento moral”. Dizia-se até que a moral seria corrompida pela leitura de livros que “divulgavam idéias falsas, fazendo-as parecer verdadeiras, estimulavam demasiadamente a imaginação, combatiam o pudor e a honestidade<sup>6</sup>”. Somando-se a isso, tem-se o fato de que os romances incitavam os leitores a imaginarem as cenas narradas e isso era tão pecaminoso quanto realizá-las. Ademais, eles ainda ensinam os leitores, principalmente às mulheres, sexo frágil e influenciáveis, a cometerem os piores atos, tais como o adultério ou crime. Finalmente, acreditavam que a leitura poderia incitar os pobres a questionarem sua condição social. Os escritores precisavam, portanto, justificar a necessidade e a validade do romance, tido até então como baixa literatura.

Para se defender das inúmeras acusações, os romancistas afirmavam que suas obras tinham um cunho moral e uma espécie de aprendizado que só se poderia dar pelos livros. Por esse motivo, as aventuras narradas deveriam ser “reais”, já que os leitores da época acreditavam ser impossível o aprendizado de uma experiência que nunca aconteceu.

Era imperioso, portanto, que, além das narrativas serem verossímeis, os autores tentassem convencer seus leitores da, teórica, veracidade daquelas obras. Defoe escolheu o romance memorialístico com esse intuito (em que a própria personagem narra a sua vida, sendo a responsável por tudo o que foi narrado, isentando o autor de críticas e atestando, ainda, que a história era real), como é o caso de *Robinson Crusoe*, *Moll Flanders*, *Coronel Jack*, *Roxana* dentre outros. Até mesmo em *Contos de fantasmas* (título e tema da obra) Defoe não só relata histórias fantasmagóricas, mas as divide em “histórias verdadeiras de fantasmas” e em “fantasmas falsos e aventuras divertidas”, procurando brincar com a idéia de verossimilhança. Ele realmente tenta convencer o leitor de que as primeiras histórias são verídicas. Vale a pena conferir seu esforço:

Este relato é verdadeiro e cercado por muitas circunstâncias que podem induzir qualquer homem sensato a acreditar nele. Foi enviado por um cavalheiro, um juiz da paz em Maidstone, no Kent, e pessoa de muita inteligência, a um

---

<sup>6</sup> Márcia Abreu, “Prefácio: percursos da leitura”. In: *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2002.

amigo seu em Londres, tal como está aqui redigido. O texto é certificado por uma dama parente do citado juiz da paz e que é pessoa de mente sóbria e de grande compreensão, a qual vive em Canterbury, a umas poucas portas da casa em que mora a senhora Bargrave, nomeada no relato. O juiz da paz acredita que sua parente é de espírito tão atilado que nunca se deixaria enganar por qualquer fraude. Ela própria garantiu-lhe positivamente que a questão toda tal como aqui relatada e redigida constitui a verdade, e a mesma coisa que ela ouviu aproximadamente nas mesmas palavras da boca da mesma senhora Bargrave, a qual, ela sabe, não tinha razão para inventar e divulgar tal história, nem desejo de forjar e contar uma mentira, sendo uma mulher muito honesta e virtuosa, e toda a sua vida um exemplo de piedade. [...] Isto que vou contar é tão raro em todas as suas circunstâncias, e fundado em tão boa autoridade, que toda a minha leitura e as minhas conversas nada me forneceram de semelhante. É coisa apta a satisfazer o investigador mais destro e exigente<sup>7</sup>.

Vale observar, também, o comentário de Defoe, nessa mesma obra, sobre o aproveitamento moral de uma história desse tipo. O discurso moralizante de cunho religioso, inclusive com ensinamentos bíblicos, foi um dos expedientes usado pelo autor:

O proveito que podemos tirar desse documento é ter em mente que há uma vida por vir depois desta e um Deus justo que retribuirá a cada segundo os atos feitos com este corpo atual; devemos, portanto, refletir no que tem sido a nossa vida; não esquecer de que o tempo de que dispomos é curto e incerto e que, se quisermos escapar à punição reservada aos ímpios e alcançar a recompensa dos que procedem bem, que é a vida eterna, temos de, no tempo que nos resta, voltar a Deus por um rápido arrependimento, deixando de cometer o mal e aprendendo a fazer o bem, partindo em busca de Deus, se com felicidade Ele possa ser de nós encontrado, e de levar tais vidas no futuro que Lhe possam ser agradáveis<sup>8</sup>.

Ademais, seus romances estão repletos de ataques aos moralistas. Para não ser repetitiva, transcreverei poucos trechos, exemplos claros, presentes em *Moll Flanders*. Para evitar possíveis retaliações por ter escrito ficção, Defoe, em toda a obra, tenta garantir a veracidade do relato. Citarei como exemplo um trecho do Prefácio:

---

<sup>7</sup> Daniel Defoe, *Contos de fantasmas*. Porto Alegre: L&PM, 1997, pp.9s.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

É verdade que a história original foi narrada em outros termos, e o estilo da famosa mulher à qual nos referimos foi modificado. Principalmente, fizemo-la utilizar, em sua narrativa, palavras mais discretas do que as do original<sup>9</sup>.

Preocupado com o aproveitamento moral e tentando justificar o valor de sua obra, Defoe mostra a seus leitores como tirar ensinamentos da história de vida de uma licenciosa:

E, como é possível fazer um bom uso da pior narrativa, a moral contida nestas levará o leitor a manter a seriedade, ainda que se incline a agir de modo contrário<sup>10</sup>.

No fragmento a seguir, podemos observar os conselhos de Defoe sobre como se deve ler essa obra. Mais ainda, como ele próprio reconhece, alguns leitores começavam a duvidar desse expediente de convencimento. Logo, ele tenta mostrar a validade da leitura mesmo para aqueles que se negam a acreditar na existência da protagonista:

Aqui insinuamos que não se pode transmitir vida, vivacidade e beleza com a mesma intensidade na história da penitência como na do pecado. E, se esta insinuação é de algum modo verdadeira, o leitor concederá que digamos que a causa da diferença reside em não existir idêntico prazer e deleite em sua leitura; pois é óbvio que a diferença reside menos no valor real do assunto que no gosto e paladar do leitor.

Mas como esta obra se destina principalmente aos que saibam lê-la e utilizar-se bem do que é recomendado ao longo de toda ela, pode-se esperar que esses leitores fiquem mais interessados pela moral que pela fabulação; mais com a aplicação daquela que com a narrativa; mais com a intenção do escritor que com a existência da personagem a respeito da qual escreve<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Daniel Defoe, *Moll Flanders*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 13.

<sup>10</sup> Idem, op. cit., p. 14.

<sup>11</sup> Ibidem.

Finalmente, Defoe parece contra-atacar os moralistas que condenavam a leitura dos romances:

Resumindo, assim como a narrativa foi cuidadosamente expurgada de qualquer leviandade e libertinagem que continha, assim se aplicou, sempre e com a máxima precaução, a objetivos virtuosos e religiosos. E ninguém poderá encontrar em nós a menor culpa, salvo se a imputarem com manifesta injustiça, ou endereçar-nos a mínima recriminação, a nós ou ao nosso desígnio de publicar esta história<sup>12</sup>.

Alguns poucos anos depois, quando as características do romance já tinham sido consolidadas, os autores já não narravam toda a vida da personagem, mas se detinham em curtos episódios vividos, como é o caso de *Manon Lescault* e *A dama das camélias*. A veracidade dos fatos, por conseguinte, era obtida com prólogos nos quais os narradores diziam ser aquele relato fruto de uma confissão, de diários, de cartas encontradas etc.

Vale ressaltar, ainda, que é forte a tendência, entre críticos (como é o caso de Lúcio Cardoso<sup>13</sup>), de ver nas obras de Defoe referências ou dados autobiográficos ou ainda de relacionar as personagens a pessoas que viveram naquela época. Essa hipótese, que minimiza a importância das obras de Defoe, provavelmente se deve aos intentos do

---

<sup>12</sup> Idem, op. cit., p. 15.

<sup>13</sup> Na introdução de *As confissões de Moll Flanders*, Lúcio Cardoso afirma que Defoe “escreve um prefácio, avisando aos leitores que aquilo eram documentos que tinham vindo parar nas suas mãos. Deste modo está para sempre estabelecida a confusão entre a Moll Flanders real e a fictícia. Pois ainda mais real é a existência de Mary Frith, conhecida mundialmente por ‘Moll, a cortadora de bolsas’ famosa gatuna cuja celebridade vem desde o ano de 1668. Morreu extremamente velha, tendo vivido em contacto com todas as grandes figuras do seu tempo, inclusive Shakespeare. Vejamos o retrato que dela nos traça Granger, no *Suplemento da história biográfica*: ‘Mary Frith, ou Moll, a cortadora de bolsas, nome sob o qual foi conhecida, era uma mulher de espírito masculino, que cometia, sòzinha ou acompanhada por cúmplices, quase todos os crimes, tendo participado das piores loucuras e excentricidades de ambos os sexos. Morreu de hidropisia, com a idade de 75 anos’ [...] Comparada com a heroína do romance de Daniel Defoe, a famosa gatuna da velha Inglaterra apresenta extraordinárias semelhanças. Todo mundo sabe que a história de Robinson Crusoe, pelo menos no plano geral, é extraída da narração de Alexandre Selkirk, naufrago da ilha de Juan Hernandez. Do mesmo modo, a história de Moll Flanders repousa na existência de Moll, a gatuna”. Lúcio Cardoso. “Daniel Defoe”. In: Daniel Defoe, *As confissões de Moll Flanders*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965, p. 10. Fica a pergunta: Defoe realmente conseguiu o seu intento (ludibriar seus leitores para que estes acreditassem na existência da personagem), fato que permaneceria até hoje, ou Moll Flanders realmente existiu, e sua obra não passa de uma transcrição, sem criação alguma?

autor, que procurava convencer não só que se tratavam de relatos, teoricamente, verídicos, mas também se isentar de responsabilidade com relação às ações de suas personagens.

A verossimilhança era de extrema importância nessa época. Era preciso convencer o leitor de que ele lia uma história verídica. Seria esta a narrativa da vida de Moll Cut-Purse? A princípio não, já que na obra Defoe deixa claro que se trata apenas de uma referência a uma ladra da época e não à narrativa de sua vida, como alguns acreditam. Pessoa e personagem não podem se confundidas<sup>14</sup> (“E, em pouco tempo, graças à minha cúmplice, tornei-me uma ladra tão desavergonhada e hábil como jamais havia sido Moll, célebre batedora de carteiras, embora, se a fama não é falsa, eu não fosse tão bela quanto ela”<sup>15</sup>). Afinal, Defoe sabia distinguir não-ficção de ficção.

O que ele pretendia, então, ao batizar sua protagonista e seu romance com o nome de uma famosa ladra da época? Defoe evoca-a para definir e caracterizar sua personagem e para, talvez, ludibriar seus leitores. Esses intentos ainda hoje influenciam tanto a leitura, quanto a análise de sua obra. Talvez esse expediente servisse, de certa forma, como um atrativo: ao colocar o nome de uma ladra na capa, os leitores da época já iriam imaginar que se tratava do relato de uma marginal, e isso deveria instigar a curiosidade desses leitores não-excluídos.



Leonard Defrance, *À l'égide de Minerve: la politique de tolérance de Joseph II favorisant lès encyclopédistes.*

Dijon, Museu de Belas-Artes (1780)

<sup>14</sup> Ao que tudo indica, a vida dessa ladra está descrita no livro *The history of the lives of the most noted highway-men, foot-pads, shop-lifts and cheats of both sexes* (1714). A autoria desse livro não é certa, mas há indícios de que Defoe o tenha escrito.

Como todos esses fatores presentes quando da formação do romance influenciam todas as obras de Defoe, esse trabalho irá analisar a obra *Moll Flanders* levando em consideração que se trata de uma obra ficcional, embora não desprendida de referências políticas, econômicas e sociais.

## **Brechas**

Talvez para evitar ataques dos moralistas, ou para se resguardar de críticas, ou por não revisar seus próprios livros ou ainda para parecer verossímil, já que se trata de um romance memorialístico, *Moll Flanders* apresenta uma série de lacunas e contradições. Apesar de dificultar a análise, isso é justamente a graça do livro.

Sei que exagero, mas a impressão que o livro dá é que para cada afirmação, há uma ressalva, mais ainda, que tudo é dito com base em impressões, mesmo informações relativas à própria protagonista. Vejamos o relato do início de sua vida:

Não sou capaz de dizer de que modo vim parar entre eles ou como os abandonei.

Foi em Colchester, no Essex, que esses indivíduos me abandonaram; e tenho a sensação de que fui eu quem os abandonou (quer dizer, fiquei escondida e não mais quis segui-los), mas não posso precisar nada a esse respeito<sup>16</sup>.

Num parágrafo, ela afirma que não sabe como abandonou os ciganos com quem viveu seus primeiros anos de vida, porém no parágrafo seguinte descreve como os deixou. Contudo, ela abre o parágrafo com uma ressalva, não sabe se foram eles que a abandonaram ou ela que os deixou. Tudo fica em aberto. Ainda relativo à sua infância, ela afirma que:

Disseram-me que numa nação vizinha, na França ou noutro lugar qualquer, não sei bem, existe uma ordem do rei a respeito do condenado à morte, às galeras ou à deportação. Caso o criminoso deixe filhos, geralmente sem recursos,

---

<sup>15</sup> Daniel Defoe, *Moll Flanders...*, p.197. No original temos: “and in a little time, by the help of this Confederate I grew as impudent Thief, and a dexterous as ever *Moll Cut-Purse* was, tho’ if Fame does not belie her, not half so Handsome” (Daniel Defoe, *Moll Flanders*. Londres, Penguin Classic, 1989, p. 266.

<sup>16</sup> Daniel Defoe, *Moll Flanders...*, p. 20.

porque ele é pobre ou teve seus bens confiscados, essas crianças são imediatamente postas sob a proteção do governo, numa instituição de caridade denominada “orfanato”, onde são educadas, vestidas, alimentadas e instruídas. E, quando chega a época de saírem, são empregadas como aprendizes ou domésticas, estando então aptas a ganhar a vida honestamente, através de suas habilidades.

Se esse fosse o costume de nosso país. Eu não teria sido uma moça desolada, abandonada sem amigos, sem roupas, sem nada, sem ninguém que me auxiliasse, como aconteceu, razão por que eu fui não somente exposta a grandes desgraças, antes mesmo de poder compreender minha situação ou de saber como remediá-la, mas também levada a uma existência escandalosa em si própria e cujo curso normal leva, de uma só vez, a alma e o corpo a uma rápida destruição<sup>17</sup>.

Aqui temos dois pontos interessantes. Primeiramente, ela não consegue dizer ao certo que lugar apresenta esse modelo de assistência social a ser seguido. Junto a isso, ela afirma que se seu país contasse com tal programa, ela não teria se tornado uma licenciosa. Ora, poucos parágrafos adiante, ela nos conta que foi recolhida pela paróquia de Colchester e enviada para uma “pensão”, onde foi educada, alimentada e vestida. Aprendeu a costurar e trabalhou como criada na casa de seu primeiro marido. Temos aqui nova contradição. Afinal, ela teve a infância que acabara de reivindicar, mas isso não influenciou seu comportamento. Mais ainda, teve a mesma vida, a mesma conduta e o mesmo destino da mãe<sup>18</sup>.

Quanto a sua mãe, temos aqui novas lacunas e contradições. Ela afirma que não sabe ao certo a sua origem (“os pormenores são demasiadamente longos para serem repetidos, e eu os ouvi narrados com tanta diversidade que não estou certa de qual tenha sido a versão exata<sup>19</sup>”). Contudo, para provar para sua mãe que realmente é sua filha, Moll lhe conta sua história. Após o choque, a mãe questiona a filha: há brechas no relato, logo não se pode ter certeza de que seria sua filha. A isso, Moll retruca dizendo que: “refresquei-lhe então a memória, citando vários pontos que eu supunha que tivesse deixado

---

<sup>17</sup> Idem, op. cit., pp. 19s.

<sup>18</sup> A mãe de Moll também foi uma ladra, presa por roubar peças de fino tecido e deportada para a Virgínia. Podemos observar aqui uma crítica à sociedade, pois, apesar de terem se passado tantos anos, Moll teve o mesmo destino da mãe.

<sup>19</sup> Idem, op. cit., p. 20.

de lado por esquecimento, e, assim, reconstruí o relato com tanta precisão que não lhe foi possível fugir do problema<sup>20</sup>”. Aqui temos até um problema de coerência: como ela poderia conhecer sua história tão detalhadamente se era tão pequena e se nunca a soube ao certo? Enfim, o livro está repleto de lacunas que, apesar de influenciarem diretamente a análise do livro, ela a dificulta. Este trabalho é um exemplo disso.

Todavia, acredito que como Defoe ansiava pela verossimilhança, as brechas, não só são importantes, como são necessárias. Afinal, a memória, fio condutor da narrativa, é falha, apresenta brechas, imprecisões e incoerência<sup>21</sup>.

## **A camaleoa**

### **A questão do nome**

Moll Flanders aparece em toda a obra como um ser mutante, capaz de se adaptar a qualquer ambiente e situação. Ela muda. Talvez isso tenha sido um dos aspectos que mais me chamou a atenção, sua capacidade de mudar: de nome, de lugar, de aparência etc. De todos, a mudança de nome me é a mais curiosa.

Uma das características humanas mais marcantes é a capacidade de nomear o mundo. Contudo, nesse mundo de lacunas, não temos o verdadeiro nome da protagonista, mas apenas seu apelido. Ora, o nome de batismo tem motivos diversos, já o apelido tem o poder de revelar o caráter da pessoa, aquilo que nela mais se destaca, pois lhe é atribuído por conhecidos já na idade adulta. Dessa forma, o apelido dado à protagonista (Moll Flanders) deve conter algumas sugestões que valem a pena serem recuperadas. Começarei pelo primeiro apelido.

*Moll*, na gíria da época, significava mulher de baixa reputação ou namorada de criminoso<sup>22</sup>. Ademais, também fazia referência à Moll Cut-Purse. Essa referência é proposital. Defoe evoca o apelido dessa ladra em um livro cuja protagonista recebe o mesmo apelido: Moll. Para os leitores da época, ficava clara a sugestão de que Moll era sinônimo de ladra bem sucedida, ou seja, capaz de roubar sem ser percebida e sem ser pega.

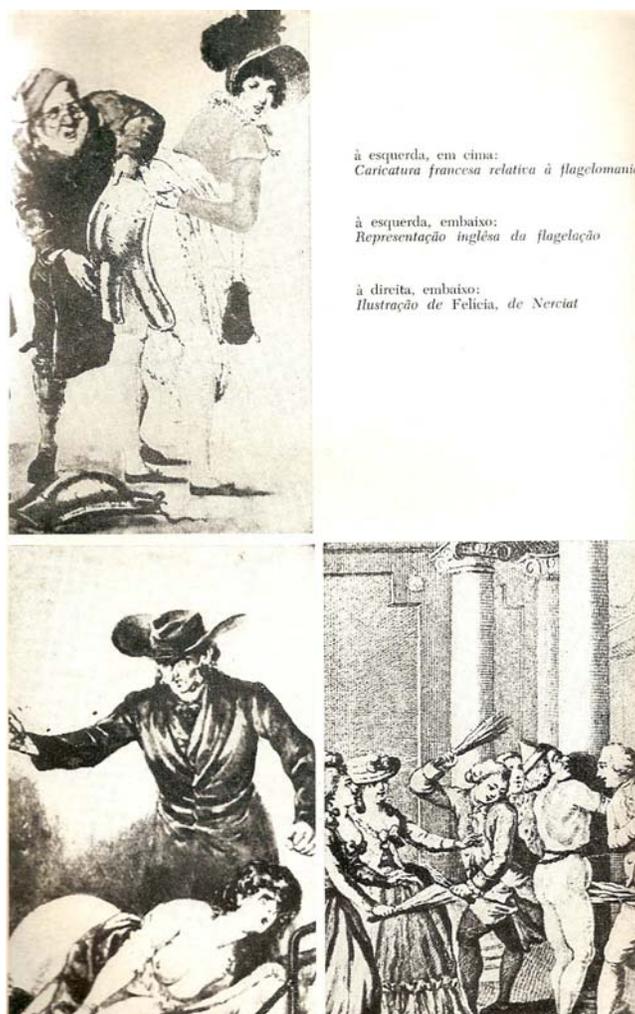
---

<sup>20</sup> Idem, op. cit., p. 100.

<sup>21</sup> Em um importante tratado sobre o comportamento obsessivo (*O homem dos ratos*), Freud mostra as peças que a memória nos dá. Sei que esse tratado é muito posterior à obra aqui analisada, mas, se o leitor estiver incrédulo quanto a essas brechas, vale a pena conferir.

<sup>22</sup> <http://www.websters-online-dictionary.org/>

Lembremos também que, no século XVIII, a posição erótica “one of Posture Moll’s scholars” era muito popular. Vale ressaltar ainda que Posture Molls referia-se a mulheres que “trabalhavam” em casas de flagelação (muito comuns e procuradas na época, um atrativo a mais nos bordéis). Quando não estavam flagelando seus clientes, era comum subirem nas mesas nuas para mostrar seus encantos aos presentes. Junto a isso, tem-se que em Covent Garden localizava-se um dos mais famosos cafés, o *Tom and Moll Kings’s*. Como lá se reuniam pessoas de diversas classes sociais até tarde, as prostitutas podiam procurar por clientes. Fica fácil perceber a ligação existente entre o nome Moll e a prostituição.



Seu segundo apelido, *Flanders*, também está repleto de sugestões. Desde a Idade Média, as mulheres flamengas são conhecidas como ótimas costureiras e rendeiras

(as mais belas rendas vinham de Flandres). No entanto, desde essa mesma época, as mulheres flamengas eram tidas como as melhores prostitutas da Inglaterra<sup>23</sup>. É preciso aqui fazer uma pequena pausa para podermos observar melhor esses detalhes. Moll, quando criança, é recolhida numa espécie de orfanato. Lá ela aprendeu a ler e a costurar. Quando ameaçada de ser retirada de lá para trabalhar como criada, Moll sugere à protetora que faria os “trabalhos de agulha” e fiaria a lã (sendo que isto era um dos principais geradores de emprego de Essex). Temos aqui, então, o primeiro motivo anunciado. O seguinte fica fácil: Moll se reconhece prostituta, tanto que, em Mint, ela própria adota o nome de *Flanders* (“Dirigi-me também ao Mint, alojei-me num lugar muito escondido, coloquei roupas de viúva e passei-me por sra. Flanders”<sup>24</sup>).

Mint era um bairro de Londres conhecido por abrigar bandidos, operários, pobres, devedores, prostitutas etc. Era o bairro procurado por quem precisasse fugir ou se esconder (caso de Moll, que ficou marcada pelas dívidas do segundo marido). Moll está ali para se esconder, mas logo ela percebe que, naquele lugar, mulher bonita acaba despertando interesses: “Contudo, eu me preservei, se bem que começasse – como a amante de Lord Rochester, que amava sua companhia mas não lhe concedia nada de mais – a ter a reputação de prostituta”<sup>25</sup>. Aqui podemos ver claramente que ser tachada como prostituta, muitas vezes, não estava relacionado ao fato de realmente se prostituir. Todavia, esse trecho não deixa de ser um tanto irônico: como a amiga podia ser a amante de Lord Rochester se ela não lhe “concedia nada de mais”?

Entretanto, é necessário retomar esse mesmo trecho no original para que eu possa já despontar a solução da questão aqui colocada: “However, I kept myself Safe yet, tho’ I began like my Lord Rochester’s Mistress, that lov’d his Company, but would not admit him farther, to have the Scandal of a Whore, without the Joy”<sup>26</sup> [grifo meu]. Nesse pequeno trecho, que não aparece na tradução, temos uma série de implicações, sendo que estas serão melhores desenvolvidas durante este trabalho. Por ora, basta dizer que Moll não tinha as características nem o comportamento de uma prostituta ordinária, por isso ela dizia

---

<sup>23</sup> Ver: Lujo Bassermann, *The oldest profession: a history of prostitution*. Londres, Arthur Barker, 1967.

<sup>24</sup> Daniel Defoe, op. cit., p. 70.

<sup>25</sup> Idem, op. cit., p. 70.

<sup>26</sup> Idem, *Moll Flanders* (original), p. 109.

que começava a ter a reputação, porém sem os prazeres. Tinha a reputação por morar em Mint. Contudo, ela realmente era uma prostituta, mas sua prostituição é diferente.

Ao se mudar de Mint, Moll resolve mudar também de nome, curiosamente ela não nos conta qual foi o novo nome adotado. Isso nos indica que não era interessante, ou mesmo desejável, que o leitor conhecesse sua outra denominação que não aquela do título. No decorrer do livro, aparece salpicada a denominação *Moll Flanders*, citarei alguns momentos: quando começa a roubar em parceria, seus comparsas não sabem seu verdadeiro nome ou moradia, apenas a conhecem por *Moll Flanders*; ao ser confundida com outra ladra, Moll é detida pelo comerciante e levada diante do juiz, para ele afirma chamar-se Mary Flanders; quando seus companheiros foram presos, afirmaram para a corte que a Moll Flanders os ajudava, ela diz que foram eles que assim a nomearam, sem saberem que um dia ela já se fez chamar por Flanders; ao ser presa em Newgate, os criminosos, satisfeitos com sua prisão, passam a chamar-lhe de madame Flanders, madame Mary, madame Molly e Moll Flanders; finalmente, ao se encontrar com James na prisão, afirma-lhe que foi confundida com a famosa Moll Flanders e que esse não era seu verdadeiro nome. Chamou-me a atenção alguns aspectos aqui presentes. Foi somente na primeira página que ela se reconheceu *Moll Flanders*, a ponto de dizer que iria assim se auto-denominar no decorrer da narrativa. Todavia, durante o relato, ela nunca assumiu o apelido, *Moll Flanders*.

De modo simplificado, podemos dizer que Moll significa prostituta e ladra e Flanders, prostituta e costureira. Assim, o nome e título da obra já apontavam ao leitor da época o que ele podia esperar da obra e da protagonista: a história de uma mulher que começa a vida honestamente como costureira, mas acaba por se tornar prostituta e ladra.

Acho que é válido agora fazer um breve parágrafo sobre outras duas denominações dadas a ela: mrs Betty e sra Cleave. Ao que tudo indica, Betty era um apelido dado às empregadas de uma forma em geral, já Cleave tanto atualmente quanto na época carrega uma carga obscena, significando mulher lasciva.

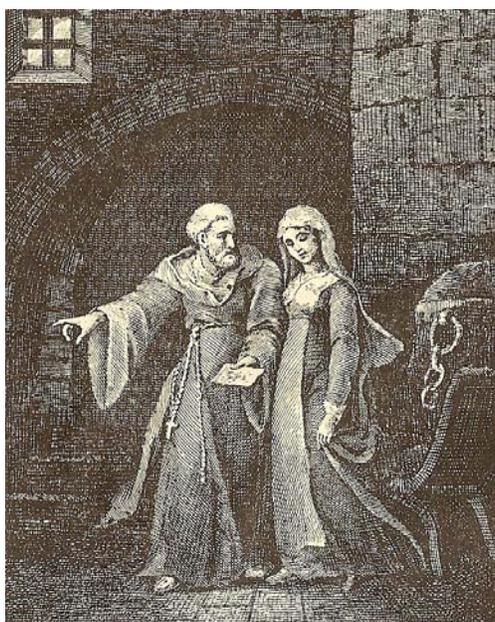
De uma forma em geral, o que mais me espantou em relação ao nome é a quantidade de páginas em que a protagonista não fala seu nome. Mais ainda, nas lacunas, brechas e desvios que teve de fazer para que não fosse necessário dizer seu nome. Isso é tão

bem feito, que um leitor desavisado pode não reparar nesse pequeno detalhe: a falta de nome. Isso seria quase que a presença da ausência; uma ausência que não incomoda.

### **A questão da aparência**

No tocante à aparência, dois pontos me chamaram a atenção: o disfarce e o envelhecimento da protagonista.

Para atingir seus objetivos, seja ele se esconder ou roubar, Moll assume diversos papéis e disfarces, desde uma inofensiva viúva até uma grande dama. Isso se dá em diversas passagens. Em Mint, ela coloca roupas de viúva para poder fugir dos credores do seu segundo marido. Numa outra passagem, disfarça-se de criada para poder ter notícias do seu amante de Bath; já, para tentar se casar novamente, Moll se passa por uma viúva rica. Para não levantar suspeita, toda vez que saía para roubar, Moll se vestia bem, levava dinheiro e relógio, para que, caso fosse pega, pudesse alegar engano, pagando pelo que roubaria. Contudo, um episódio em particular me é extremamente delicioso: quando se disfarça de homem e se associa a um jovem para tentar novos roubos. Foi justamente por esse disfarce que Moll se safou da prisão: seu companheiro, após roubar algumas peças de tecido, foi perseguido e preso; quanto a Moll, ela também foi perseguida, mas não acharam homem algum, ficando a salvo de qualquer problema.



Desenho de Louthembourg, gravado por Leney. Cena de *Medida por medida* (Shakespeare), ato IV, cena 3.

O disfarce é um tópico comum na literatura. Shakespeare já usava com uma certa frequência esse recurso. Com isso, ela é capaz de circular pelas diversas camadas da sociedade, analisando-a, avaliando-a. O curioso é que ela consegue se adaptar a seus diversos papéis e disfarces. Isso nos remete à grande mobilidade de Moll durante a narrativa. Ela circula tanto entre cidades, países e até continentes, quanto entre classes sociais. Assim, ela consegue ter uma ampla visão de tudo o que ocorre na sua sociedade através da vivência, e isso a torna crítica, de modo que sua opinião toma um caráter elevado (tendo sempre um argumento de autoridade), pois, como ela viveu naquele lugar ou naquela classe, ela pode fazer comentários com propriedade. Logo, a trajetória acaba sendo um dos grandes motivadores da narrativa, já que não é apenas uma trajetória de uma viagem geográfica, mas é a história de uma trajetória de vida, de aprendizado.

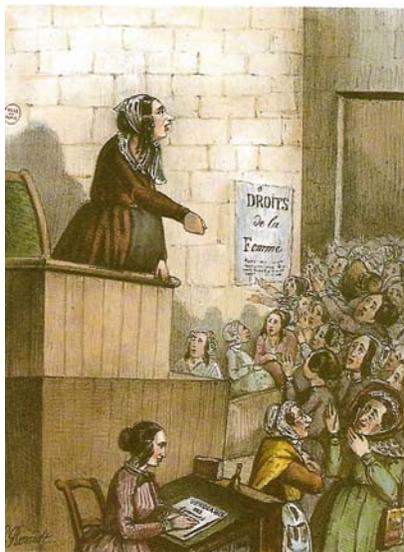
Ao que tudo indica, o travestismo fazia parte do cotidiano inglês. No final do século XVII, observa-se um crescente aumento de textos que abordam essa temática, consolidando-se no século XVIII. A possibilidade de se ter experiências, oportunidades ou até mesmo direitos e deveres exclusivos de um gênero incitava o travestismo. Foram poucos os homens que se travestiram, porque não lhes era vantajosa a condição feminina, além de tal prática ser condenável (os homens pegos eram acusados de sodomia). Quanto às mulheres, quando travestidas, tinham mais mobilidade e maiores chances de serem empregadas (com melhores salários). Ademais, as mulheres, quando pegas (principalmente quando tentavam se casar com outra mulher, como mostram os registros jurídicos da época) eram apenas processadas por fraude<sup>27</sup>.

Com isso, podemos nos questionar acerca da função de cada gênero na sociedade e como um travestido podia ser bem sucedido. No caso feminino, principalmente nessa época, é consenso entre os estudiosos que isso denunciava a renúncia do papel materno e matrimonial imposto às mulheres e a opção delas pela condição socioeconômica masculina. Isso é de certa forma problemático, pois essa nova classe social tentava delimitar o papel de cada um na sociedade. Ao tentar ter função fora do ambiente familiar, a mulher transcende seu papel sexual, dificultando a definição de gênero. O travestismo,

---

<sup>27</sup> Sobre esse assunto, vale a pena conferir o artigo de Friedli “‘Mulheres que se faziam passar por homens’: um estudo das fronteiras entre os gêneros no século XVIII”. In: G.S. Rousseau e R. Porter (orgs.). *Submundos do século no iluminismo*. Rio de Janeiro:Rocco, 1999.

tanto na vida real quanto na literatura, é uma transgressão, sendo que, ao se ultrapassar os limites do aceitável, acaba por definir novos limites. Finalmente, temos a impressão de que esses papéis estão atrelados mais aos ornamentos e vestimenta, do que pela capacidade intrínseca de homens e mulheres.



*Clube dès femmes*, Museu Carnavalet, 1848.

Outro ponto interessante é a passagem do tempo marcada na narradora. Apesar do livro ser autobiográfico, narrando desde a infância até a velhice, não é usual mostrar o envelhecimento da protagonista. Isso se dá de maneira gradual. Podemos citar como exemplo as seguintes passagens: aos 18 anos, comparando-se com as irmãs de Robin, afirma que “antes de mais nada, eu era a mais bonita; em segundo lugar, era mais bem-feita; e, em terceiro, cantava melhor<sup>28</sup>”; ao término do terceiro casamento, diz que “tinha a reputação, justa ou injustamente, de ser bem distinta, bela, espiritual, modesta e desejável<sup>29</sup>”; “eu estava longe de ser velha e meu humor, que sempre foi alegre, continuava a sê-lo<sup>30</sup>”, afirmara quando do início de seu caso com o amante de Bath; “Mas é preciso ter em conta que eu não era mais a mesma mulher que vivia em Ratcliff: Primeiramente, tinha vinte anos a mais, e a idade, mais as viagens de ida e volta à Virgínia, não me haviam favorecido muito. E, embora eu não negligenciasse nada que me pudesse valer, com exceção do carmim, a que jamais recorri, tendo bastante orgulho para pensar que não

<sup>28</sup> Idem, *MollFlanders* (traduzido), pp. 29s.

<sup>29</sup> Idem, op. cit., p.83.

precisava disso, mesmo assim dá para notar sempre a diferença entre vinte e cinco e quarenta e dois anos<sup>31</sup>”, diz Moll antes de fazer um acordo matrimonial com o banqueiro. Quando ele morre, Moll fica desesperada, pois “os belos tempos em que podia capitalizar, ser cortejada como amante, haviam passado. Este papel acabara, e de tudo isso sobravam as ruínas<sup>32</sup>”, assim a única saída que lhe resta é o roubo; inesperadamente, Moll consegue um amante, “Eu apresentava ter dez ou doze anos a menos do que tinha realmente; no entanto, não era mais um broto de dezessete anos e isso era fácil de ver<sup>33</sup>”; ao encontrar esse amante, ela se preocupa com a aparência e pela primeira vez tenta disfarçar os sinais de velhice, “vesti-me o melhor que pude, e, pela primeira vez em minha vida, pinteime. Digo pela primeira vez, porque nunca havia feito isso antes, acreditando que não necessitasse disso<sup>34</sup>”; ao voltar para a Virgínia, já casada com James, afirma que “gostava muito do calor, e agora, mais idosa, procurava evitar ao máximo um clima frio<sup>35</sup>”; finalmente, ela termina o livro dizendo que “envelhecemos os dois [...] não obstante todas as fadigas e misérias que atravessamos, temos boa saúde e ótimo ânimo<sup>36</sup>”.

Esse interessante recurso deixa o livro verossímil, pois nos mostra uma narradora que passa por todas as dores e desventuras a que os homens são submetidos. Isso porque, diferentemente das protagonistas românticas, idealizadas e perfeitas, Moll, assim como nós, também envelhece, passa por privações, problemas e dificuldades emocionais e financeiras. Com isso, ela se torna mais convincente, próxima. Em uma única palavra: humana.

### **A roda da fortuna**

Era de se esperar, por conta do debate existente entre os defensores e detratores do romance, que Defoe se atentasse para as penitências, mostrando os nobres motivos de uma vida regrada e moral, mas não é o que se lê em *Moll Flanders*.

---

<sup>30</sup> Idem, op. cit., p. 108.

<sup>31</sup> Idem, op. cit., p. 128.

<sup>32</sup> Idem, op. cit., p. 185.

<sup>33</sup> Idem, op. cit., p. 220.

<sup>34</sup> Idem, op. cit., p. 228.

<sup>35</sup> Idem, op. cit., p. 306.

<sup>36</sup> Idem, op. cit., p. 320.

Deliciosamente, o autor usa mais páginas para descrever os momentos de revés, em que a personagem está em desacordo com os preceitos pregados pela sociedade, do que os momentos em que está em conformidade com eles. Estes são descritos de forma rápida e resumida. Possivelmente, Defoe julgava essa fase desinteressante, já que ele sempre a colocava em lugares reclusos, sem emoções, e poucas palavras destinava a essas etapas da vida de Moll.

Contudo, o que mais me chamou a atenção foi o fato de Moll aceitar seu destino sem se lamentar. Para tentar entender isto, é preciso dizer que o livro é composto por basicamente duas protagonistas, duas Molls: uma é jovem, viveu intensamente a vida; a outra é velha, penitente e reflete sobre sua vida enquanto a recorda. Assim, se nos atentarmos para o discurso moralizante presente no livro, iremos escutar a voz de uma Moll arrependida, que, por isso, repreende a si mesma pelos momentos vividos. Sem isso, temos uma Moll jovem, que não se lamenta pelos seus atos. Tanto que, em momento algum, ela reivindica seus direitos ou se revolta contra aqueles que a deixaram na miséria. Ela não os perdoa nem condena, parece até mesmo ver isso como um processo natural da vida.

Lembro-me que esse foi um dos motivos que mais me encantou nesta obra, que me fez querer estudá-la. Lembro ainda que ao comentar isso com minha orientadora, ela sabiamente chamou esse processo de “Estética da Alegria”, pois, a todo momento, a todo revés da sorte em que Moll, que tinha conquistado uma vida estável, perde tudo, ela encara esses fatos com otimismo. Tal característica permeia todo o livro, porém ela fica mais evidente nas cenas que seguem à ruptura dos casamentos/concubinatos e quando ela está presa. Nesses momentos, ela demonstra ser dona de uma capacidade incrível de superar esses acontecimentos fatídicos e de uma grande disposição para recomeçar tudo novamente. É justamente isso que parece deixar a narrativa, apesar dos inúmeros crimes de sua protagonista, leve e, porque não, alegre e divertida.

Ainda sobre isso, esses dois momentos distintos, de concordância com a sociedade e de revés, revelam-nos também a forma como a protagonista encarava sua comunidade. Nos momentos em que ela está de acordo com os preceitos da época, casada, ela está livre de julgamentos, mas sua liberdade é restrita, pois a dependência econômica sempre restringiu a liberdade do dependente; já nos momentos em que Moll está realmente livre, ela pode circular pela sociedade como lhe aprouver (seja vestida como grande dama,

como homem ou até como mendiga), porém essa liberdade tem um preço, tendo em vista que, de qualquer modo, é uma espécie de transgressão do permitido. Ela é livre para circular, para roubar, sem prestar contas a ninguém, a homem algum, mas o preço é alto: se a capturarem, ela pagará com a própria vida.

Temos aqui, portanto, uma protagonista transgressora, que conhece os limites dados pela sociedade para as mulheres, mas que não os aceita sem antes testá-los ou contestá-los. Um exemplo claro disso é o episódio da “noiva do capitão”. Moll, por meio de artimanhas, ajuda a amiga a casar com o pretendente escolhido, afirmando que as mulheres devem saber se dar o devido valor e respeito, pois o sistema do dote só é válido porque elas o aceitam, perpetuando-o. Nesse episódio, ele as ensina a manipular esse sistema em benefício próprio.

Contrariamente ao esperado, ora ela está bem, estável e presa, ora ela está no submundo, porém livre. Isso porque, ao se enquadrar nos moldes sociais, Moll não pode contestá-los, devendo viver de acordo com os preceitos instituídos, porém fica livre de julgamentos, condenações sociais, fome e miséria; já quando está pobre, em busca de casamento ou na vida criminosa, Moll está livre, pode fazer o que lhe aprouver, pois a censura não lhe atinge mais: por estar renegada, marcada pelo submundo, os crimes a esse somado são indiferentes. Assim, prisão e liberdade não são conceitos estáticos, mas dependem do referencial. A própria Moll explicita essa questão ao afirmar que “compreendia muito bem, pela necessidade que experimentava, o que valia uma vida regular, e não faria nada que pudesse alterar-lhe a felicidade<sup>37</sup>” ou que “se é mais feliz numa vida virtuosa e séria do que numa de prazer<sup>38</sup>”.

A roda da fortuna está presente e atuante em todo o romance. Isso se deve, provavelmente, à dinâmica que as cenas aventurescas, proporcionadas pelos crimes e buscas de casamento, dão à narrativa, seja porque essas cenas estão carregadas de emoção, seja porque só nesses momentos de transgressão ela se torna livre para circular pelas várias esferas, manipulando o sistema e a sociedade. Com isso, Defoe consegue expor, para seus leitores, uma espécie de análise contundente de todas as camadas sociais.

---

<sup>37</sup> Idem, op. cit., p. 129.

<sup>38</sup> Idem, op. cit., p. 183.

Justamente pelo tratamento dado, isso nos dá a impressão de que Defoe valorizava muito mais os momentos de revés. Para desfazer tal impressão, principalmente para os leitores e depreadores do romance da época, Defoe afirma que:

Acredito que muitos dos que se divertiram com os episódios desregrados e culpáveis de minha história possam não gostar disto; entretanto, é a coisa melhor e mais vantajosa que há para mim, e a mais instrutiva para os outros. Espero, porém, que mesmo esses me dêem a liberdade de poder fazer tal afirmação. A esses leitores valeria dirigir uma crítica, porque sentem mais prazer no crime do que no arrependimento, ou prefeririam que o fim de minha história fosse uma tragédia<sup>39</sup>.

Com isso, ele consegue defender seu romance, ensinar os leitores a como ler esse livro e justifica seu final. Não obstante, acredito que ele não foi muito convincente em seus argumentos. Se se levar em consideração toda a obra, podemos dizer que Moll foi premiada pela vida desregrada que teve, afinal, apesar de todos os crimes cometidos, ela termina sua vida como uma senhora digna, respeitável, casada e, principalmente, rica. Com o tempo, acredito que isso acabou se tornando inaceitável. Basta observar o final de obras como *Roxana*, *Manon Lescault* e *A dama das camélias*, todas com a mesma tópica de *Moll Flanders*. Todas as protagonistas dessas obras são punidas pelos seus crimes, inclusive com a morte (no caso das duas últimas obras). Ademais, a impressão que se tem é a de que posteriormente a tendência geral era a de se escrever livros sobre mulheres modelo de moral e conduta, exemplos a serem seguidos pelas leitoras, como é o caso de *Paulo e Virgínia*, e não de mulheres marcadas pelo vício e crimes.

### **A dona da história**

Embora em *Moll Flanders*, no prólogo, seja dito que o texto passou por uma revisão para limpá-lo das expressões de antiga prisioneira (e aqui o texto fala de prisioneira e não de prostituta), a narradora é a própria Moll Flanders. Assim, apesar de ser um texto mediado, *Moll Flanders* é romance escrito em primeira pessoa, de modo que a personagem pode demonstrar consciência e refletir sobre os atos que ela própria praticou,

---

<sup>39</sup> Idem, op. cit., p. 278.

não sendo, assim, uma simples personagem do discurso de terceiros (o que a tornaria “sujeito assujeitado”). Por esse motivo, ela está ciente da sua condição: uma mulher que sofria uma drástica mudança social, política e econômica:

*Moll Flanders* é uma narrativa em primeira pessoa, em tom de confissão, da trajetória de uma personagem feminina das classes subalternas, em busca da sobrevivência e da ascensão social, na Inglaterra de começos do século XVIII, de começos do desenvolvimento da indústria manufatureira e de crescimento das cidades<sup>40</sup>.

Logo, ao assumir, não só o relato, mas o governo de sua própria vida, Moll se torna responsável e consciente de todos os seus atos. Ao fazer suas escolhas, ela sofre ou obtém recompensas. De qualquer forma, sua glória e seu tormento devem-se exclusivamente a ela própria, não sendo possível culpar outrem pelo que advir de suas ações.



Cristian Clausen. *Femme devant um écritoire fleuri*.

---

<sup>40</sup> Valéria De Marco, *O império da cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 77.

Ela é a dona de seu destino. Isso pode ser observado em toda a obra, porém há trechos em que isso fica evidente, como no episódio em que encontra James na prisão. Após escutar seu relato, ela afirma que: “contou-me de forma tão circunstanciada suas aventuras que é com grande relutância que não as repito aqui, só porque considero este livro a minha história e não a dele<sup>41</sup>”. Ela reconhece seu papel, na obra e na sociedade, e não se deixa minimizar, seja se tornado um personagem secundário, seja se tornando inferior ao homem. É Moll quem sugere a seu irmão a mudança para a Virgínia; é ela quem decide voltar à Inglaterra; é Moll quem pede ao amante de Bath para que se deite com ela e que vivam como marido e mulher. Ambos, Moll e James, decidem voltar a Inglaterra, pois decidiram *juntos* passar lá o resto de seus dias. Dessa forma, Moll coloca em patamares iguais homens e mulheres.

---

<sup>41</sup> Idem, op. cit., p. 285.

A prostituta



*The moneylender and his wife.* MASSYS, Quentin (1514)

Venturas e Desventuras da Famosa  
MOLL FLANDERS & Cia.

que viu a luz nas prisões de Newgate  
e que, ao longo de uma vida rica em vicissitudes,  
a qual durou três vezes vinte anos,  
sem levar em conta sua infância,  
foi durante doze anos prostituta,  
durante doze anos ladra,  
casou-se cinco vezes  
(uma das quais com seu próprio irmão),  
foi deportada para a Virgínia  
e que, enfim, fez fortuna, viveu muito  
honestamente e morreu arrependida;  
vida contada segundo suas próprias memórias.

## Introdução

Logo no início da sua obra, Defoe nos apresenta em poucas linhas um resumo perfeito do enredo que envolve a sua protagonista.

Contava ela com 48 anos, após a morte de seu quinto marido, quando realizou seu primeiro furto. Movida pelo desespero e pela miséria, Moll rouba, da loja de um boticário, um pequeno embrulho contendo “um enxoval de recém-nascido muito bonito, em muito bom estado, de renda fina. Havia uma vasilha, um pequeno pote de prata e seis colheres, junto com roupas, uma boa camisa e três lenços de seda, e, no pote, embrulhados num papel, 18 xelins e 6 *pence* de prata<sup>42</sup>”. Apesar de ter se arrependido, justificava seu crime, dizendo-se miserável, e continuou a cometê-los com a ajuda, agora, de sua antiga protetora. Fica cada vez mais experiente no “novo ofício” e, como sempre consegue se safar, acaba adquirindo uma certa fama. Os anos de roubo são interrompidos por um concubinato com um homem a quem roubou quando este estava bêbado e, ao que tudo indica, a confundiu com uma prostituta de rua. Todavia, após mais alguns anos dedicados ao roubo, mesmo quando tem o suficiente para se sustentar sem precisar roubar, ela, assim como sua mãe, é pega quando tentava roubar umas peças de brocado. Essa sua vida durou cerca de 40 anos. Ela, então, fica presa em Newgate e é deportada para a América, onde prospera, enriquece e se torna penitente.

Esse retorno às origens (afinal, ela foi presa pelos mesmos motivos que a mãe – roubo de tecido –, voltando assim ao local em que nasceu – a prisão) possibilita um reencontro e a possibilidade de mudança de vida, uma segunda chance. Parece-nos até que seu destino já estava traçado desde que nascera: teria a mesma sorte da mãe. Esse círculo vicioso acaba por manter as pessoas, apesar da ilusão de uma possível ascensão social, proporcionada pelo capitalismo, no mesmo patamar.

Os anos dedicados ao roubo, portanto, foram fáceis de serem percebidos e contados, porém os dedicados à prostituição são um tanto obscuro. Isso porque Moll Flanders não apresenta um comportamento nem próximo das prostitutas de rua nem ao das cortesãs, e isso foi um complicador deste estudo, pois, para entender os motivos que levaram os primeiros leitores da obra a ver como coerente e verossímilante a prostituição de Moll, é necessário entender quais eram os conceitos de prostituição. Tendo como ponto

---

<sup>42</sup> Daniel Defoe, *Moll...*, p.188.

de partida da análise a apresentação dada no início da obra, podemos perceber uma clara divisão entre os anos de prostituição e de roubo (“foi durante doze anos prostituta, durante doze anos ladra, casou-se cinco vezes”). Dessa forma, acredito que seria interessante analisar seus anos antes dos assaltos, ou seja, analisar seus casamentos e seus concubinatos relacionando-os aos propósitos de Defoe.

### **O atual paradigma**

O que caracteriza a prostituição? A resposta mais óbvia seria “a venda do corpo” ou ainda que se trata de “atividade institucionalizada que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais<sup>43</sup>”. Todavia, a esse conceito básico, com o decorrer dos anos, da sociedade e dos costumes, foram acrescentadas novas concepções e outras, excluídas. Dada a mutação que tal conceito sofre, faz-se necessária não só a reflexão acerca desse tema de tempos em tempos, como também a reconstrução de uma determinada época ou comunidade para se apreender o significado desse tema. É que um certo comportamento, que no passado foi característica de prostituição, hoje pode causar estranhamento ou até mesmo ser inverossímil.

Por conseguinte, é necessário repensar não só o campo sociológico, mas também o literário. Mais ainda: o de crítica literária, tendo em vista que ela tomou como dado certo e incontestável a prostituição de Moll Flanders, sem ao menos se questionar quais motivos levaram a protagonista a assim se definir. Encontramos diversos estudos que partem desse pressuposto. Na crítica literária brasileira, pode-se citar os trabalhos de três estudiosos: Sandra Guardini Vasconcelos, Valéria De Marco e Lúcio Cardoso. A primeira, em seu livro *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, afirma que:

Não menos individualista é a orientação de Moll Flanders, a *prostituta* que, assim como os piratas, salteadores e aventureiros que povoam as narrativas de Defoe, é uma pessoa comum, vítima das circunstâncias da vida; uma ladra que, vivendo de pequenos furtos e expedientes, conta apenas com seus próprios recursos para sobreviver e melhorar sua

---

<sup>43</sup> Dicionário Houaiss eletrônico.

condição, entre inúmeros casamentos e contravenções<sup>44</sup> [itálico meu].

Apesar da autora só se referir a essa questão nesse único trecho, pode-se vislumbrar que ela aceita sem contestar a prostituição da protagonista, tendo em vista que essa leitura é a predominante no campo literário. Esse dado também é aceito e desenvolvido por Valéria De Marco que, em uma de suas obras, expõe esse tema da seguinte forma:

A constatação de que esta questão a ser estudada [a cortesã] está em um terreno de intersecção entre uma determinada temática e o desenvolvimento de uma linguagem literária levou-me a incluir um romance precursor [de *Manon Lescault*, *A dama das camélias* e *Lucíola*] — Moll Flanders — chegando assim a um ‘pai fundador’ do gênero<sup>45</sup>.

Lúcio Cardoso também aceita o dado sem o questionar. Isso pode ser percebido no seguinte trecho: “Quem é Moll Flanders? Parece tratar-se de um desses tipos estranhos de aventureiras, meio-prostitutas e meio-atrizes, que tanto floresceram no tempo da rainha Elizabeth<sup>46</sup>”.

Quanto à crítica literária universal, Ian Watt, por ser um dos principais críticos de Defoe, merece destaque. Em seu livro *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*<sup>47</sup>, ele realiza um amplo e valioso estudo acerca do surgimento do romance, dos fundadores desse gênero e de suas principais obras. Embora, em sua análise sobre Defoe, ele aborde principalmente o caráter econômico-financeiro dos protagonistas de seus dois principais romances (*Robinson Crusoe* e *Moll Flanders*), em momento algum ele discute o tema da prostituição de Moll Flanders. Todavia, pode-se dizer que, embasado na seguinte passagem, ele concorda com esse preceito:

Para Moll Flanders os criminosos se dividem em duas categorias: a maioria são depravados que merecem o próprio destino, mas ela e alguns de seus amigos são pessoas

---

<sup>44</sup> Sandra G. Vasconcelos. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 68.

<sup>45</sup> Valéria De Marco, *O império da cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 75.

<sup>46</sup> Lúcio Cardoso, op. cit., p. 9

<sup>47</sup> Ian Watt, *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

essencialmente virtuosas e dignas que não tiveram sorte — *mesmo quando se prostitui Moll continua pura*, pois, afirma, assim age por necessidade e não “por amor ao vício” [itálico meu]<sup>48</sup>.

Clive T. Probyn, em sua análise de *Moll Flanders*, atenta para outros fatos presentes na obra e não desenvolve a questão da prostituição. Contudo, uma pequena frase nos mostra que o crítico é partidário dessa idéia, como os críticos citados:

Defoe nunca justificou a prostituição como uma necessidade social, mas o romance sugere que Moll opera em um mundo completamente definido pelo materialismo e que o funcionamento de uma consciência moral é uma indulgência possível apenas por aqueles que têm um estômago cheio e um teto sobre suas cabeças<sup>49</sup>.

Portanto, para ele, esta análise de *Moll Flanders* é vista como natural ou óbvia. Entretanto, fiquei intrigada. Na maioria dos estudos pesquisados, nenhum questionou os motivos que levaram Moll a se auto-classificar como prostituta, e isso me levou a procurar por textos que tentassem justificar tal classificação. Um exemplo desse último caso é a análise feita por Moahmed Nadi, que é no mínimo inusitada. Para tentar explicar a questão, o autor diz que Moll é uma prostituta porque ela seria “paga” por seus próprios maridos para ter relações sexuais com eles. Eis o trecho:

A escolha pela prostituição, porém, ocorreu apenas porque ela sentia a necessidade de sobreviver. Muitos animais têm esse instinto de sobrevivência. Sempre que ela se casava com um homem, ele tinha de pagá-la para ter sexo, mas sua vida era curta. Com isso, ela tinha de encontrar outra pessoa que tivesse dinheiro para comer e um lugar para morar. Isto porque o sistema legal do século XVIII não permitia que a mulher herdasse qualquer coisa quando seu esposo falecesse. Portanto, *Moll Flanders* tinha de retornar a

---

<sup>48</sup> Idem, op. cit., p. 101.

<sup>49</sup> No original, temos que “Defoe never justified prostitution as a social necessity, but the novel does suggest that Moll operates in a world entirely defined by materialism, and that functioning of a moral conscience is an indulgence affordable only by those with a full stomach and a roof over their heads”. Clive T. Probyn. *English fiction of the Eighteenth Century*. Londres e Nova York: Longman, 1994, p. 40.

vida de crime, aos 48 anos, quando ela não podia mais ganhar a vida fazendo sexo por dinheiro<sup>50</sup>.

Ora, tal explicação é simplista e minimiza todo o debate sobre essa questão. Afinal, ele reconhece que ela não andava pelas ruas em busca de cliente, mas era uma esposa. O curioso é que ele, ao invés de mostrá-la como uma esposa sustentada pelo marido, afirma que este tinha de pagá-la para fazer sexo! Contudo, ele traz uma informação importante e verdadeira: no caso de falecimento do cônjuge, a esposa não tinha direito à herança, caso que aconteceu uma única vez (após a morte de Robin, irmão mais novo, Moll não têm direito à partilha e se conforma com essa situação sem reclamar), pois nos outros casamentos o esposo havia falido, mas não deixara bens ou continuava vivo. Assim, urge a necessidade de se explicar tal fato, os motivos que levaram não só Moll a se classificar de tal modo como também os motivos que levavam os leitores do romance daquela época a aceitarem tal fato como coerente, de forma mais aprofundada e convincente.

Com base nos críticos acima analisados, torna-se fácil perceber que essa leitura é comum no meio literário. Por conseguinte, espero, com este trabalho, analisar a obra e fazer um panorama breve e despretensioso da sociedade inglesa da época para tentar entender os motivos que levaram Defoe a classificar Moll Flanders como prostituta.

### **As diversas uniões e a prostituição**

Parece-me que Defoe tinha uma certa predileção pelos temas que apresenta nesse livro, como a prostituição, o casamento e o amancebamento, ou seja, as relações existentes entre homens e mulheres. Em seu periódico, *The review*, Defoe escrevia sobre assuntos que achava de interesses da comunidade, para tanto travava diálogos com seus leitores por meio das cartas que recebia. Uma delas, porém, é extremamente pertinente: ao ser indagado por uma leitora sobre qual o pior tipo de marido para uma

---

<sup>50</sup> No original temos que: “The choice of going to whoredom, however, was only because she felt the need to survive. Most animals have this instinct to survive. Whenever she would marry a man he would pay her to have sex, but his life would be short. This caused her to have to find another person in order to have money to eat and a place to stay. This was because the legal system in the 18th century did not allow women to inherit anything when their spouses died. Therefore, Moll Flanders had to turn to a life of crime, at the age of forty-eight, when she could no longer earn a living having sex for money”. Moahmed Nadi. *Moll Flanders: a whole summary*. Disponível em <http://www.literatureclassics.com/essays/669/> Acessado em fevereiro de 2004.

mulher, Defoe, após descrever os diversos tipos de homens/maridos, dentre eles o bêbado, o licencioso, o esbanjador, conclui afirmando que:

Acredito que aquele do primeiro tipo ainda não chegou; existe ainda um tipo de marido que é pior que todos os outros e uma senhora sensata fará melhor se se meter com qualquer um desse do que com este, e este é o marido tolo<sup>51</sup>.

Esse conselho nos remete ao início de uma outra obra de sua autoria, *Roxana*, mas tanto nesta quanto em *Moll Flanders* percebemos que Defoe descreve seqüencialmente uma série de tipos masculinos, como fez em seu periódico, objetivando alertar as leitoras para os perigos que cada um deles representa. Assim, acredito que ao trilharmos os passos de Defoe, analisando cada um dos relacionamentos de Moll, chegaremos à resposta para a questão aqui colocada.

### ***Os casamentos e concubinatos***

Inicialmente, pensei em dividir os relacionamentos em dois grupos, casamentos e concubinatos, para poder ter uma melhor visão sobre sua vida amorosa. Todavia, logo seu primeiro caso me fez rever essa posição, pois achei que se analisasse cada relacionamento que teve com os dois irmãos de forma separada, eu não teria a abordagem completa que esse episódio exige. Assim, seguirei a ordem apresentada no livro e, no final, marcarei os anos em que esteve casada e os que esteve amancebada para que possamos tentar identificar esses doze anos.

### **Quadrilha**

Robin (irmão mais novo) que amava Moll que amava o irmão mais velho. Esse triângulo amoroso conturbado já indica a intenção de Defoe: denunciar a oposição existente entre amor e dinheiro e isso irá permear toda a obra. Para se entender

---

<sup>51</sup> “Credo che ancora quello di prima classe non sia arrivato; vi è ancora un cattivo marito che è peggio di tutti questi ed una donna assennata farebbe meglio a mettersi con qualunque di questi che con lui, e questo è il marito sciocco”. Daniel Defoe, *The review*. Apud: Marialuisa Biagnami, “Introduzione”. In: *Roxana*. Milão: Arnoldo Mandadore Editore, 1995, p.vi.

melhor esses relacionamentos, que são a base da obra, irei analisar cada caso isoladamente para depois analisar o conjunto proposto.

Seu primeiro concubinato merece especial atenção, pois, além de ser seu primeiro relacionamento, ele representa a sua iniciação, não só sexual, mas também social. Moll Flanders, moça pobre que vive em uma casa rica; essa relação seria seu passaporte para a classe alta, para uma vida melhor.

Após a morte da protetora, a “dama de sociedade”, com quem Moll tinha passado uma semana, mandou buscar nossa protagonista e a acolheu em seu lar. Lá, Moll aprendeu a dançar, a falar francês e a tocar cravo e espineta. Mais ainda, como, além de mais bela, tinha “dons da natureza”, Moll conseguia realizar melhor todas essas tarefas que suas filhas, porém, como não tinha a riqueza das senhoritas, toda essa sabedoria de nada lhe servia.

A falta de dote e a ganância serão os principais motivadores que levaram Moll a acreditar em uma promessa de casamento com um jovem rico, muito embora Defoe acuse a vaidade e o amor por essa armadilha. “A vaidade foi a causa da minha perdição”<sup>52</sup>. Defoe parece alertar as mulheres quanto ao risco que as palavras doces mas vazias de sentido de um homem leviano podem causar. Para tentar seduzir Moll, o irmão mais velho a elogia, se diz apaixonado e propõe-lhe casamento, a se realizar após a morte do pai, quando tomasse posse de seus bens. Finalmente, temos aqui um ponto importante na questão da prostituição: após cada encontro, ele lhe dava uma certa quantia em dinheiro.

Este ponto aparece de modo confuso e incoerente na obra. Primeiramente porque Moll afirma que não entendeu o motivo dele ter-lhe dado dinheiro e por não conhecer outra espécie de amor que não aquele que levasse ao casamento<sup>53</sup>. Na mesma página, um pouco mais adiante, afirma que, como somente se preocupava com os elogios e com o dinheiro, não se importava até onde o jovem queria chegar nem com o

---

<sup>52</sup> Daniel Defoe, *Moll...*, 1996, p.30.

<sup>53</sup> No original temos que: “After this he thought he had heard somebody come up stairs, so he got off from the bed, lifted me up, professing a great deal of love for me, but told me it was all an honest affection, and that he meant no ill me; and with that he put five guineas into my hand, and went away downstairs. *I was more confounded with the money than I was before with the love* [...] And now, though I was still all on fire with his first visit, and said little, he did as it were put words in my mouth, telling me how passionately he loved me, and that though he could not mention such a thing till he came to his estate, yet he was resolved to make me happy then, and himself too; this is to say, to marry me, and abundance os such fine things, which I, poor fool, did not understand the drift of, *but acted as if there was no such thing as any kind of love but that which tended to matrimony*”. Daniel Defoe, *Moll Flanders* (original), pp.25s (itálico meu).

casamento<sup>54</sup>. Este pequeno ponto parece justificar a afirmação de Moll, de que teria se prostituído, pois aceita dinheiro para satisfazer sexualmente seu amante. Contudo, no decorrer desse episódio, Moll cobra a promessa de casamento e se preocupa com as evasivas do amante, pois ela o ama.

Aqui temos duas colocações importantes a fazer: a primeira diz respeito ao jogo de interesse que essa relação estabelece, a segunda à prostituição propriamente dita. Após alertar as jovens quanto a belas palavras, dizendo que se uma mulher lhe resiste, o homem ou renuncia aos assédios ou realmente se casa, Defoe apresenta uma espécie de “manual”, visto que ele ensina as mulheres a lucrarem com tal situação:

Em suma, se ele tivesse adivinhado e sabido como era fácil ter aquela bagatela que ele desejava, não teria titubeado: dar-me-ia 4 ou 5 guinéus e dormiria comigo na próxima vez que viesse tentar-me. Se eu tivesse adivinhado seus pensamentos, se soubesse o quanto ele acreditava ser difícil conquistar-me, conseguiria impor minhas condições. E, se eu não tivesse cedido por causa de um casamento imediato, exigiria ser sustentada até o casamento, e obteria o que quisesse, pois ele era muitíssimo rico<sup>55</sup>.

Essa relação está mediada pelo dinheiro. Afinal, as juras de amor do jovem são mentirosas e Moll, que diz amá-lo loucamente, está influenciada pelo dinheiro que recebe e pela promessa de casamento com um homem rico. Assim, esse trecho parece colocar claramente o valor de cada um deles: por 4 ou 5 guinéus o jovem teria Moll, por uma mesada Moll teria não só um bom casamento, mas uma vida confortável até que este se realizasse. Observamos nessa relação que o amor está em segundo plano, pois o dinheiro exerce a função deste.

Após essa análise, fica desconcertante o final desse episódio: após ser pedida em casamento pelo irmão mais novo, ela se diz extremamente apaixonada pelo mais velho, o que impossibilitaria essa união. Contudo, não sabemos ao certo se ela não quer se

---

<sup>54</sup> “I had most unbounded stock of vanity and pride, and but a very little stock of virtue. I did indeed cast sometimes with myself what my young master aimed at, *but thought of nothing but fine words and the gold; whether he intended to marry me, or not marry me, seemed a matter of no great consequence to me*”. Daniel Defoe, op.cit., pp.26s (itálico meu).

<sup>55</sup> Idem, *Moll Flanders...*(trad.), pp.35s.

casar com o irmão mais novo por já ter sido amante do mais velho ou se por amá-lo realmente. Ao tentar convencê-la a se casar com seu irmão mais novo, Moll cobra sua promessa de casamento e sua palavra de cavalheiro e aqui temos um novo jogo: o de palavras. Eis o trecho:

— Querida, ainda não faltei a uma só das promessas que fiz. Eu disse que me casaria com você assim que herdasse a fortuna. Mas você percebe que meu pai é forte, tem boa saúde e pode viver ainda uns trinta anos, sem ir além da idade de muitas pessoas que conhecemos. Você nunca me pediu para casar mais cedo, pois sabe que isso me arruinaria. Finalmente, não lhe faltei em nada. — Eu não podia negar nada do que ele dizia, nem contradizê-lo<sup>56</sup>.

Ora, ele mantém intacta a sua palavra de cavalheiro, o que era de extrema importância, mas atinge seus objetivos. Até porque, naquela época, uma promessa de casamento era vista como uma espécie de contrato inviolável e inquebrantável, como será discutido adiante, e isso justificaria, de certa forma, o porquê de Moll ter-lhe cedido os “últimos favores”.

Quando o irmão mais velho propõe-lhe que aceite se casar com Robin, Moll se recusa terminantemente, pois diz amá-lo profundamente. Temos aqui a primeira vez em que ela se percebe prostituta. Isso porque, até então, ela, que aguardava por um casamento, agora via claramente a intenção de seu amante em se desfazer dessa relação sem ter de arcar com as conseqüências. Ademais, o casamento com o irmão mais novo repararia as desonras feitas pelo irmão mais velho. Moll também entra nesse jogo e, por meio de palavras, cobra a promessa feita, de modo que o irmão mais velho não pode se esquivar sem se tornar desonesto ou mentiroso:

— Sua cara prostituta é o que você diria se tivesse continuado a falar. Teria razão em dizê-lo. Mas eu o compreendo. Entretanto, desejo lembrar as grandes promessas que me fez, quando tomou a si a tarefa de me persuadir, dizendo que eu podia crer que era uma mulher honesta e que, intencionalmente, era sua esposa, sem que o fosse aos olhos do mundo. Disse que era um casamento tão

---

<sup>56</sup> Idem, op. cit., p.46.

real, o que tinha nos unido, como o da Igreja. Você bem o sabe, e não pode fazer-me esquecer suas próprias palavras. [...]

— Você não pode, sem ser injusto, crer que eu cedi à sua persuasão sem o amor do qual não se pode duvidar nem pode ser enfraquecido por nada. Se você tem propósitos tão pouco honrosos em relação a mim, eu posso perguntar-lhe: quando minha conduta sugeriu tal coisa? Se por acaso cedi às exigências de minha afeição, e se fui persuadida a crer que era na realidade sua mulher na pura acepção do termo, iria agora desmentir todas essas razões e chamar-me sua amante ou prostituta? E você deseja vender-me a seu irmão. Pode você mandar em minha afeição? Pode ordenar que eu deixe de amá-lo, e ame seu irmão? Acha que eu tenho o poder de realizar tal mudança, sob sua ordem? Não, senhor, pode estar certo que isso é impossível e que qualquer que seja a mudança de sua parte, serei sempre fiel. Prefiro, já que estou colocada numa situação tão desagradável, ser sua amante a ser mulher de seu irmão<sup>57</sup>.

Numa atitude corajosa, Moll enfrenta seu amante (um homem rico), arriscando perder o amparo de sua família, expõe claramente a situação e cobra ao cavalheiro que honre a palavra dada. Ao perceber que ele não iria cumprir o prometido, Moll afirma que prefere ser sua prostituta a casar com seu irmão. Aqui temos dois pontos importantes a serem analisados. Primeiramente, Moll, moça pobre e humilde, mostra-se mais digna e honrada que o rico jovem, pois lhe é inaceitável pertencer a dois homens, ainda mais sendo dois irmãos. Segundo preceitos, isso, de certo modo, beirava o incesto, o que tornava tal ato ainda mais condenável. Essa decisão, contudo, parece-me desconcertante, pois como uma moça pobre consegue ter forças para resistir um casamento que lhe será extremamente conveniente? Isso porque o irmão mais novo, embora gozasse de menos privilégios por não ser o primogênito, não deixava de ter uma condição socioeconômica mais favorável que ela. Todavia, Moll acaba cedendo e se casa sem o amar, mesmo reconhecendo que ele era um bom e dedicado marido que a amava verdadeiramente.

Quanto a esse mesmo trecho, um outro ponto merece destaque: Moll se classifica como amante ou prostituta, mostrando que essas duas significações seriam

---

<sup>57</sup> Idem, op. cit., p.47.

sinônimas, ou seja, teriam o mesmo sentido e designariam o mesmo comportamento. Se lêssemos esse mesmo trecho (principalmente a segunda fala) no original, observaríamos que Defoe ressalta ainda mais essa semelhança:

‘You cannot’, says I, ‘without the highest injustice, believe that I yielded upon all these persuasions without a love not to be questioned, not to be shaken again by anything that could happen afterward. If you have such dishonourable thoughts of me, I must ask you what foundation in any of my behavior have I given for such a suggestion?’

If, then, I have yielded to the importunities of my affection, and if I have been persuaded to believe that I am really, and in the essence of the thing, your wife, shall I now give the lie to all those arguments *and call myself your whore, or mistress, which is the same thing?* And will you transfer me to your brother? Can you transfer my affection? Can you bid me cease loving you, and bid me love him? Is it in my power, think you, to make such a change at demand? No, sir’, said I, ‘depend upon it’tis impossible, and whatever the change of your side may be, I will ever be true; and I had much rather, since it is come that unhappy length, be your whore than your brother’s wife<sup>58</sup>, [itálico meu]

Nesse trecho, Defoe explicitamente afirma que amante e prostituta são a mesma coisa. Temos aqui claramente exposta a sua definição sobre prostituição. Se levarmos em consideração a fala final (“Prefiro, já que estou colocada numa situação tão desagradável, ser sua amante a ser mulher de seu irmão”), vemos que ela prefere ser a *sua* prostituta, ou seja, ela não se vê como a prostituta clássica, mas sim como amante. Isso nos é de certa forma inusitado, pois vários estudos sobre a prostituição na Inglaterra do século XVIII (incluindo um estudo do próprio Defoe) mostram que a prostituta diferia da amante. Creio que, dessa forma, essa definição é própria do Defoe, e não consenso entre seus contemporâneos. Isso deixa a questão ainda mais intrigante: o que levaria Defoe a ver como sinônimos comportamentos tão distintos? Posso apenas comentar nesse momento que deve haver algo no comportamento de uma amante forte o suficiente para rebaixá-la à categoria das prostitutas.

---

<sup>58</sup> Idem, op. cit.(b), p.42s.

A preocupação com o dinheiro por parte do irmão mais velho e a ausência de preocupação por parte de Robin nos mostra como essa sociedade encarava tal situação. Tudo indica que os pais não podiam obrigar os filhos a se casarem com quem não quisessem ou impedir seu casamento, porém podiam pressioná-los financeiramente a contrair matrimônio com quem aprovavam, conforme nos mostra Macfarlane:

Pais, patrões, senhores, amigos, todos, enfim, podiam dar conselhos, podiam exercer fortes pressões físicas, morais e econômicas sobre os noivos. [...] Se os pais careciam de direito moral para decidir, tinham geralmente poder econômico e social para influenciar as decisões de seus filhos. Esse poder variava enormemente, conforme a idade, o sexo e a posição de nascimento dos filhos. Os filhos de mais idade eram mais difíceis de controlar do que os mais jovens, os rapazes menos controláveis que as garotas, os primogênitos mais dependentes dos pais. A natureza e a qualidade de recursos controlados pelos pais também influía na situação<sup>59</sup>.

Esse trecho me parece bem ilustrativo da situação vivida por essa família: o irmão mais velho (principal herdeiro) e as irmãs são submissos à vontade dos pais e não entendem a opção de Robin em desposar Moll, embora seja bela, bem feita e cante bem, pois, além dela não lhe trazer nenhum benefício financeiro, era a criada da família. Não obstante, ao enfrentar os pais para se casar com a mulher que ama, Robin abriu mão do dinheiro, da herança.

Para entendermos esse trecho, é necessário revermos os costumes dessa época. Isso porque, ao contrário do que imaginamos hoje, não eram as criadas de casa as mulheres mais sujeitas a serem seduzidas e conseqüentemente as mais sujeitas a se prostituírem, mas sim as funcionárias das chapelarias<sup>60</sup>. Como estas atendiam diretamente os homens da classe alta (principais clientes desse tipo de comércio), elas, geralmente

---

<sup>59</sup> Alan Macfarlane, *História do casamento e do amor — Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp.140ss.

<sup>60</sup> “Servants and milliners appear so frequently in these stories because those were the two principal occupations of young unmarried girls [...] Being a servant was, however, a large, diffuse occupation. The milliner was more highly particularized and probably more of an erotically charged role. Servants had traditionally been part of the household and had a similar standing with children. Milliners, on the other hand, sold their services and their wares. [...] this was one of the places described by Campbell: ‘those who pretend to deal only with select customers ... these ... take the title of milliner, a more polite name for bawd’”. Randolph Trumbach, *Sex and the gender revolution*. Chicago: The University Chicago Press, 1998, p. 152.

moças pobres, tomavam contato com um mundo que não lhes pertencia, e este lhe era oferecido pelos clientes, porém, após saciados, abandonavam-nas a própria sorte, e tal situação as obrigava a se prostituírem. Essa circunstância é muito parecida com a vivida por Moll Flanders. Desse modo, parece-me que Defoe quis alertar as suas leitoras, mostrando-lhes que jamais devem ceder aos encantos de um jovem que promete casar-se depois de manterem relações, já que isso, no geral, nunca é verdadeiro e só leva à perdição. Junto a isso, Defoe denuncia, nesse trecho, a relação de poder existente entre criada e patrão. Primeiramente porque se não cedessem às pressões dos patrões eram despedidas e também porque, se cedessem, a família acharia tal atitude inconveniente, e elas também seriam despedidas.



Paul-Émile Detouche, *Le départ pour la ville*, Museu de Belas-artes de Nantes, 1854.

Todavia, Moll consegue evitar seu despejo e se defende dos “ataques” do irmão mais novo. A matriarca, que acha inconveniente tal união, após questionar a ela e ao filho, resolve permitir o matrimônio, pois vê que o filho a ama verdadeiramente. Defoe acredita que as pessoas deveriam ser capazes de se manterem financeiramente para depois casarem, e Robin é um exemplo disso<sup>61</sup>. *Moll Flanders* não é o único romance em que

---

<sup>61</sup> Moll, sobre Robin, nos afirma que: “Se eu quisesse, ele diria abertamente a todos que me amava e que desejava esposar-me. Seus pais poderiam ficar furiosos, mostrando-se intratáveis, mas ele estava agora seguro

aparece tal conselho, em *Robinson Crusoe*<sup>62</sup> temos algo parecido. Ademais, Defoe não era o único a pensar isso, mas tudo indica que se preocupava com os hábitos da sociedade:

Em *O comerciante completo*, Defoe apresenta tanto argumentos teóricos quanto fatos concretos para mostrar a imprevidência do casamento precoce. Ele lamentava que o costume que antes impedia os aprendizes de casar estivesse perdendo seu poder — “o costume não está sendo devidamente respeitado — pois concordava com a norma do não casamento durante a aprendizagem expressa no ditado: *não deve casar sem prosperar*, significando que um jovem não só não deveria casar durante a aprendizagem, como depois, quando já tivesse montado seu negócio, deveria esperar alguns anos. Defoe observou que “no atual costume, parte-se para a esposa e o negócio ao mesmo tempo: mas, quão poucos desses casamentos precoces são bem-sucedidos!”. Descreveu também casos específicos em que tais casamentos levavam à ruína — o jovem “gasta sua fortuna, depaupera seu negócio e contrai uma grande dívida”. As pessoas deviam poupar durante algum tempo, juntando recursos até estar em situação de ter uma esposa com boa posição social. Não deviam casar até que, “através de uma condução prudente na fase inicial do negócio, dispusessem de uma base sólida para sustentar esposa e família”<sup>63</sup>.

Essa passagem da obra retoma o conto “Uma estranha experiência de dois irmãos” (In: *Contos de fantasma*), que relata o caso de dois irmãos enamorados pela mesma moça, honrada, porém humilde. O mais velho quer apenas seduzi-la para satisfazer seus desejos. O mais novo, que pretende pedi-la em casamento, acusa o mais velho de tentar transformá-la numa prostituta. Os dois irmãos resolvem duelar para resolver a questão, mas, ao empunharem as espadas, o espectro do pai doente surge e os impede de

---

de ganhar sua própria vida, tendo terminado os estudos de direito, e não temia ter de sustentar-me, como eu poderia esperar que acontecesse. Em resumo, como ele acreditasse que não teria vergonha dele, ele não teria vergonha de mim”. Podemos observar então que Defoe, em seu próprio livro, ensina aquilo que acredita ser necessário para se fazer um bom casamento. Daniel Defoe, op. cit., p. 40.

<sup>62</sup> Interante notar que tal observação foi feita por um historiador, Macfarlane, ao analisar os costumes matrimoniais dos ingleses. Eis a passagem: “Um relato muito franco da necessidade de se esperar até ter acumulado o suficiente para casar é fornecido por Defoe. Só depois de plenamente assegurada a posição social de Robinson Crusoe numa segunda viagem, o herói se encontra em condição de casar. [...] A premissa básica de muitas discussões sobre a relação entre economia e casamento parece ter sido a de que o indivíduo deveria dispor de independência econômica antes ou na época do casamento”. Alan Macfarlane, op. cit., pp.222s.

<sup>63</sup> Idem, op. cit., pp.222 s.

matar um ao outro. Assim, o mais novo recebe a autorização tanto do pai quanto do irmão para se casar com a jovem dama.

O paralelo é explícito. Temos um conflito familiar gerado por uma moça e pelos interesses de cada um dos irmãos (um honrado e honesto e o outro carnal e reprovável). A figura paterna (ou materna no caso de *Moll Flanders*), apesar de se mostrar preocupada com o interesse financeiro e social (afinal, tem de aceitar que o filho de classe alta irá se casar com uma criada, profissão da mais subalterna possível), é apaziguadora e reconciliadora. Entretanto, o que mais nos interessa aqui é a acusação do irmão mais novo contra o mais velho: quer transformá-la em prostituta. Tanto neste caso quanto na obra aqui analisada, a prostituição era vista como sinônimo (pelo Defoe) de amante. Os diversos estudiosos da sociedade inglesa dessa época mostram que prostituta e amante tinham definições distintas, não sendo, portanto, sinônimos. Isso me deixou extremamente pensativa: por que, então, para Defoe eram sinônimos? Acredito que como a prostituição era conseqüência quase que certa do concubinato<sup>64</sup>, Defoe já a tinha como sinônimo.

Finalmente, temos ainda um interessante ponto a ser analisado: as aparências. O irmão mais velho deixa claro, na primeira vez que demonstra interesse por Moll o seu ponto de vista (“— Mas por que, minha irmã? – interrompeu o mais velho. – Por que opor-se ao interesse que a fortuna desperta nos homens?”<sup>65</sup>), assim como o mais novo (“— Um momento, minha irmã, você vai muito depressa. Eu sou uma exceção à regra. E lhe asseguro que, encontrando uma mulher tão completa como você descreve, não me preocuparei com o dinheiro.”<sup>66</sup>). No entanto, suas atitudes posteriores parecem contradizer suas opiniões dadas explicitamente. Isso porque, aparentemente, o irmão mais velho se mostra apaixonado e seriamente lhe propõe casamento, enquanto que o mais novo se mostra exagerado e brincalhão. Esse jogo de aparências parece querer alertar as leitoras sobre o risco de se acreditar naquilo que vê.

Por acreditar nas aparências e não na essência das pessoas, Moll se deixa enganar pelas belas palavras e falsas atitudes do irmão mais velho e não reconhece o amor do mais novo. Assim, por fazer um casamento de conveniência, não lhe é permitida a

---

<sup>64</sup> “Some women became prostitutes because they were servants far from home who became pregnant and could not manage the consequences in any other way”. Randolph Trumbach, op. cit., p. 145.

<sup>65</sup> Daniel Defoe, op. cit., p. 31.

<sup>66</sup> Ibidem.

felicidade. Logo, quando este morre, a protagonista se vê desamparada, pois a família do falecido não vai ao seu socorro e ela não tem direito à parte do esposo na divisão da herança nem do marido falecido, nem do sogro. Parece-me que, com isso, Defoe quis dar uma lição para suas leitoras: mesmo que o filho seja rico, o dinheiro é sempre dos pais e com esse não se deve contar<sup>67</sup>. Dessa forma, podemos dizer que nem o caso com o irmão mais velho nem o casamento renderam lucros a Moll Flanders.

### **As aparências continuam**

Ao ficar viúva, Moll decide, com a economia que conseguiu fazer, casar-se novamente, porém como tinha dinheiro queria escolher o marido que mais lhe aprouvesse. Interessante notar sua definição do amor: “fui apanhada uma vez nesse negócio de amor, mas o jogo tinha acabado. Agora estava resolvida a ser bem casada ou nada”. Nesse trecho aparece explícito o valor financeiro que o casamento assumia, sendo descrito como um jogo ou negócio, ou seja, as pessoas poderiam lucrar com tal negociata ou então perder toda a economia. De qualquer forma, tanto os jogos quanto os negócios remetem não só a riscos, mas também à necessidade de se dominar as técnicas para que se consiga sair vencedor no final.

Moll irá tentar novamente arriscar a sorte no casamento, mas com uma condição: que seu novo marido fosse um verdadeiro cavalheiro (“que meu esposo, ao me levar à Corte ou ao teatro, pudesse usar espada e parecer um cavalheiro<sup>68</sup>”). Com o dinheiro que conseguiu juntar (basicamente fruto de seu caso com o irmão mais velho), acreditava que poderia arrumar um marido que atendesse a suas exigências. Obviamente, essa relação

---

<sup>67</sup> “O direito inglês estabelecia uma clara distinção entre ‘bens imóveis’ e ‘bens móveis’. Os dotes de casamento consistiam essencialmente destes últimos. Segundo o direito e o costume, os bens móveis trazidos para o casamento passavam diretamente para o controle do marido, para fazer com eles o que achasse melhor. Blackstone escreveu que ‘a única e absoluta propriedade repousa no marido, para dispor dela a seu bel-prazer, a partir do momento em que toma posse dos bens’. Desses bens ‘em posse’, tais como roupas, dinheiro, artigos domésticos e mobiliário, ‘o marido terá imediata e absoluta propriedade conferida pelo casamento [...] não havendo possibilidade de serem revertidos à esposa’. A única exceção era a chamada ‘parafernália’ da esposa, significando ‘o vestuário e os ornamentos adequados à sua condição e posição social’. Com a morte do marido, a esposa tinha direito de reivindicar de suas propriedades uma quantia equivalente a jóias, roupas etc., *que havia trazido para o casamento*, e essa reivindicação precedia qualquer outra. Assim, a norma do direito consuetudinário era de que todos os bens móveis da esposa, incluindo o dote, passavam para o marido ou seus parentes”. Alan Macfarlane, op. cit., p. 280. Assim sendo, se a esposa não tinha sequer o direito sobre todos os bens e dinheiro que levou ao casamento (que ficava com a família do marido ou com os herdeiros) ela também não tinha direito sobre o que era dele primordialmente.

<sup>68</sup> Daniel Defoe, op. cit., pp. 66s.

também está fadada ao fracasso, porém os motivos que levaram a isso são curiosos. Dentre eles, temos as aparências e a negociação.

Ficou casada com o “homem de qualidade” durante três meses<sup>69</sup>, tempo que durou sua economia. Interessante notar que apesar de ter dinheiro e de poder fazer um bom negócio, ou seja, um bom casamento, Moll, que queria aparentar ter uma bela vida e marido que soubesse se portar quando saísse em público, casa-se com um homem que vivia de aparências, pois não tem dinheiro suficiente para sustentar o padrão de vida que ostentava. Assim, durante os poucos meses que estiveram casados, eles vivem fartamente, divertindo-se “em gozar outros pobres estudantes com a esperança de virem a ser no mínimo capelães de Sua Senhoria e usarem cachecol<sup>70</sup>”.

Esse episódio sempre me lembrou o primeiro marido de Roxane (obra de Defoe escrita poucos anos depois de *Moll Flanders*), o tolo, que, após gastar todo o dinheiro do casal, abandona-a junto com os filhos à própria sorte para conseguir escapar dos credores. Pois bem, o cavalheiro aqui também terá o mesmo comportamento, ele pedirá à Moll que venda toda a mercadoria que puder e que se mude para que os credores não a procurem. Isso juntamente com o dinheiro que conseguiu esconder do marido evitou que ela ficasse na completa ruína, porém essa economia era pequena e isso será um empecilho para tentar conseguir um novo matrimônio.

O intrigante desse caso é que ela se casa com um comerciante, teoricamente uma pessoa que sabe fazer bons negócios, afinal vive disso. E é justamente esse homem que não sabe fazer bons negócios, pois se casa com uma mulher que não tem tantos recursos assim e, mais ainda, não sabe investir o dinheiro que conseguiu como “dote” com o casamento. Ademais, o que mais me chamou a atenção quanto a esse casamento foi a forma com que Moll se referiu a ele:

Deste modo, por orgulho e não por princípio, por riqueza e não por virtude, conservei-me honesta, apesar de, como ficou descoberto, ter percebido que teria feito melhor

---

<sup>69</sup> Realmente, essa obra parece ser de “ressalva”, tudo que é exposto é retirado em seguida. Nesse trecho, Defoe afirma que “Ele me amou apaixonadamente durante três meses aproximadamente”, porém na página seguinte afirma que “E, como sua história tem pouca importância aqui, é suficiente saber que, no fim de dois anos e três meses, ele faliu” (Daniel Defoe, op. cit., pp. 67s). Dessa forma, não podemos afirmar ao certo por quanto tempo eles permaneceram casados.

<sup>70</sup> Idem, op. cit., p. 68.

deixando-me vender por minha amiga a seu irmão que vender-me eu própria, como fiz, a um comerciante que era por sua vez um desgarrado e um cavalheiro, um lojista e um pedinte<sup>71</sup>.

Essa passagem é extremamente ilustrativa e, por isso, eu a retomarei no final desta obra. Por enquanto, basta dizer que, mais do que ver no casamento uma oportunidade de se fazer um bom negócio, Moll, diferentemente de Aurélia (em *Senhora de José de Alencar*) que decide comprar um marido, decide vender-se. Apesar de na prática isso não resultar em diferença alguma, moralmente a diferença entre comprar um marido ou vender-se a si própria é muita. Além de se ter, nesse caso, um dono e um possuído, e isso ser importantíssimo para se determinar o papel de cada um num casamento, tem-se também a forma como cada um se vê, se denomina e se coloca na relação. Contudo, em qualquer um dos casos, o casamento é reduzido ao seu caráter mercantil e, com isso, cada um acaba tendo um determinado valor. Valor este que não é nem moral, nem afetivo, mas sim financeiro, capaz de ser mensurado (pelo tamanho da fortuna), prática necessária para se fazer um bom negócio.

### **Uma coincidência inusitada**

De todos os relacionamentos de Moll, este é um dos mais interessantes e ilustrativos, por esse motivo dar-lhe-ei especial atenção. O episódio começa com a necessidade de Moll em se casar novamente, mas a falta de economia lhe será um novo obstáculo a ser superado.

Minha situação, recordo-me agora, estava de tal forma, que o oferecimento de um bom marido era a coisa mais necessária do mundo para mim. Logo descobri que a boa solução não seria desvalorizar-me tornando-me fácil. Era fácil de perceber logo que a viúva não tinha fortuna, e dizer isso era fazer-me um grande mal, pois todos os candidatos ao casamento me abandonariam. Tinha a reputação, justa ou injustamente, de ser bem distinta, bela, espiritual, modesta e desejável. Tudo isto, digo, não era negócio na falta do vil metal, que se tinha tornado mais precioso que a própria

---

<sup>71</sup> Idem, op. cit., p. 67.

virtude. “Em resumo”, diziam eles, “a viúva não tem dinheiro”<sup>72</sup>.

Esse trecho traz duas informações que merecem destaque: a virtude e o dinheiro, sendo que ambos estão irreversivelmente entrelaçados. Primeiramente, vale dizer que há um sério conselho àquelas que não dispõem de fortuna: “Logo descobri que a boa solução não seria desvalorizar-me tornando-me fácil”. Se juntarmos esse conselho ao episódio do irmão mais velho (que, nem por tê-la desonrado nem pela promessa de casamento, não reparou o mal que lhe fez), temos que tal comportamento está longe de ser a solução para as moças pobres, mas sim o motivo de suas desgraças. Portanto, essa não é a solução adequada para aquela que quer se casar (como Defoe oportunamente apresentou no caso do irmão mais velho). Como está disposta a se vender, ela precisa estipular o seu valor, tanto moral quanto financeiro; preocupada com esse mercado, sabe que quanto mais se valorizar, maiores serão as chances de se conseguir um bom marido.

Defoe insiste tanto nesta questão que por vezes se torna maçante, mas, enfim, novamente vemos nessa passagem o problema do dinheiro (o “vil metal”) ser superior a qualquer outra virtude, aparentemente tida pelo autor como superior aquele. Apesar das suas severas críticas a esse hábito, ele parece ter consciência de que isso dificilmente mudaria, de forma que, neste episódio em particular, ele irá “ensinar” as mulheres a burlarem esse problema. Assim, mesmo aquelas que pouco dinheiro tinham poderiam ter esperanças de conseguirem fazer um bom “negócio”.

Como o dinheiro não era suficiente para novamente poder vender-se a quem mais lhe aprovesse, Moll irá dispor de outras armas para conseguir seu intento. Inicialmente, ela irá contar com a ajuda de uma amiga (a quem, no episódio anterior, ajudou a se casar com o pretendente escolhido – o capitão), que irá aconselhá-la a mudar de endereço e de nome, de modo que sua fama de viúva pobre não a acompanharia. “Enfim, ela me fez uma infeliz proposta: visto termos observados, como disse acima, que os homens não tinham escrúpulos de se apresentarem como merecedores de mulher rica, mesmo não tendo fortuna, nada mais justo que pagar-lhes na mesma moeda, e, se possível, enganar o enganador”<sup>73</sup>.

---

<sup>72</sup> Idem, op. cit., p. 83.

<sup>73</sup> Idem, op. cit., p. 84.

O modo como ela vai se portar é delicioso, pois é como se conseguisse “dar o troco” e finalmente livrar as mulheres dessa tortura que seria a venda matrimonial. Assim, após ensinar como fazer o casamento desejável, Defoe parece repreender as mulheres ao afirmar que “eu menciono isto aqui, a fim de mostrar às moças que somente a falta de coragem para apresentar uma tal indiferença taxa o nosso sexo a um preço vil e prepara as mulheres para serem maltratadas”<sup>74</sup>, ou seja, as mulheres são as culpadas pelos próprios tormentos, pois se resistissem um pouco à primeira proposta, não aceitassem o primeiro que aparecesse e usassem de uma certa dose de esperteza não precisariam passar por esse tormento.

A forma como ela consegue manobrar a situação para se casar é notável e vai nos remeter a episódios passados e futuros. Por esse motivo, irei regredir e progredir na análise, para que se possa entender a complexidade da questão. O ponto de partida será o pedido de casamento feito pelo marido em questão. Ele acredita que Moll é detentora de uma grande fortuna, ela, por sua vez, não confirma nem desmente essa informação. Sabendo-o iludido, ela irá jogar com as palavras, deixando-o comprometido de modo que não pode descumprir a promessa feita. Com grande esperteza, ela, ao escolher seu futuro marido, observa-o escrever com um anel em um vidro que a ama. Ela questiona a palavra dada, ou seja, o amor dele por ela. Ao se ler essa passagem, temos a impressão de que ela, de certa forma, obrigou-o a afirmar que se casaria com ela, mesmo sendo pobre.

A questão da palavra dada, neste livro, é marcante. Primeiramente, temos o caso do irmão mais velho que, apesar de ter-lhe prometido casamento e dela ter-lhe cobrado isso, ele não cumpre o prometido (conforme vimos). Um outro caso a ser lembrado está descrito neste episódio em questão: após descobrir-se irmã de seu irmão, Moll deseja voltar à Inglaterra para se ver livre do problema sem precisar contar-lhe o terrível segredo. Contudo, seu marido/irmão, que antes de embarcarem para a Virgínia havia lhe prometido que, quando ela quisesse, eles voltariam imediatamente para a Inglaterra, impede que volte, obrigando-a a ficar na fazenda. Em ambas as passagens, as promessas foram feitas verbalmente. Logo, mesmo dizendo que eles (irmão mais velho e marido/irmão) não honraram a palavra dada, Moll não tem mais alternativa a não ser aceitar suas vontades.

---

<sup>74</sup> Idem, op. cit., p. 87.

Não obstante, três outros episódios também são merecedores de destaque. Parte da pequena fortuna que possuía quando se casou com o comerciante cavalheiro proveio de uma renda que o irmão mais velho se dispôs a pagar para que se casasse com seu irmão, mediante documento. Com as palavras escritas em um vidro, seu marido/irmão se comprometeu irreversivelmente a se casar. Finalmente, antes de revelar a seu marido que é sua irmã, ela lhe pede garantias por escrito de que ele não culparia nem a ela nem a sua mãe. Dessa forma, observamos que a palavra dada, naquela época, não tinha valor, pois podia ser descumprida sem grandes conseqüências. Já a palavra escrita tornava-se automaticamente em um documento que deveria ser cumprido e não poderia ser revogado.

Apesar de toda essa artimanha lingüística, por assim dizer, novamente o dinheiro se fez necessário. Conforme a palavra dada e escrita, Moll e seu irmão se casam. Ela, porém, irá dar-lhe aos poucos toda a sua pequena economia de 500 libras. Isso me chamou a atenção por dois motivos, primeiramente porque no episódio anterior (no caso do casamento com o comerciante cavalheiro) Defoe apresentou às leitoras a necessidade de não deixar a disposição do marido todos os bens, reservando uma parcela da própria economia<sup>75</sup>. Ademais, isso vai explicitar o caráter financeiro a que esta relação estava submetida, tanto por parte de Moll, que escolheu um marido com recursos, quanto por parte de seu marido/irmão, que aceitou suas economias de bom grado. A princípio, esse relacionamento poderia de certa forma lembrar o casamento com o Robin, já que teria preferido a virtude no lugar do dinheiro, porém, ao aceitar a economia de Moll, o interesse financeiro se sobrepôs ao moral. Não obstante, a forma como ela entrega suas reservas também merece destaque:

— Bem, meu querido – disse-lhe –, estou feliz por não ter nada com este engano antes do casamento. Se o engano agora, é menos grave; sou pobre, é muito verdade. Mas não tão pobre ao ponto de não ter nada. – Saquei alguns cheques bancários e dei-lhe 160 libras. – Eis alguma coisa, meu querido. Isto não é tudo.

---

<sup>75</sup> Se levarmos em consideração o que foi apresentado quando do casamento com o irmão mais novo, esse conselho se faz ainda mais necessário, pois em caso de morte do marido ou separação os bens, dotes etc. da esposa passa automaticamente para o marido ou para a família deste. Assim, a mulher não tem direito nem aos bens do marido nem aos seus próprios bens. De forma que, nessa sociedade, fazer uma pequena reserva de seus próprios bens para si mesma era uma necessidade.

O que tinha dito antes levava-o a não esperar nada. Assim, a quantia, por pequena que fosse, foi para ele duplamente bem-vinda. Ele reconheceu que era mais do que esperava. Por causa de minhas palavras, ele não tinha duvidado de que meus vestidos, meu relógio de ouro e um ou dois anéis de diamante eram toda a minha fortuna.

Eu deixei que ele se alegrasse dois ou três dias com estas 160 libras. Então, tendo saído um dia, como se tivesse ido procurá-lo, trouxe-lhe para casa 100 libras em ouro e disse-lhe que era ainda um pouco do dote. Em resumo, numa semana aproximadamente eu lhe trouxe 180 libras e mais as 60 libras em tecido, que lhe fiz crer que tinha sido obrigada a tomar com as 100 libras em ouro, que eu lhe tinha dado como um dividendo de vinte e cinco por cento sobre um crédito de 600 libras<sup>76</sup>.

Merece destaque, primeiramente, porque ela afirma, a seguir, que, apesar da astúcia e da promessa, ter-lhe dado sua reserva a preservaria de ser maltratada pelo esposo. Assim, apesar da manobra ensinada, o dinheiro continua sendo necessário. Outro ponto a ser ressaltado diz respeito à forma como ela lhe entrega suas economias. Moll, ao invés de entregar-lhe as 500 libras de uma única vez, ela lhe dá de forma parcelada. Isso lembrou-me de um dos ensinamentos de Maquiavel em seu livro *O príncipe*:

Deve-se notar aqui, que, ao apoderar-se de um Estado, o conquistador tem de determinar as ofensas, que precisa executar, e fazê-las todas de uma vez para não ter que repeti-las todos os dias. Assim, poderá incutir confiança nos homens e conquistar-lhes o apoio com benefícios. [...] E os benefícios precisam ser realizados pouco a pouco, para serem melhor saboreados<sup>77</sup>.

Embora o assunto seja diverso, existe pertinência. Podemos observar que Moll seguiu os conselhos do mestre italiano, pois passou a imagem de alguém extremamente pobre, de quem nada se poderia esperar. Após o casamento, sabiamente ela dividiu suas economias em pequenas partes e lhe entregou aos poucos, de forma que o pouco era muito bem-vindo e recebido com alegria. Ao entregar-lhe espaçadamente, ela dava tempo ao marido para “saborear” cada parte recebida. Finalmente, a última parcela é

---

<sup>76</sup> Idem, op. cit., p. 89.

<sup>77</sup> Nicolau Maquiavel. *O príncipe (comentado por Napoleão Bonaparte)*. São Paulo: Hemus, 1977, p. 55.

justamente a menor, para que ele percebesse que, dessa vez, aquela era realmente a última. Agindo dessa forma, ela se mostrou sábia, visto que se tivesse entregado tudo de uma única vez ela correria o risco de criar falsas ilusões no marido, ou seja, se ela se dizia pobre mas conseguiu entregar de uma única vez 500 libras poderia aparentar que tivesse mais guardado, podendo até deixá-lo desconfiado. Ademais, isso não teria o mesmo efeito, pois a alegria duraria pouco tempo.

Cabe, agora, analisarmos os motivos que tornam esse episódio tão singular: Moll descobre-se irmã de seu marido. A forma como isso se deu é, no mínimo, inusitada. Ela diz que certo dia, em conversa com a sogra, esta lhe conta detalhadamente suas aventuras. Ela reconhece o relato, porém somente quando sua sogra lhe diz seu verdadeiro nome Moll tem certeza de que a sogra na verdade é sua mãe. Durante um tempo, ela esconde esse segredo, mas acaba revelando-o a mãe. De início, esta reluta em aceitar, porém, depois que Moll narra os acontecimentos com precisão, a mãe acaba se convencendo de que se tratava de sua verdadeira filha, que lhe salvou da morte em Newgate.

Curioso fato se lembrarmos do que nos é dito pela própria narradora no início da obra: “Minha mãe foi declarada culpada do crime de um roubo insignificante que mal merece ser contado: ter encontrado a ocasião de tomar três peças de fino tecido são demasiadamente longos para serem repetidos, e eu os ouvi narrados com tanta diversidade que não estou certa de qual tenha sido a versão exata”. Ora, se ela tinha ouvido tantas versões, como poderia ter certeza de que se tratava realmente de sua mãe? Mais ainda, como sua sogra afirma que a Virgínia era povoada basicamente por ex-prisioneiros de Newgate e Old Bailey, praticamente qualquer mulher que tenha apelado para a gravidez para conseguir escapar da pena de morte poderia ser a mãe de Moll. Essa incongruência só vem a reforçar ainda mais as lacunas tão características desse livro.

Dado que ambas estão convencidas de que são realmente mãe e filha, elas agora têm um problema a ser resolvido: o casamento entre irmãos. Isso se torna ainda mais monstruoso quando a mãe propõe à própria filha que esqueça o segredo e que continue a viver maritalmente com o irmão. O engraçado é que Moll, que no livro se auto-declara desonesta, interesseira etc., recusa veementemente essa hipótese. Aqui temos dois comportamentos diversos, primeiro porque ela se lamenta por ter descoberto que era irmã

do marido (e não por ter casado com o irmão), em seguida porque, apesar de todos os benefícios financeiros que teria se continuasse casada com seu irmão, ela abre mão do dinheiro, demonstrando ter mais caráter do que havia dito ou demonstrado até então. Finalmente, a proposta da mãe nos remete à feita pelo irmão mais velho, pois quer “negociar” os valores morais instituídos socialmente, atribuindo-lhes valores financeiros, com Moll, visando seu próprio benefício.

Vou adiantar-me um pouco no livro, pois um trecho mais a frente merece destaque. Para situá-lo, basta dizer que quando o amante de Bath rompe com Moll, esta, num acesso de crise moral, chega a uma conclusão no mínimo contraditória. Acho que vale a pena reproduzir a curiosa passagem:

Fiquei mortalmente ferida com esta carta, de uma maneira tal que não posso descrever nem exprimir as censuras que minha própria consciência me fez, pois não estava cega ao meu próprio crime. Refleti que teria podido, com menos ultraje, continuar a viver como esposa de meu irmão, já que sob esse aspecto não tinha havido crime em nosso casamento, pois nenhum dos dois sabia de coisa alguma<sup>78</sup>.

Moll considera seu casamento com seu irmão ilegal e afirma que por isso viveu em concubinato, além do que ela se censura diversas vezes, repudia o irmão e não aceita a idéia da mãe de esquecer o segredo (mesmo por dinheiro). Contudo, quando seu amante de Bath rompe com ela, Moll se diz arrependida por viver em pecado. O irônico é que justamente após a separação, ela afirma que poderia ter continuado esposa do irmão sem grandes problemas. Ora, como alguém que está refletindo sobre a vida, arrependida dos erros passados, pode desejar estar casada com o irmão?

Se lembrarmos que ela não aceita continuar casada com o irmão, porque descobriu sua mãe, sendo esta afortunada, ou seja, pode sustentá-la, e que ela irá pensar assim justamente quando perde seu amante que pagava todas as suas despesas, constatamos a sua preocupação com o dinheiro. Assim, toda a sua louvável crise de consciência quando descobriu o irmão perdeu o sentido.

---

<sup>78</sup> Daniel Defoe, op. cit., p. 124.

Tal episódio lembra o estudo feito por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Segundo o autor, na primeira etapa da constituição familiar, ou seja, o nível mais baixo, a consangüínea, era praticado o incesto entre irmãos, primos etc. Assim, ao rebaixar Moll ao nível mais primitivo dos costumes humanos, ela, ao enfrentar e superar tudo isso, poderá atingir o nível superior. Mesmo sendo posterior a Defoe, a analogia continua válida, pois faz parte do senso comum a idéia que o incesto faz parte da barbárie, da selvageria humana. Não é à toa que a descoberta se dá na América, nas colônias, lugar atrasado, com habitantes selvagens (sejam os índios ou os criminosos deportados). Acredito que isto está relacionado com a religiosidade presente de forma quase que subliminar no livro, conforme será apresentado abaixo. Por enquanto, vale dizer que ao descer até aos níveis mais baixos, ela aprende a verdade pregada pelo protestantismo.

Finalmente, aqui poderemos incorrer no erro de acharmos que ela obteve lucro com o casamento, já que afirma que “ele comprometeu-se a manter-me até o fim de meus dias. E, se morresse antes de mim, deixaria o suficiente à mãe para tomar cuidado de mim como de uma irmã”<sup>79</sup>. Assim, o lucro que obteve foi com o reconhecimento de sua família, não com o casamento. Todavia, como Defoe irá demonstrar adiante, mesmo sendo o dinheiro de sua família, ela não poderá contar com este até a morte de seu irmão e de sua mãe.

### **Relacionamento irônico**

Três aspectos serão marcantes nesse episódio: o dinheiro, a escrita e a ironia. Moll volta à Inglaterra com uma grande carga dada por sua mãe, mas perde boa parte por conta de uma tempestade. Assim, ela conta apenas com “200 ou 300 libras”, ou seja, bem menos que as 500 libras que tinha quando se casou com seu irmão. Como não quer rever seus antigos companheiros, decide se estabelecer em Bath, sendo que, na baixa temporada, sua senhoria cobra-lhe muito menos, de forma que ela pode economizar bastante.

Contudo, ela continua preocupada com seus gastos e resolve “agarrar quem se me apresentasse”, porém “não premeditava nada que não fosse honesto”. Ao

---

<sup>79</sup> Idem, op. cit., p. 106.

afirmar que ela está no lugar errado, pois em Bath “os homens freqüentemente procuram uma concubina e muito raramente uma esposa”, o leitor já pode vislumbrar o que está por vir. Ela trava amizade com um cavalheiro casado cuja esposa estava muito doente. Por intermédio da senhoria, o cavalheiro começa a ajudar Moll financeiramente. Obviamente, a relação “evolui” e de amiga ela passa a ser sua amante. Quanto a isso, acho que vale a pena reproduzir os motivos que a levaram a mudar de atitude:

A verdade é que, desde que comecei a conversar com ele, havia resolvido deixá-lo dormir comigo, caso o pedisse. Mas isso porque eu tinha necessidade de seu socorro e de sua assistência, e não tinha outro meio de prendê-lo senão aquele. Mas, na noite em que ficamos juntos e as coisas já tinham ido tão longe, como disse, descobri minha fraqueza. A inclinação era muito forte para resistir a isso e fui obrigada a ceder tudo, antes mesmo que ele solicitasse<sup>80</sup>.

Temos aqui dois motivos que a levaram a “ceder”: a necessidade financeira e sua fraqueza pelo vício. O primeiro aspecto, podemos afirmar, permeia toda a obra, sendo o motivo primordial que a levou a ceder para o irmão mais velho e a se casar com os outros três maridos. Na verdade, é o aspecto mais óbvio e, de certa forma, aceitável para justificar o ato. Aliás, é esse o motivo dado em várias obras que abordam tal questão, como *Lucíola* de Alencar. Não obstante, no mesmo parágrafo, ela faz uma ressalva que é, no mínimo, transgressora: ela é fraca, não resistiu ao vício. Não irei me alongar muito neste ponto, visto que já o abordei no início deste trabalho, porém temos aqui um motivo justificável e outro inaceitável, pois, além de afirmar que peca por vício e gosto, isso parte de uma mulher, que não só tem desejos como os realiza. Se juntarmos os dois motivos, temos que ela se entregou por necessidade e vício, e não por amor.

Ela, apesar de preferir ser esposa, reconhece sua condição de amante e começa a se precaver quanto a um futuro sombrio, pois por experiência própria sabe que essa condição nunca dura muito. Apesar das promessas de seu amante, ela começa a economizar tudo que pode. Aqui é preciso nos atentarmos para outro aspecto também muito presente na obra: as promessas verbais e as escritas. Quando Moll se entrega a seu amante, sua maior preocupação é a gravidez. Ele, para acalmá-la, afirma verbalmente que nada lhe

faltaria caso engravidasse, porém, ao se recuperar quase que por milagre de uma grave doença, ele se arrepende de viver em pecado e lhe escreve uma carta rompendo a relação. Ela, preocupada, escreve-lhe afirmando que também se arrependeu, mas pede dinheiro para manter o filho fruto dessa relação e diz que, se o der, ela assina uma quitação geral.

Temos, novamente aqui, a oposição entre a fala e a escrita, já que a promessa verbal na primeira oportunidade foi quebrada, já a escrita sequer foi contestada, sendo aceita por ambas as partes de imediato. Mais interessante ainda é saber que por 50 libras o cavalheiro comprou a quitação geral (escrita e assinada), ou seja, assim como ele não cumpriu a palavra verbal sequer foi cogitado aceitar somente a palavra de Moll, sendo necessário um documento assinado para se assegurar que ela não iria mais procurá-lo ou pedir-lhe dinheiro.

Vale ressaltar ainda que o comportamento de ambos é incoerente e por vezes irônico. Começamos por lembrar da “amizade” que havia entre eles. O cavalheiro afirma a Moll que a respeita tanto que poderia deitar nu ao seu lado que nada tentaria; dada a oportunidade, eles realmente se deitam juntos e nada fazem. Interessante notar que essa é uma preocupação com as aparências às avessas, visto que todos os outros hóspedes viam que os dois dormiam no mesmo quarto. Ademais, notemos que um homem casado e uma mulher viúva/divorciada, acostumados às relações maritais, estavam tão preocupados com a honra e a virtude, como se fossem dois adolescentes inexperientes vivendo uma aventura cuja única preocupação seria a integridade ou virgindade. Imaginar dois adultos nessa situação é no mínimo divertido.

Outra passagem irônica se encontra no momento de ruptura. Após ter um acesso moral, ele decide acabar seu concubinato. Arreponder-se de viver em pecado e tentar corrigir seu erro é louvável, porém suas atitudes são contraditórias. Como alguém pode reparar um erro causando outro? É certo que as relações familiares (principalmente em relação aos filhos) naquela época eram muito diversas do que temos hoje, mas mesmo assim o abandono de um filho era grave. Se levarmos em consideração que Moll “vendeu” o futuro do filho com a quitação geral e que o pai da própria criança o comprou, vemos que ele realmente trocou um crime por outro.

---

<sup>80</sup> Idem, op. cit., p. 118.

O rompimento da relação, porém, ainda apresenta outras curiosidades. Primeiramente porque Moll em nenhum momento questiona a decisão tomada por seu amante muito menos tenta uma reconciliação ou uma chantagem (nem ao menos para tentar assegurar um futuro digno para o filho), ela aceita a sua decisão resignadamente. Mais ainda, sente-se culpada por ter mantido tal relacionamento. Não obstante, ela já esperava pelo fim da relação, pois sabia que os casos dessa natureza não costumam durar muito. Por esse motivo, ela procurou economizar o máximo possível enquanto ainda estavam juntos e, quando da sua ruptura, juntamente com sua reprovação pela vida levada, ela lamentava o fim de sua “prosperidade”.

Finalmente, cabe aqui uma breve análise sobre o tema deste trabalho: a prostituição. Em vários trechos, ela faz referências a si própria de forma pejorativa. Vou reproduzir, a seguir, as passagens em que isso aparece tanto em português quanto em inglês, pois a tradução nem sempre condiz com o original, como pode ser visto em:

Caiu assim a resistência, e troquei a situação de amiga pelo título malsoante de *concubina*<sup>81</sup> (thus the government of our virtue was broken, and I exchanged the place of friend for that unmusical, harshsounding title of *whore*<sup>82</sup>).

Os homens que sustentam as *amantes* mudam freqüentemente, cansando-se ou tornando-se ciumentos<sup>83</sup> (that men that keep *mistress* often change them, grow weary of them, or jealous of them<sup>84</sup>).

Entre outras, sua ligação criminosa comigo, que era nem mais nem menos uma prolongada *vida de concubinato*, lhe aparecera como era verdadeiramente, e não como a considerava até então, pois olhava-a agora com justo horror religioso<sup>85</sup> (and among the rest, this criminal correspondence with me, which was neither more nor less than a long-continued *life of adultery*, had represented itself as it really was, not as it had been formerly thought by him to be, and he looked upon it now with a just and a religious abhorrence<sup>86</sup>)

---

<sup>81</sup> Idem, op. cit., p.116.

<sup>82</sup> Idem, *Moll Flanders* (orig.), p.127.

<sup>83</sup> Idem, *Moll Flanders* (trad.), p.118.

<sup>84</sup> Idem, *Moll Flanders* (orig.), p.129.

<sup>85</sup> Idem, *Moll Flanders* (trad.), p.123.

<sup>86</sup> Idem, *Moll Flanders* (orig.), p.134.

De maneira que durante todo esse tempo eu não tinha sido senão uma *prostituta*, uma *adúltera*<sup>87</sup> (so that I had been no less than a *whore* and an *adulteress* all this *while*<sup>88</sup>).

Se relembrarmos a situação em que essas frases foram ditas (Moll Flanders estava desimpedida e começou um caso com um homem casado com uma mulher doente; durante tal relacionamento, que foi contemplado com filhos, manteve-se reclusa e discreta), essas palavras podem nos parecer descabida. Ora, pela leitura percebemos que ela seria o que hoje se denominaria de amante. Contudo, os termos usados aqui (concubina/whore, amante/mistress, prostituta/whore, adúltera/adultress) como também os usados no episódio dos irmãos são um tanto fortes para essa situação. Cabe aqui então um questionamento que, como faziam os grandes romancistas, só responderei no final do trabalho: seriam essas palavras sinônimas?



### **Alguém para cuidar**

De seu dinheiro, obviamente. Com o final de seu relacionamento, Moll tinha aproximadamente 450 libras (constituídas pelo carregamento de seu irmão e pela

---

<sup>87</sup> Idem, *Moll Flanders* (trad.), p.124.

quitação), pois perdeu as 100 libras que conseguiu economizar durante seu caso. Preocupada com os gastos, Moll, por influência de uma amiga, resolve se mudar para a Irlanda por conta do “baixo custo dos alimentos e da facilidade da vida no seu país<sup>89</sup>”. Para poder partir, ela decide procurar um banqueiro para confiar as suas economias. A palavra de ordem que norteará esse episódio será “honestidade”.

Primeiramente, ela irá procurar um funcionário de um banco que julgava honesto. Todavia, tal julgamento não foi feito com base no seu caráter moral, mas sim por sua conduta financeira (ele lhe deu o dinheiro que poderia ter embolsado). Como não poderia lhe assistir, ele lhe indica um amigo, garantindo tratar-se de um homem honesto. Diante da relutância de Moll em aceitar esse novo banqueiro, ele lhe garante que esse não lhe cobrará por seus serviços e que em caso de prejuízo ele a restituiria. Com isso, temos a segunda palavra: interesse.

A honestidade permeia a relação tanto de forma declarada (“achei nele uma honestidade tão sincera e desinteressada que me pus a imaginar que tinha encontrado o homem honesto de que tanto precisava<sup>90</sup>”) quanto de forma velada. De todos os maridos/amantes, este foi o único que realmente conhecia a sua real situação tanto financeira quanto pessoal:

Fiz-lhe saber, sem reservas, minha situação: era uma viúva vinda da América, completamente abandonada e sem amigos; tinha um pouco de dinheiro, estava quase louca de medo de perdê-lo, não tendo amigo no mundo a quem confiar a gerência desse dinheiro. Ia partir para o norte da Inglaterra, para viver mais simplesmente, a fim de não diminuir meu capital. Voluntariamente depositaria meu dinheiro no banco, mas não ousaria trazer os títulos comigo, como disse acima. Eu não sabia como proceder a este respeito, nem com quem falar<sup>91</sup>.

Ela lhe disse a verdade, e ele, conhecendo-a, poderia ter se aproveitado, porém era honesto e tinha intenções honestas em relação a Moll. Queria casar-se. Entretanto, seu casamento com uma adúltera era um obstáculo a ser vencido, pois Moll,

---

<sup>88</sup> Idem, *Moll Flanders* (orig.), p.136.

<sup>89</sup> Idem, *Moll Flanders* (trad.), p. 129.

<sup>90</sup> Idem, op. cit., p.133.

fazendo-se passar por extremamente honesta, exige o divórcio para poder desposá-lo. Retomarei esse episódio adiante para exemplificar algumas regras do divórcio. Por enquanto, basta-nos saber que Moll, por um lado, retribuiu a honestidade, tanto por lhe expor sua situação financeira e pessoal quanto por ter lhe pedido que realmente pensasse se após se divorciar de uma escandalosa iria realmente querer se “aventurar em um casamento”, por outro, não retribui, já que ela realmente se muda para o norte em busca de um marido “mais rico”. Apesar de contrair novas bodas, o casamento não dura, de modo que ela se arrepende amargamente e, após dar luz ao filho gerado nesse consórcio, volta para a Inglaterra para se casar com o burguês, que já estava divorciado.

Moll já conhecia a sua casa e sabia que vivia muito bem instalado, mas é na sua chegada que ela fica impressionada. Sabendo de sua volta, ele vai a encontrar em Brickhill, ao vê-lo ela se diz feliz. Vale a pena transcrever o motivo: “ele me agradou duplamente pela maneira como se apresentou. Tinha um coche particular, muito elegante, com quatro cavalos, e um criado<sup>92</sup>”. Temos aqui o duplo interesse financeiro de Moll: primeiro, por se tratar de um banqueiro, este certamente saberia cuidar de suas parcas e suadas economias, de modo a conservá-la e quiçá a prosperá-la; em segundo por seus bens financeiros e pela boa vida que o casamento agora lhe proporcionaria, livrando-a da miséria que tanto temia.

Ironicamente, o banqueiro faz um mau negócio e perde grande parte de sua fortuna, mas não o suficiente para se endividar. É justamente nesse trecho que podemos observar a força de Moll, pois ela afirma que a perda seria facilmente recuperada se ele não tivesse se desesperado e tenta apoiá-lo e ajudá-lo a se restabelecer. Ora, ele era um banqueiro, deveria estar acostumado com o revés, se não com o seu próprio pelo menos com o de seus clientes, e deveria, conseqüentemente, saber como contornar e recuperar tal perda. Todavia, ele, por ser aparentemente fraco, deixa-se abater e morre. Ela, que tinha lhe confiado toda a sua economia, se vê agora com uma dupla perda: a do marido e a financeira, ficando na extrema miséria, que será a responsável por seus futuros roubos.

Por último, cabe dizer que, dessa vez, Moll não se auto-denominou ou classificou como prostituta, porém todas as vezes que tanto ela, quanto o banqueiro, referiam-se à sua primeira esposa, nos dá indícios de como viam essa situação:

---

<sup>91</sup> Idem, op. cit., p.131.

— Não – disse-me –, eu tenho a intenção de livrar-me dela, porque, para ser franco, não sou um cornudo complacente; por outro lado, asseguro-lhe que isto me contraria muitíssimo, mas não posso fazer nada; quem quer ser *adultera*, será *adultera*<sup>93</sup>.

“Nay”, says he, “I do think to clear my hands of her; for, to be plain with you, madam”, added he, “I am no contented cuckold neither: on the other hand, I assure you it provokes me to the highest degree, but I can’t help myself; she that will be a *whore*, will be a *whore*”<sup>94</sup>. [Itálico meu]

A diferença entre a tradução e o original é enorme. Novamente, temos aqui a convergência das duas definições, pois ela, que era apenas uma esposa adúltera, é chamada de “whore”. Vale dizer, ainda, que em todos os momentos que lhe fizeram referência, ela foi assim denominada.

### **Um caso inesperado**

Esse episódio é, de certa forma, revelador e até desconcertante. Andando pelas ruas, Moll encontra um homem muito bem vestido, porém bêbado, que após ganhar nos dados leva-a para passear. O final do passeio é a cama. Se levarmos em consideração o local em que se encontravam e o desfecho do encontro, poderíamos claramente classificá-la como prostituta. Como nesse livro nada é fácil, vamos acompanhar passo a passo as atitudes de Moll. Primeiramente, é importante observar quando e onde eles se encontram: nas galerias, durante a festa de S. Bartolomeu. Nessa festa popular, que ocorria em meados de agosto, havia shows, atrações, compra e venda de mercadorias diversas etc. Por volta do séc. XVIII, ela tomou grandes proporções, envolvendo outras paróquias além da de S. Bartolomeu. Obviamente, isso era um atrativo para os inúmeros gatunos, oportunistas, ladrões e prostitutas que povoavam Londres. Parece-me que foi por esses motivos que em 1855 (após 422 anos de existência) essa festa foi extinta. Assim, creio ser sugestivo o fato

---

<sup>92</sup> Idem, op. cit., p.176.

<sup>93</sup> Idem, op. cit., p.134.

<sup>94</sup> Idem, op. cit. (orig.), p.148.

de Moll e seu amante terem aí se conhecido, justificando o fato de ter “confundido” Moll com uma prostituta.



Smithfield, *St Bartholomew's Fair*. Museu de Londres, 1737-1743?

Após a cópula (é a única vez que ela apresenta a cena de forma quase que explícita, para não deixar dúvida do que fez), eles entram em sua carruagem e partem. Como o cavalheiro estava bêbado, ele dormiu, e Moll o revistou com cuidado, roubando seus pertences, prática também comum entre as prostitutas. Todavia, devemos observar que em nenhum momento eles acertaram o valor da relação e não houve pagamento. Ora, mesmo naquela época a prostituição era caracterizada pelo pagamento em troca de favores sexuais, o que não aconteceu. Ademais, ela era ladra, sendo esperado o roubo. A continuação do episódio é ainda mais desconcertante: por intermédio da protetora, o cavalheiro reencontra Moll, que era “uma dama e não uma mulher de rua [...] pois homem algum a tocou antes do senhor, depois da morte de seu marido, há oito anos<sup>95</sup>” e que acaba por se tornar sua amante.

Primeiramente, é preciso ressaltar que tal trecho poderia ser tomado como irônico, pois sabemos que ela não era dama. No entanto, como também sabemos que ela não era mulher de rua (entendido como sinônimo de prostituta) e que realmente nenhum

homem a tocou após a morte de seu último marido, esse trecho perde o seu peso irônico, sendo revelador: ela não era prostituta (no seu sentido usual). Ademais, quando se tornam amantes, ele a sustenta, “mas nunca veio para me manter [...] dando-me apenas o suficiente para as minhas necessidades sem que eu precisasse trabalhar ou voltar ao meu antigo negócio<sup>96</sup>”, ou seja, ela não obtém lucro algum com esse relacionamento. Junto a isso, temos que, durante o período em que viveram juntos, ela se afastou das ruas (dos roubos), vivendo de forma reclusa. Vale ainda observar a forma como ela se referia a si própria e à situação:

Seu simples bom senso é esmagado pelo arrebatamento, e entrega-se a absurdos, tais como beber excessivamente e sair com uma *prostituta*, sem prestar atenção a quem ela é, se está saudável ou doente, limpa ou suja, se é feia ou bonita, velha ou jovem<sup>97</sup>.

His very sense is blinded by its own rage, and he acts absurdities even in his view; such as drinking more, when he is drunk already; picking up a *common woman*, without regard to what she is or who she is, whether sound or rotten, clean or unclean, whether ugly or handsome, whether old or young, and so blinded as not really to distinguish<sup>98</sup>.

No entanto, com que vergonha e recriminação iria voltar a si! Como se reprovaria por ter estado com uma *meretriz*, encontrada no pior dos antros, na galeria, entre a lama e o lodo da cidade<sup>99</sup>!

And then with what shame and regret would he look back upon himself! how would he reproach himself with associating himself with a *whore!* picked up in the worst of all holes, the cloister, among the dirt and filth of all the town<sup>100</sup>!

Se estes homens pudessem imaginar o desprezo que sentem por eles as mesmas mulheres que usaram, ficariam desgostosos. Como já disse, elas não experimentam prazer,

---

<sup>95</sup> Idem, op. cit. (trad.), p.226.

<sup>96</sup> Idem, op. cit., p.229.

<sup>97</sup> Idem, op. cit. (trad.), p.220.

<sup>98</sup> Idem, op. cit. (orig.), pp.247s.

<sup>99</sup> Idem, op. cit. (trad.), p.221.

<sup>100</sup> Idem, op. cit. (orig.), p.249.

nem têm inclinação por tais homens. A *meretriz*, passiva, sonha apenas com o dinheiro<sup>101</sup>.

Would such gentlemen but consider the contemptible thoughts with the very woman they are concerned with, in such cases as these, have of them, it would be a surfeit to them. As I said above, they value not the pleasure, they are raised by no inclination to the man, the passive *jade* thinks of no pleasure but the money<sup>102</sup>.

— Puxa! – disse minha protetora, zombando. Garanto que ele se embebedou, apanhou uma *garota* e esta o depenou. Quando voltou para casa, contou à esposa a história do assalto. Esse truque é velho. Isso acontece a milhares de pobres mulheres diariamente<sup>103</sup>.

‘Pshaw!’ says my old governess, jeering, ‘I warrant you he has got drunk now and got a *whore*, and she has picked his pocket, and so he comes home to his wife and tells her he has been robbed. That’s an old sham; a thousand such tricks are put upon the poor women every day’<sup>104</sup>. [itálico meu]

Como podemos observar, a tradução dos termos nem sempre foi fiel ao original. Por esse motivo, irei me ater principalmente aos termos originais. Temos aqui *common woman*, *whore*, *jade* e *whore*, ditos em basicamente dois momentos distintos: os três primeiros em um discurso moral, no qual o autor parece querer dar ensinamentos aos leitores, mostrando-lhes os perigos de tal comportamento, e o último, na fala da protetora. Como os outros termos usados são mais brandos que *whore*, já que *jade* significa mulher vil e adúltera e *common woman* mulher comum, ordinária, porém também é sinônimo de licenciosa, é interessante observarmos quando a palavra *whore* foi usada: o primeiro momento apresenta os riscos a que os homens estão submetidos quando procuram por uma prostituta (assim como hoje nos preocupamos com a Aids, naquela época a maior preocupação era com a sífilis) e, o segundo momento, quando a protetora pergunta de forma sarcástica e até mesmo acusadora pelo banqueiro, afirmando que “homens sérios, considerados pela comunidade, renomados, não são melhores que os outros, apenas

---

<sup>101</sup> Idem, op. cit. (trad.), p.221.

<sup>102</sup> Idem, op. cit. (orig.), p.249.

<sup>103</sup> Idem, op. cit. (trad.), p.223.

<sup>104</sup> Idem, op. cit. (orig.), p.251.

conservam uma aparência melhor, ou, se você quiser, são hipócritas mais refinados”<sup>105</sup>, fina crítica à elite da época.

### **Happy end**

Este é o meu episódio preferido, pois, além de irônico e, porque não, saboroso, me foi esclarecedor.

Moll Flanders, após deixar suas economias com o banqueiro, parte para o norte a fim de levar uma vida mais modesta e econômica e de procurar por um marido mais vantajoso que seu banqueiro. Sua amiga lhe apresenta seu irmão que imediatamente lhe faz a corte de forma ostensiva. Aqui cabe dizer que o jogo de aparências estava presente, pois Moll, mesmo objetivando uma vida mais simples, comporta-se como uma dama, e seu futuro marido gasta todas as suas economias para fazer-lhe a corte; logo, ambos tentam passar por ricos para conseguir fazer um casamento que lhes trouxessem benefícios financeiros. Casaram-se e logo descobriram que um deu o “golpe do baú” no outro. Essa passagem parece ilustrar uma afirmação de Engels:

E a todos os matrimônios de conveniência cai como uma luva a frase de Fourier: “Assim como em gramática duas negações equivalem a uma afirmação, de igual maneira na moral conjugal duas prostituições equivalem a uma virtude”<sup>106</sup>.

Esse trecho, principalmente ao que se refere à dupla prostituição, espero, ficará esclarecida no final deste trabalho. Por hora, basta apenas observarmos que, como ambos buscavam um casamento de conveniência, ao verem frustrados seus objetivos, eles acabam se apaixonando. Chama-nos a atenção o fato que, apesar de terem se casado por dinheiro, ao se verem ambos pobres, um nega aceitar o dinheiro do outro, mostrando escrúpulos que não tiveram quando do casamento. Com efeito, mesmo tendo um pretendente rico a sua espera, este é o único marido que Moll reluta em abandonar. Para evitar a separação, Moll irá propor a seu marido algo inédito para uma mulher que queria

---

<sup>105</sup> Idem, op. cit., p.223.

<sup>106</sup> Friedrich Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, 1884. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 77.

arrumar um marido rico para viver confortavelmente: trabalhar arduamente na Virgínia para enriquecerem juntos. Eis o trecho:

Contei-lhe como havia vivido na Virgínia [...] Fiz um relato pormenorizado sobre o que é uma plantação. Disse que um *homem trabalhador*, levando umas 200 ou 300 libras em mercadorias inglesas, com alguns servos e ferramentas, poderia, atualmente, sustentar uma família e em muito poucos anos constituir um patrimônio. [...] Provei, preto no branco, como se diz, que era impossível, na hipótese de termos um bom comportamento, *não conseguirmos ficar ricos*<sup>107</sup>. [itálico meu]

Inesperadamente, seu marido também irá propor o trabalho na Irlanda como meio de enriquecimento. Após pensarem muito, decidem que ele irá para sua terra natal e que depois de se estabelecer irá chamá-la para que voltem a viver juntos. Contudo, não é isso que ocorre, eles se separam e ela, após ter um filho, volta a Londres para casar com o banqueiro. Não obstante, eles voltam a se reencontrar em situação adversa: ambos são prisioneiros em Newgate. Após longa conversa, Moll o convence a, assim como ela, optar pela deportação, mas ele, que no início tinha cogitado a idéia de ir para as plantações na Virgínia, agora reluta, demonstrando preocupação com as aparências: aceitava ir para a América como colono, não como propriedade (os deportados eram comprados pelos colonos, a quem deveriam servir por um tempo determinado). Os argumentos de Moll para convencê-lo são interessantes e valem a pena serem reproduzidos:

Para convencê-lo de uma vez da certeza disso, eu iria com ele, espontaneamente, e levaria o bastante para lhe assegurar que não fazia essa oferta por ser incapaz de viver sem ele, mas porque achava que nossos sofrimentos mútuos foram suficientes para nos convencer a deixar essa parte do mundo e viver lá, onde ninguém poderia recriminar nosso passado e onde não temeríamos a prisão, nem a perspectiva da agonia no posso dos condenados. Lá poderíamos lembrar nossos desastres passados com satisfação, vendo que nossos inimigos nos esqueceriam completamente, e viveríamos

---

<sup>107</sup> Daniel Defoe, op. cit., p.155.

como homens novos num mundo novo. Ninguém teria nada a ver conosco, nem nós com eles<sup>108</sup>.

Aqui temos duas informações importantes: uma diz respeito à preocupação com a aparência, pois na América ninguém os acusaria por seus crimes passados, de modo que eles poderiam começar uma nova vida; a outra é a oferta de Moll. Ela, que se casou por interesse, tem agora a preocupação de mostrar a seu marido que tem recursos próprios e que não precisa viver do seu dinheiro e do seu sustento, ou seja, ser sustentada por ele, mas sim quer ser sua esposa. Ele próprio irá reconhecer isso (“Seguiria o conselho de gozar do conforto de minha presença e ter em sua miséria uma companheira, conselheira e fiel<sup>109</sup>”). Aqui devemos nos atentar para dois pontos valiosos: a igualdade e o trabalho.

Entre eles, marido e mulher, não há superior ou submisso. Como ambos são responsáveis pelo trabalho e ambos têm dinheiro e não são dependentes do outro, eles se encontram em igualdade. Isso irá refletir nas decisões que tomam, como o lugar onde se estabelecer nas colônias<sup>110</sup> ou a volta para a Inglaterra<sup>111</sup>. Com isso, a mulher acaba por ganhar um certo *status*, torna-se parte importante da sociedade e não mais uma “propriedade” masculina. Ao reconhecer sua importância, Moll acaba por se colocar em primeiro plano, pois, somente ao tomar consciência de seu papel, ela reconhece que a história de seu marido é interessante, mas não quer relatá-la “só porque considero este livro a minha história e não a dele<sup>112</sup>”. Para atingir essa igualdade, eles devem ter recursos, sendo que este deve vir do trabalho. Como vimos, foi somente por este marido que Moll aceitou trabalhar e ele também resolveu trabalhar por ela:

Fomos bem-sucedidos, pois, tendo o dinheiro suficiente para começar, agora aumentado pela adição de 150 libras, aumentamos o número dos nossos criados,

---

<sup>108</sup> Idem, op. cit., pp.287s.

<sup>109</sup> Idem, op. cit., p.288.

<sup>110</sup> Isso fica claro no seguinte trecho: “Tomada esta resolução, propus ao meu marido deixar o lugar e ir para a Carolina, onde *decidimos* estabelecer-nos” (idem, op. cit., p.306). Podemos perceber aqui que a decisão, apesar de sugerida por Moll, é feita por ambos, mostrando a igualdade.

<sup>111</sup> “Ele também virá para a Inglaterra, onde *decidimos* passar o resto de nossos dias, numa sincera penitência pela má vida que vivemos” (idem, op. cit., p.320).

<sup>112</sup> Idem, op. cit., p. 285. Vale lembrar que esta não é a única afirmação que faz a esse respeito.

construímos uma casa muito bonita e lavramos a cada ano uma grande parcela de terreno<sup>113</sup>.

Além desse trecho mostrar que eles trabalhavam nas plantações, trabalho braçal, porém necessário para a manutenção da sociedade, mostra que sua instalação na América e sua conseqüente prosperidade só foram possíveis com o dinheiro que trouxeram da Inglaterra, fruto do roubo. Com isso, Defoe, que ao longo do livro critica a sociedade, dizendo que ela é a responsável pelos crimes que assolam a Inglaterra, já que deixa os pobres desamparados<sup>114</sup>, coloca o trabalho como a única forma de recuperação e prosperidade, porém é preciso dinheiro prévio para prosperar, mesmo na América.

Além disso, Moll consegue unir as duas pontas da vida: a infância e a velhice. No início da obra, ela diz que queria ser uma “dama de sociedade” e, ao ser questionada sobre o que isso significa, ela afirma que seria uma mulher que vive com a renda de seu trabalho, sem depender de ninguém. Ora, é justamente nisso que ela se transforma no final da obra. Ademais, ela realiza um outro sonho: o de se casar com um “elegante cavalheiro”. Além disso, vale notar que seu amor só se consolidou na maturidade, ou seja, além de já contar com recursos próprios, este se deu de forma equilibrada e ponderada, sem as grandes arrebatções, comum aos apaixonados. Esse amor comedido e “viável financeiramente” condiz com os ideais da época expressos pelo próprio Defoe, conforme já apresentado<sup>115</sup>.

Finalmente, ambos são honestos um com o outro, pois tanto James quanto Moll declaram sua real condição financeira, sem disfarce e sem mentiras. Isso é interessante porque, quando do casamento com o cavalheiro burguês, Moll diz que não se devia dizer claramente ao marido o quanto se tinha para se proteger de qualquer eventualidade, mas, com este marido, com quem quer construir junto sua prosperidade, eles realmente expõem suas economias, até porque é com ela que eles irão se instalar e prosperar.

Urge ainda a necessidade de se abordar uma última questão. De todos os maridos/amantes, somente o primeiro marido (o irmão mais novo, que a amava

---

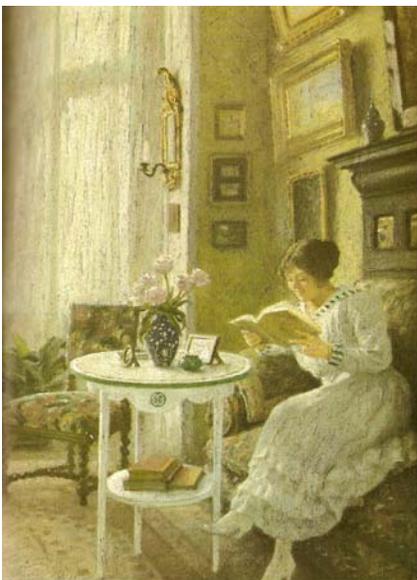
<sup>113</sup> Idem, op. cit., p.317.

<sup>114</sup> Dentre as várias passagens a esse respeito, destaco a seguinte: “Cheguei ao ponto em que tinha sido reduzida à extrema pobreza e coloquei-me como uma vítima de uma sociedade que me havia obrigado à miséria numa forma à qual eu não estava acostumada” (idem, op. cit., p.283).

verdadeiramente) e o último marido (que a amava e era amado por ela) receberam nomes próprios, Robin e James, respectivamente. Com isso, podemos dizer que somente aqueles que são sinceros em seus sentimentos passam a ser um indivíduo e não somente um tipo masculino presente na sociedade.

### **Manual de conduta**

Como pudemos observar, Defoe tenta ensinar às mulheres como conseguir um bom marido (como no caso da noiva do capitão, em que Defoe afirma que as mulheres sofrem por conta do dote por se sujeitarem a esse mercado) e a como não perder um amante (ele coloca claramente no episódio do cavalheiro de Bath quais são as características de uma amante que levam o homem a perder o interesse pela concubina<sup>116</sup>). Ademais, ele parece expor de forma óbvia as diferentes funções de cada marido/amante, mostrando seus defeitos e fraquezas até atingir o que considera ideal. Dessa forma, ele aconselha suas leitoras, mostrando-lhes qual marido evitar, como se portar, como fazer um bom casamento e os riscos a que estão sujeitas.



Paul Fisher, *Lecture d'après-midi*, Col. Particular, 1917.

---

<sup>115</sup> Alan Macfarlane, op. cit., pp.222s.

<sup>116</sup> “Os homens que sustentam as amantes mudam freqüentemente, cansando-se ou tornando-se ciumentos.também, uma ou outra coisa acontece que coloca fim à sua generosidade. Por vezes as damas que são bem tratadas não cuidam de manter a estima de suas pessoas ou a sua fidelidade, sendo por isso tratadas com desprezo”. Daniel Defoe, op. cit., p.118.

Não obstante, ele parece criticar duramente a sua sociedade, tão ávida por capital, já que muito mais do que simples interesse, as relações pessoais estão mediadas pelo interesse financeiro, não só por parte da protagonista, mas também pelos outros que a cercam. Deve-se ressaltar, porém, que há exceções, como é o caso de alguns amantes/maridos, mas, mesmo estes, tinham algum interesse, mesmo que não fosse financeiro. Assim, fica fácil afirmar que se trata de uma sociedade interesseira, egoísta e hipócrita. O altruísmo não tem lugar.

### **Cronologia**

Ela afirma que ficou na casa da família dos irmãos dos 14 aos 18 anos aproximadamente, sendo que seu caso com o irmão mais velho durou cerca de 6 meses. Ela fica casada com Robin por 5 anos e tem 2 filhos (que ficam com a sogra). Em seguida, ela fica casada com o cavalheiro burguês por 2 anos e 3 meses. Findo o casamento, vai morar com a sua amiga, noiva do capitão, por 6 meses. Após se casar com seu próprio irmão, eles se mudam para a Virgínia, onde permanecem por 8 anos e têm 2 filhos. Ela acaba por revelar seu segredo e volta a Inglaterra, tornando-se primeiramente amiga do amante de Bath, condição que dura 2 anos, sem contar os 4 meses que ele se ausentou, e posteriormente sua concubina por 6 anos, durante esse período teve 3 filhos, mas só 1 viveu. Nessa época, ela afirma que há mais de 15 anos não tinha notícias de seu marido comerciante. Ela conta agora com 42 anos (e diz que estava com 25 anos quando viveu em Ratcliff). Seu casamento com James dura poucos meses e depois, de ficar reclusa até dar a luz a seu filho, consideraremos que todo esse período durou 1 ano, ela volta a Londres e se casa com o banqueiro, com o qual vive por 5 anos e tem 2 filhos. Ao se casar com ele, ela se arrepende pelos 24 anos de “existência viciada e abominável que tivera” e se envergonha por ter dormido com 13 homens. Após a sua morte, ela fica 2 anos se lamentando até que se encontra na extrema pobreza. Ela resolve vender tudo e se mudar para um lugar mais barato, vivendo assim por 1 ano até que se vê obrigada a roubar. Na época em que se tornou ladra, ela afirma que já tinha mais de 50 anos. Ao se tornar amante do jogador, com o qual viveu por 1 ano, afirma que seu marido morreu há 8 anos. Ela volta para o crime e, ao ser presa, diz que toda sua trajetória durou cerca de 40 anos (dos 18 aos atuais 60 anos).

Quando parte com James para a Inglaterra, ela conta com 61 anos e lá vive até os 70 anos, quando decide, junto com o seu marido, voltar à Inglaterra.

Para tentarmos descobrir quais foram os 12 anos em que ela foi prostituta, terei de fazer diversos cálculos que podem ficar obscuros se forem colocados por extenso. Como terei de lidar com números, irei seguir o exemplo dos matemáticos, colocando-os em uma tabela, para que fique fácil acompanhar os cálculos posteriores. Para melhor entendimento, colocarei na primeira coluna a idade que ela disse ter em determinado momento da vida (ou que deduzi que tivesse), na segunda a duração de seus relacionamentos, de modo que sua idade somada ao tempo do casamento/amancebamento deve resultar na idade seguinte, e na terceira se nesse período esteve casada ou amancebada.

Tabela 1: Cronologia da vida de Moll Flanders:

17 anos	6 meses como amante do irmão mais velho	A
18 anos	5 anos casada com Robin	E
23 anos	2 anos e 3 meses casada com o cavalheiro	E
25 anos	6 meses em companhia da noiva do capitão	
26 anos	8 anos casada com seu irmão	E
34 anos	2 anos e 4 meses de amizade com o cavalheiro de Bath	
36 anos	6 anos como amante do cavalheiro de Bath	A
42 anos	1 ano entre casamento com James e a gravidez	E
43 anos	5 anos casada com o banqueiro	E
48 anos	3 anos na pobreza	
51 anos	5 anos como ladra	
56 anos	1 ano como amante do cavalheiro	A
57 anos	Volta a viver como ladra	
60 anos	É presa	
61 anos	É deportada com James para a América	
70 anos	Volta para a Inglaterra	

A: amante;

E: esposa.

Pois bem, somando o tempo em que viveu como esposa, temos 21 anos e somando o tempo que viveu como amante temos 7 anos e 6 meses; o total de tempo entre casamento e amancebamento soma 28 anos. Contudo, o narrador também afirmou, no início, que ela tinha sido ladra por 12 anos, o que também não podemos identificar (pelos dados fornecidos, podemos somar apenas 8 anos). Mais ainda, ele afirma que ela dormiu com 13 homens, porém só nos relata 8. Finalmente, diz que sua vida de vicissitude “durou três vezes vinte anos, sem levar em conta a infância”. Ora, 20 vezes 3 é 60, idade em que foi presa, de modo que não podemos excluir a infância para conseguir esse total.

Podemos analisar esses dados de diversas formas: pelas lacunas tão características dessa obra, como já visto, ou pela incoerência. Ian Watt, em seu livro *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*, afirma que Defoe cobrava para revisar seus próprios livros. Logo, quando não recebia para isso, o livro era publicado com seus erros, o que explicaria essas incoerências. Acredito, contudo, que há outras questões aqui implicadas. Primeiramente, se lembrarmos que se trata de um livro de memórias (como já foi apresentado), tal incoerência se torna verossímil, afinal teriam sido tantos anos de roubo e prostituição que não seria possível precisá-los, mas apenas afirmar que foram muitos. Além disso, poderia se tratar de uma técnica de estilo usada pelo autor para mostrar que sua vida de vicissitude foi longa.

De qualquer forma, é possível afirmar que não há uma clara delimitação entre os anos em que permaneceu casada, amancebada ou solteira, de forma que não se pode tirar daí a correspondência exata entre um determinado comportamento e a prostituição. Por isso, tentarei analisar, aqui, os motivos que levaram Moll a ser classificada como prostituta tanto quando era esposa, quanto quando era amante.

### **Os homens de sua vida**

Cabe aqui uma última análise a respeito de seus casamentos e divórcios. A princípio, a grande quantidade de casamento/amancebamento de Moll e a rapidez com que trocava de amantes/maridos pode nos causar um certo estranhamento, de modo que poderíamos até mesmo cogitar a idéia de que seria esse o motivo de Moll ser classificada como prostituta. Todavia, para se entender melhor essa questão, é necessário que haja um

distanciamento entre as concepções que se tem acerca desse tema nos dias atuais e no século XVIII na Inglaterra. É importante salientar isso, pois, como Macfarlane provou, a Inglaterra nessa época era muito diferente do restante da Europa — principalmente no que se referia às leis, costumes, matrimônios etc. Além disso, ele nos mostra que o grande número de casamentos era uma prática comum:

Mas, a despeito de tudo o que acabamos de ver, a impressão dominante para todo o período que vai do século XIV ao XIX é que a sociedade não só tolerava como também encorajava um novo casamento. Essa “poligamia serial”, com todas as dificuldades familiares que pode ter causado, é um traço fundamental do sistema de casamento malthusiano.

Os altos índices de mortalidade podiam levar a situações extremas, como a da mulher holandesa que chegou a ter 25 maridos, do homem em Essex que enterrou oito esposas, *ou do famoso relato de Defoe sobre as febres debilitantes nos pântanos de Essex, que faziam as pessoas casarem “catorze ou quinze vezes”* [...] Vários aspectos dessa prática surpreendem pelo inusitado. O primeiro é a rapidez com que acontecia o novo casamento, embora houvesse algumas restrições para as mulheres. Segundo o direito romano, um novo casamento “antes de completar um ano de luto” era proibido. Isso por dois motivos: para evitar incerteza quanto à paternidade e “porque um luto reverente e piedoso em memória do marido falecido caracteriza uma atitude respeitosa”. Na Inglaterra, porém, nem o direito consuetudinário, nem o direito canônico proibiam um novo casamento antes de um ano. Quando muito rápido, este podia ser desaprovado pelas pessoas como inconveniente [...] mas de um modo geral o intervalo era curto<sup>117</sup>. [itálico meu]

Pode-se inferir que Moll não poderia ser considerada prostituta nem pela quantidade de maridos que teve, muito menos pela rapidez com que se casava novamente. Não obstante, essa explicação, embora pareça suficiente, não é completa, tendo em vista que, mesmo tomando como base da argumentação desse trabalho alguns textos sociológicos, não se pode esquecer que *Moll Flanders* é uma obra ficcional; logo, também sofre influências da Teoria Literária. A necessidade dos diversos matrimônios de Moll,

---

<sup>117</sup> Idem, op. cit., pp. 242 s.

muito mais do que uma simples mimese da realidade, pode ser explicada de outras duas formas: exagero e recorrência.

No primeiro caso, tem-se que “nada mais importante para chamar a atenção sobre a verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro”<sup>118</sup>. É possível que Defoe — que comprovou a veracidade desse fato em Essex — tenha simplesmente exagerado o número de maridos de Moll<sup>119</sup>, sem, entretanto, ser inverossímil, para conseguir realizar o feito moralizante que sua obra propõe.

Junto a isso, pode-se dizer que o desejo de fabulação junto com o imaginário procura dar conta de um momento chave que ocorreu fora do indivíduo, mas que foi vivido por ele. Para se entender melhor esse momento, muitas vezes se recorre ao instrumento da repetição que, muito mais que um simples processo de tentativa e erro<sup>120</sup>, busca dar uma resignificação para o sujeito, que culmina na aprendizagem. Os grandes autores trabalham com as repetições para conseguir criar a desautomatização, tanto do indivíduo quanto do cotidiano, e a resignificação de tal experiência, para lhe atribuir um novo sentido que não o usual. Além disso, esse processo tem a idéia do eterno retorno, ou seja, do movimento cíclico dentro da linearidade da vida humana, e pode ser visto como a renovação e a esperança de cada personagem. Segundo Meyer, a repetição é:

Uma casualidade “anormal”, “inesperada”, “ligeiramente aberrante”, ou uma relação de coincidência. Esta pode nascer da repetição de um acontecimento, e, como a repetição leva sempre a imaginar uma causa desconhecida, repetir passa a significar. A coincidência também pode nascer da conjunção de elementos a priori distantes, como “pescadores islandeses pescam uma vaca”, e é tanto mais espetacular quando pode inverter certos estereótipos de situação, como “assaltantes são surpreendidos por outros assaltantes” [Isso pode ser descrito como uma espécie de

---

<sup>118</sup> Antonio Candido, *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 3.

<sup>119</sup> “Dados sobre novos casamentos foram obtidos junto à 1ª paróquia de Clayworth, numa listagem de 1688. Nessa ocasião havia 72 maridos na aldeia, 21 dos quais casados mais de uma vez, sendo que um cinco vezes. Das 72 esposas, nove já haviam sido casadas anteriormente” (Alan Macfarlane, op. cit., p. 243). Como se pode observar, embora fosse uma prática comum, pouquíssimos se casavam muitas vezes. Assim, mesmo sendo verossímil, casar tantas vezes como Moll casou pode ser entendido como um exagero.

<sup>120</sup> Que também pode-se dizer que ocorre com Moll já que através de seus diversos casamentos fracassados, ela finalmente consegue acertar no último (casamento com o James).

“duplo golpe do baú”]. O caso extremo desse tipo leva ao exagero, figura que remete à tragédia grega: “É precisamente quando Agamêmnon decide matar a sua filha que esta tece seus louvores”. “É precisamente quando” remete à extensa lista de exagero também. Ele cria um universo mítico que acredita numa inteligência escondida, em outras palavras, num destino. Em suma, conclui Barthes, “causalidade aleatória, coincidência ordenada, é na junção desses dois movimentos que se constitui o *fait divers*: ambos acabam recobrando uma zona ambígua onde o acontecimento é vivido plenamente como um signo, cujo conteúdo é no entanto incerto”<sup>121</sup>.

Ademais, cabe observar que em nenhum momento Moll manteve mais de um relacionamento ao mesmo tempo, mesmo na situação de amante. Mais ainda, quando casada/amancebada, ela vivia de forma reclusa, sem se expor, sem freqüentar a sociedade, vivendo apenas para seu marido/amante. Finalmente, cabe dizer que ela não lucrou com nenhum casamento/amancebamento, objetivo comum a todas prostitutas e cortesãs, sendo que muitas vezes a relação lhe trouxe prejuízos financeiros. Vendo por esse ângulo, a questão se complicou, pois ela não tem nem as características nem as práticas das prostitutas, porém, como vimos, são vários os momentos em que ela assim se classifica. Ora, se essa definição é aceita ainda hoje, fiquei ainda mais curiosa: o que será que levou principalmente os leitores da época a aceitarem essa classificação? Como vimos, a resposta não é o número nem a velocidade com que se casava. A resposta então deve ser outra.

Poderíamos questionar então se isso não seria reflexo de seus diversos divórcios (com o cavalheiro comerciante, com seu irmão e com James). Primeiramente, é preciso dizer que havia duas práticas vigentes para se separar do cônjuge: o divórcio legal e a declaração pública. Quanto ao primeiro, ele era possível nos seguintes casos:

O casamento era decretado como nunca tendo existido, devido a algum impedimento desde o início, tal como o pré-contrato de um dos parceiros ou um grau de afinidade entre eles que configurasse uma situação proibida em casos de deserção ou crueldade conjugal; em casos que o marido, não culpado de abandonar a esposa, houvesse

---

<sup>121</sup> Marlyse Meyer, *Folhetim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 100.

passado vários anos ausente dela, havendo motivos para acreditá-lo morto<sup>122</sup>.

Assim, podemos observar que Moll poderia ter obtido o divórcio legal, pois ela era irmã de seu marido (“impedimento desde o início”) e seus dois outros maridos, o comerciante cavalheiro e James, ausentaram-se por vários anos, de modo que poderiam ser acreditados mortos. Não obstante, obter o divórcio legal era dispendioso, difícil e lento (isso está presente na obra no episódio do banqueiro que, ao ser traído pela mulher, “caso de deserção e crueldade conjugal”, pede o divórcio, mostrando que tal processo era demorado). Assim, em todos esses casos, Moll optou pela declaração pública que, a princípio, tem a mesma validade que o divórcio legal.

Ao afirmar que “se você não mais ouvir falar de mim, minha querida, desejo-lhe felicidades<sup>123</sup>” (comerciante cavalheiro) ou então “declaro-a livre de toda obrigação; se puder casar para a sua felicidade, não recuse por minha causa<sup>124</sup>” (James), os maridos decretavam, por assim dizer, o divórcio. Com isso, ela estava livre para se casar novamente sem ser repreendida por esses atos.

### ***Casamentos, casos e prostituição***

Durante a minha pesquisa, várias hipóteses (com a ajuda de pessoas amigas) foram levantadas. Fui verificar cada uma delas, e o resultado está aqui. Para tanto, coloquei as mais relevantes e o resultado obtido. Como expus no início, vou deixar o clímax para o final e, para atingi-lo, vou apresentar as hipóteses que se mostraram infundadas. Assim sendo, eis o caminho percorrido.

De início, acreditei que só teria uma visão global da questão aqui analisada se, paralelamente à análise literária, fizesse uma outra análise, de cunho histórico, capaz de explicitar as características e definições de prostituta na Inglaterra no século XVIII. Dessa forma, ao unir as duas análises, esperava esclarecer os problemas propostos, pois, como Moll Flanders, historicamente, não poderia fazer parte do universo clássico das

---

<sup>122</sup> Idem, op. cit., pp. 233 s.

<sup>123</sup> Daniel Defoe, op. cit., pp.68s.

<sup>124</sup> Idem, op. cit., p.151.

prostitutas, os motivos que levaram a protagonista a assim se definir é diverso do que se acreditava.

Comecei então a minha busca. No livro *Submundos do sexo no Iluminismo*, em que alguns historiadores tentam reconstituir a baixa sociedade européia em meados dos séculos XVII e XVIII, o crítico literário Trumbach cita o crítico Johnson e faz a seguinte afirmação, ao analisar a obra *Fanny Hill*:

Como primeira acepção da puta, ele [Johnson] deu: “mulher que tem relações ilícitas com homens; fornicadora; adúltera; meretriz”. Era certamente esse o sentido que as mulheres casadas compreendiam quando apresentavam a grande maioria dos casos de difamação sexual no Consistory Court. A segunda definição de Johnson era: “prostituta; mulher que recebe dinheiro de homens”<sup>125</sup>.

Moll Flanders não poderia ser enquadrada em nenhuma das duas definições (dadas pelas pessoas da época). No primeiro caso, aplicado a mulheres casadas que recebiam dinheiro de seus amantes (fato este que o autor desenvolve mais adiante<sup>126</sup>), ela não se encaixa, pois, como já foi dito, em nenhum momento Moll manteve mais de um relacionamento ao mesmo tempo. No segundo caso, ela também não se situa, tendo em vista que ela nunca recebeu dinheiro de seus amantes ou maridos (exceto em um único caso que já foi analisado), ela era apenas sustentada por eles. Aliás, em nenhum momento Moll Flanders conseguiu juntar dinheiro ou mesmo obter algum lucro proveniente de seus casamentos ou concubinatos. Ela terminava as suas relações tão pobre como quando as iniciava.

Para entender melhor esse único caso (em que o irmão mais velho dá dinheiro a Moll em troca de favores sexuais), é preciso compreender que a forma como ela

---

<sup>125</sup> Johnson, *Dictionary*. Apud Randolph Trumbach. “A moderna prostituição e o conceito de gênero em *Fanny Hill*: fantasia libertina e doméstica” In G.S. Rousseau e Roy Porter. *Submundos do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 99.

<sup>126</sup> “Algumas claramente voltaram para o mundo familiar e de trabalho, mas é difícil dizer se as prostitutas realmente se alternavam entre esses dois mundo, como se sugeriu que fizesse no século XIX. O feliz casamento de Fanny foi provavelmente um destino reservado a muito poucas. A esposa tradicional sempre foi suspeita porque podia trair o marido e esconder sua condição de prostituta no casamento. É menos provável que a prostituta jovem e solteira pudesse alegar respeitabilidade protegida pelos laços do matrimônio. Esse novo tipo de prostituta era, entretanto, uma parte do preço da ascensão social da maioria das mulheres, que já não estavam estigmatizadas pela suspeita automática de prostituição”. Randolph Trumbach, op. cit., p. 110.

iniciou sua vida sexual é análoga a historicamente descrita pelas mulheres inglesas do século XVIII, que posteriormente a isso tornaram-se prostitutas. Podemos observar tal comportamento no seguinte trecho: “Todas essas mulheres [prostitutas] tinham tido sua iniciação sexual antes de se tornarem prostitutas regulares. A maioria, provavelmente, foi seduzida pelo homem para quem trabalhavam, que muitas vezes prometiam desposá-las<sup>127</sup>”. Ora, é justamente isso que Moll Flanders relata logo no início do livro. Além do mais, é clara a diferença aqui posta: a iniciação sexual não é sinônimo de prostituição, mas são as suas conseqüências que podem ou não levar a mulher a se prostituir. Ademais, o Defoe condena veementemente o homem que propõe casamento sem a intenção de cumpri-lo apenas para conseguir os “favores” da dama iludida. Eis o trecho em que tal opinião aparece claramente:

Eu afirmo, este homem deve ser um patife: nenhum homem honesto irá prometer e noivar nem jurar fazer algo que está resolvido a não fazer ou que não está tão seguro que é capaz de fazer e sinceramente não pretende fazer<sup>128</sup>.

Apesar disso, a continuação do seu relato de vida, o casamento com o irmão mais novo, que sucede e repara esse deslize, permite afirmar que ela poderia ter se prostituído depois de ser desonrada, porém ela preferiu voltar para a vida regular e socialmente aceitável por meio do casamento. Isso pode ser atestado pela afirmação de que eram raros os casos de prostitutas que se casavam<sup>129</sup>. Ainda em relação à sua iniciação sexual, cabe dizer que só o fato de ter sido seduzida pelo patrão não era o suficiente para que a mulher estivesse condenada a uma vida de prostituição, como se pode ler em

---

<sup>127</sup> No original, temos que: “All of these women had to be initiated into sexual intercourse before they became regular prostitutes. Most had probably been seduced by the man with whom they worked, sometimes by promises of marriage”. Randolph Trumbach. *Sex and the gender ...*, p. 135.

<sup>128</sup> “I say, that Man must be a Knave: No honest Man will promise and engage, nay, swear to do a Thing, which he is fully resolved not to do; or which he is not sure he is able to perform, and does not sincerely intend to perform”. Daniel Defoe. *Conjugal lewdness; or matrimonial whoredom*. Gainesville: Scholars’ Facsimiles & Reprint, p.104.

<sup>129</sup> “Eventually they left the life. In some cases they may have died from the effects of hard living, though probably not because of any venereal diseases they had contracted. But in most cases they had probably became too old in their late twenties to be sexually appealing. They presumably found their way back into the world of conventional labor. But it seems unlikely that very many of them ever found their way into marriage”. Idem, op. cit., p. 136. Como pode ser observado, esse não é o caso de Moll tendo em vista que ela não morre precocemente nem perde a beleza, além de conseguir se casar várias vezes e de manter alguns amantes.

“algumas mulheres se tornavam prostitutas porque trabalhavam como criadas longe de suas casas e ao ficarem grávidas não conseguiam lidar com as conseqüências de outra forma<sup>130</sup>”, ou seja, não é a perda da virgindade ou a gravidez que condenam a mulher à prostituição, mas sim as conseqüências que disso resultam.

Há ainda um outro dado muito interessante, nos relatos de prostitutas, cafetinas, meninas seduzidas e outras pessoas ligadas ao submundo feitos em julgamento nessa época. Fica claro que sedução (seja ela por palavras, dinheiro, proposta de casamento ou até raptos de meninas que andavam pela cidade) era diferente de entrega voluntária e desejosa (em que havia o consentimento de ambos). Em tais julgamentos, somente o primeiro caso era condenável, sendo que, na maioria deles, o juiz decidia a favor da vítima seduzida e condenava o sedutor e as pessoas que favoreceram o encontro em troca de dinheiro<sup>131</sup>. Visto por esse ângulo, o pecado de Moll se atenua e o do irmão mais velho torna-se maior.

Contudo, fiquei intrigada ao averiguar que, apesar da prática da prostituição ser vista como crime (há vários relatos de prisão de prostitutas que perambulavam pelas ruas, que roubavam os amantes e que praticavam seus serviços em locais públicos e de prisões feitas em prostíbulos, que, teoricamente, eram proibidos) e de ser alto o número de prisões e condenações, Moll não foi presa por prostituição, embora tenha vivido vários anos na sua suposta prostituição, mas por roubo. Podemos deduzir disso que seus atos provavelmente não se assemelhavam aos de uma prostituta clássica.

Pude perceber ainda que a postura das prostitutas, descrita em vários tratados que tentam retratar a sociedade inglesa dessa época, é muito diversa dos hábitos de Moll. De uma maneira geral, podemos dizer que as prostitutas clássicas não apresentam o glamour com os quais são apresentadas nos romances: elas não têm classe alguma, são baixas, suas atitudes são desprezíveis e seu linguajar é chulo. Nos documentos e estudos, seu comportamento é descrito de forma muito semelhante: elas, muitas vezes bêbadas, andavam pelas ruas em busca de homens que quisessem seus serviços. Os interessados

---

<sup>130</sup> No original temos que: “Some women became prostitutes because they were servants far from home who became pregnant and could not manage the consequences in any other way”. Idem, op. cit., p. 145.

<sup>131</sup> Trumbach, no livro *Sex and the gender...*, apresenta vários documentos da época que contém depoimentos colhidos em julgamentos de prostitutas ou de acusados de seduzir, raptar e desonrar meninas e mulheres. A leitura é muito interessante e por vezes curiosa.

eram levados a tavernas ou “casas de má fama” para a concretização do ato. Segundo Randolph Trumbach:

Esse enorme número de moças proporcionalmente pequeno formou uma enorme e chocante multidão quando, a partir da década de 1690, noite e dia, elas passaram a circular pelas principais artérias das grandes cidades, insultando mulheres respeitáveis, corrompendo maridos bêbados e aprendizes incautos, puxando as mangas dos homens, enfiando a mão na calça deles e fazendo propostas ousadas. Foi um problema que se tornou mais agudo no século XVIII, quando passou a haver mais cidades com meio milhão de habitantes, mas não foi original desse século, nem resultado da industrialização<sup>132</sup>.

Ora, essa última frase é óbvia, pois é sabido que a prostituição é uma das profissões mais antigas. Não obstante, é inegável que o crescimento das cidades e a industrialização acabaram por incentivar e aumentar ainda mais a prostituição<sup>133</sup>. Em decorrência desse comportamento das prostitutas, Trumbach afirma, em outro trecho, um pouco mais adiante, que “a principal queixa contra a prostituta em todo o século XVIII era que ela não fazia seu comércio na privacidade<sup>134</sup>”, ou seja, a mulher nessa situação era reconhecida como prostituta, pois seu comportamento mostrava declaradamente sua profissão.

Finalmente, o autor, que estuda a sociedade inglesa tendo como base (e até como fonte de pesquisa) os romances publicados na época, conclui seu texto fazendo uma analogia entre a sociedade e o romance *Fanny Hill* (contemporâneo de *Moll Flanders*, escrito 1749 na Inglaterra), mostrando que tal livro pode ser entendido como um retrato da sociedade analisada:

A maioria das prostitutas não tinha aposentos para onde levar os clientes. Faziam pontos nas ruas, como dizia Fanny, e iam para a hospedaria mais próxima ou, se fossem muito pobres, para um canto escuro da rua. [...] Prostitutas, pelo menos as reconhecidas, tinham pouco mais de

---

<sup>132</sup> Randolph Trumbach, “A moderna prostituição...”, p. 99.

<sup>133</sup> Para maiores esclarecimentos acerca desse assunto, ler Evelyne Sullerot. *A mulher no trabalho*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970

<sup>134</sup> Randolph Trumbach, op. cit., p. 102.

probabilidade de ser presas nas ruas do que numa taverna; na City, em 1720 e início de 1721, elas chegaram a 46 nas ruas e 37 em casa. Uma vez dentro de um prostíbulo, o policial poderia encontrar as situações sexuais que quisesse<sup>135</sup>.

De início, essa descrição lembrou-me o caso do cavalheiro que encontra Moll nas galerias e a leva para uma hospedaria, porém achei que aceitar somente isso como comprovação de sua prostituição seria minimizar a questão, que me parece muito mais ampla. Até porque, mesmo não tendo encontrado os 12 anos de sua prostituição, suponho que ela quis dizer que foi durante muitos anos prostituta. Assim, levando em consideração que ela não recebeu dinheiro por esse “favor” (ela apenas o assaltou) e que seu relacionamento com esse cavalheiro durou apenas um ano, continuei minha pesquisa.

Fiquei surpreendida ao observar que vários estudos sobre a sociedade inglesa no século XVIII, sobre vários temas, trazem depoimentos e citações de Defoe, extraídos não só de suas obras ficcionais, mas também das não-ficcionais. Muitos estudiosos, conseqüentemente, consideram que tais informações, sobre os fatos apresentados, são verídicas. Com Trumbach não foi diferente. Num outro livro, o autor (que utilizou textos do Defoe como fonte confiável de descrição dos hábitos das prostitutas) diz que:

Defoe nos dá uma clássica descrição dessas mulheres que andavam entre a Charing Cross e a Ludgate. Ele se queixou porque enquanto andava rapidamente, mulheres se moviam por seu caminho e o pararam com uma “insolente malícia”. Numa outra vez, elas puxaram sua manga ou saudaram-no com uma obscena saudação: outras simplesmente agarraram-no pelo ombro e pediram para serem tratadas com vinho antes que elas o deixassem partir<sup>136</sup>.

Esse dado me foi de extrema importância, pois trata-se de um depoimento do próprio Defoe, autor da obra aqui analisada, que descreve as prostitutas de sua época e seus comportamentos. Pode-se afirmar que Moll não faz parte desse mundo, em

---

<sup>135</sup> Idem, op. cit., p. 108.

<sup>136</sup> No original, temos que: “Defoe gave the *classic description* of these women walking between Charing Cross and Ludgate. He complained that as he walked at full speed, women moved into his path and stopped him with an “impudent leer”. At other times they twitched at his sleeve or greeted him with a lewd

que as prostitutas andavam pelas ruas em busca de clientes, pois ela vivia em busca de maridos. Quando isso não era possível, ela procurava por amantes que a mantivessem como uma verdadeira esposa, sendo que nos seus dois primeiros amancebamentos ela tinha a esperança ou a vontade de se tornar esposa de seu amante, somente no último amancebamento ela se mostra mais conformada com a situação e não espera por nenhuma proposta de casamento. Mais ainda, ela realmente se preocupava com a validade dos casamentos, como podemos ver em: “Consenti no casamento para estarmos mais íntimos; entretanto, fomos a um lugar mais distante do interior e um padre católico nos casou. Foi-me assegurado que ele nos casaria tão validamente quanto um pastor anglicano o faria”<sup>137</sup>.

Diferentemente dessa prostituição mais baixa, existiu na sociedade, principalmente na européia, uma espécie “nobre” de prostituição, marcada por luxo, glamour, festas e jóias. Não obstante, quando se trata destes casos, estas prostitutas de luxo não são descritas como vis prostitutas, mas como cortesãs. Isso porque “tornar-se uma cortesã era uma enorme promoção, um salto afortunado para uma vida muito melhor do que elas [as mulheres] poderiam imaginar. Ao contrário da prostituta, a cortesã não morava num bordel, não andava pelas ruas, nem, rigorosamente falando, tinha um proxeneta que a controlava e intimidava”<sup>138</sup>. Mais adiante, tem-se que “os acordos com as cortesãs não eram permutas”<sup>139</sup>.

Além disso, como Marguerite e Manon bem exemplificaram “o esplendor em que viviam as cortesãs é lendário. Às vezes as suas fortunas chegavam a exceder à de seus protetores”<sup>140</sup>. Historicamente, é comprovado que elas acumulavam riquezas provenientes de seus relacionamentos, sendo que essas eram constatadas pela quantidade de casas (quase sempre ricamente mobiliadas e decoradas com afrescos, esculturas e quadros de grandes artistas, peças de antiquários, porcelanas e tapeçarias), pelas carruagens luxuosas, pelos guarda-roupas, compostos por peças de tecidos caros, feitas pelos melhores costureiros, e pelo grande número de jóias. Ademais, elas eram orgulhosamente exibidas por seus amantes em teatros, óperas e reuniões. Tais aspectos não

---

suggestion: others simply grabbed him by the elbow and demanded to be treated with wine before they would let him go”. Idem, *Sex and the gender...* p. 153.

<sup>137</sup> Daniel Defoe, op. cit., p. 143.

<sup>138</sup> Susan Griff, op. cit., pp. 17 s.

<sup>139</sup> Idem, op. cit., p. 18.

<sup>140</sup> Idem, op. cit., p. 19.

estão presentes no “precursor” desses romances. Em momento algum da narrativa, Moll apresenta esses adereços, não ganha jóias ou objetos de artes, nem tais características, não freqüentava a “sociedade”, antes vivia isolada em sua casa, vivendo apenas para o amante/marido que a sustentava. Além do mais, como já foi dito, ela nunca obteve lucro oriundo de seus relacionamentos.

Talvez o único ponto em comum entre as cortesãs e Moll Flanders seja a necessidade de saber ler, escrever, bordar, cantar, tocar piano, dançar, vestir-se etc. Contudo, isso também era necessário para as mulheres da alta sociedade para que, além do dote, tornassem-se mais atrativas para conseguir fazer um bom casamento. Ora, Moll aprende tudo isso na casa de seus protetores juntamente com suas filhas, sendo que são justamente essas qualidades que chamam a atenção do irmão mais novo.

Sendo assim, vale observar que em nenhum momento Moll é descrita como uma mulher luxuosa, de hábitos refinados, grandes gastos mensais, freqüentadora de óperas, teatro e bailes e nem como anfitriã ou amante de pessoas ilustres. Os poucos momentos em que ela diz ter estado bem vestida é quando ela saía para roubar (e a vestimenta e uma certa quantia de notas na carteira serviam como álibi para provar inocência caso fosse pega). Logo, as descrições de seus hábitos e, por conseguinte, de sua vida não correspondem nem às descrições de prostitutas que buscavam seus clientes nas ruas de Londres, nem às das cortesãs que recebiam seus amantes em suas luxuosas casas.

Analisadas as características das prostitutas clássicas e das cortesãs, um outro aspecto precisa aqui ser melhor estudado. Trata-se do caráter da “amante”. A primeira vista, é possível que um leitor desatento impute a Moll o título de prostituta ou até mesmo o de cortesã por, em alguns momentos de sua vida, ter se tornado amante de alguns homens (dois de seus amantes eram casados). Todavia, assim como hoje, a amante não podia ser descrita como cortesã. Isso não está totalmente explícito nos livros estudados, mas pode ser deduzido facilmente, como em “Mas os arranjos [entre o homem e a cortesã] em geral eram como aqueles feitos com as amantes e até esposas — de natureza mais permanente e sutil [em oposição aos acordos feitos com as prostitutas]. E, ao contrário do sustento dados às amantes, com freqüência modestamente mantidas, estes relacionamentos eram muito mais

lucrativos<sup>141</sup>”. Com certeza podemos identificar que Moll se tornou amante de quatro homens e que estes a mantinham modestamente.

Ora, se não podemos dizer que Moll era uma cortesã nem pelo número de casamentos, nem pelos divórcios, nem pela rapidez que seus casamentos aconteciam, nem pelo concubinato, nem pela caracterização das prostitutas da época, mas podemos averiguar que ela realmente recebeu tal nomeação, aceita tanto no século XVIII quanto no século XXI, logo o motivo que levou a protagonista a ser assim caracterizada deve ser diverso do que até então se acreditava. Para poder solucionar a questão aqui proposta, é forçoso analisar dois itens: a situação da mulher inglesa e as práticas de casamento inglês.

### A situação da mulher



Gravura do século XIX, Biblioteca Nacional, Paris<sup>142</sup>.

A situação da mulher, sua relação com a família e com o trabalho e sua posição na sociedade foram diversas nos diferentes estágios da humanidade. Dessa forma, se conseguirmos de algum modo reconstruir a sociedade inglesa do século XVIII (no que

<sup>141</sup> Idem, op. cit., p. 18.

<sup>142</sup> Textos da ilustração da esquerda para a direita: A irmã de caridade: Miséria e dor eu consolo,/Deus me sustenta e encoraja; A parteira: Eu vos trato com experiência,/ No momento de vosso nascimento; A professora: Às meninas durante a juventude,/Ensino virtude e sabedoria; A comerciante: Das mulheres com habilidade,/Aumento e enfeito a beleza; A criada: Costuro, lavo e sirvo à mesa,/Por isso sou indispensável; A

tange, principalmente, às condições de vida da mulher de classe baixa), poderemos entender e interpretar melhor o clássico *Moll Flanders*. Segundo os mais conceituados historiadores, os ingleses nessa época tinham uma visão muito peculiar da união conjugal, que diferia e muito do restante da Europa. Todavia, eles ainda mantinham o sistema de dote e isso era um verdadeiro tormento para as mulheres com poucos recursos, pois ele, ao contrário de suas qualidades e virtudes, era indispensável para arrumar um bom marido. A crítica ao caráter monetário, que regia o amor conjugal, está presente na obra. Podemos observar isso na fala da irmã do primeiro marido de Moll:

— Estou surpresa, meu irmão. Nada falta a Betty, mas talvez fosse melhor que lhe faltasse tudo, já que nosso sexo tem pouco valor nos dias que correm. Se uma jovem é bela, de boa origem, educada, espirituosa, de bom senso, boas maneiras, modesta, ainda que fosse ao máximo, não vale nada, se não tiver dinheiro. Se faltar tudo, menos dinheiro, ela se torna desejável. Os homens jogam com cartas marcadas<sup>143</sup>.

Nesse trecho, no início da narrativa, pode-se perceber, juntamente a uma crítica mordaz, um leve tom irônico de Defoe quanto à situação narrada. Isso porque, além dele explicitar os mecanismos do contrato matrimonial e do casamento, o autor denuncia o caráter mercantil que regia as relações entre as pessoas e como este era prejudicial às mulheres, excetuando-se as abastadas:

— Eu compreendo bem, meu irmão – replicou a senhorita em tom mordaz – que você pretende que eu tenha dinheiro sem beleza. Mas nos dias de hoje o primeiro exercerá a função da segunda e eu estou bem mais servida que as minhas vizinhas<sup>144</sup>.

No episódio narrado, Moll Flanders, que trabalhava como uma espécie de dama de companhia, era cortejada pelo filho mais novo. Isso se tornou um grande incômodo para a família, pois era descabida a união do patrão com a empregada (o

---

operária: A todos os meus trabalhos me aplico,/Na oficina ou na fábrica; A camponesa: Crede em Deus, que pela minha mão,/ A todos vos dará o pão.

<sup>143</sup> Daniel Defoe, *Moll Flanders...*, p. 31.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

casamento entre classes não era desejável, porém não era impossível). Não obstante, superado esse obstáculo, eles se casam, mas a viuvez coloca Moll Flanders novamente no mercado matrimonial.

Nesse momento da narrativa, Moll comprova a veracidade das palavras de sua cunhada, quando, diferentemente da relativa facilidade que teve para arrumar o primeiro marido, a protagonista agora teve de enfrentar diversos obstáculos (sendo que o principal deles foi exatamente a escassez de seus recursos financeiros) para conseguir concretizar seus casamentos:

Com efeito, os homens escolhem suas amantes de acordo com seu gosto. É indispensável para uma mulher vadia ser linda, ter um bom corpo, um belo rosto e um porte gracioso. Mas, quando se trata de uma esposa, nenhuma deformidade contraria o desejo; nenhum defeito, o juízo favorável; só conta o dinheiro. O dote nunca é grotesco ou monstruoso, pois o dinheiro sempre é desejável, seja qual for a mulher<sup>145</sup>.

Logo, as mulheres que não tivessem dinheiro dificilmente casariam, tornando-se as principais vítimas da sedução. Há vários exemplos, no decorrer do livro, de homens que se aproveitam da ingenuidade feminina para seduzi-las e, tendo satisfeito seus desejos, abandonam-nas à própria sorte. Sem honra, só lhes restaria a prostituição. Isto ocorre na passagem em que o irmão mais velho, seu primeiro amante, ilude Moll, dizendo que cedesse, pois se casariam depois que recebesse a herança:

Ele colocou-me as palavras na boca dizendo-me que me amava apaixonadamente e que, embora não pudesse revelar o fato antes de herdar os bens, ele já tinha decidido fazer a nossa felicidade, isto é, esposar-me. E ainda me fez muitos elogios, pobre de mim, que não via a sua intenção e me comportava como se não houvesse outra espécie de amor senão aquele que conduz ao casamento<sup>146</sup>.

Uma proposta de casamento, nessa época, era de extrema importância e de grande valia, pois a proposta de casamento aceita tinha quase que o mesmo *status* que o

---

<sup>145</sup> Idem, op. cit., p. 74.

casamento consumado: isso justifica a entrega de Moll<sup>147</sup>. Apesar disso, é notório que a perda da virgindade antes do casamento era desonroso e que a maior prejudicada era sempre a mulher. Sendo assim, faz-se necessário destacar a crítica de Defoe à atitude que os homens tinham em relação às mulheres:

Eu lhe censurei por ser como todos os homens que, na ocasião em que tivessem à sua mercê a reputação e a honra de uma mulher, fariam disso objeto de zombaria e olhá-las-iam como uma bagatela, não levando em conta a ruína daquelas que seduziam de acordo com suas vontades<sup>148</sup>.

Apesar disso, era necessário às mulheres que se casassem, pois, mesmo que trabalhassem, dificilmente conseguiriam se sustentar, já que seus salários costumavam ser muito baixos, além de haver aparentemente uma pressão da sociedade que as induzisse ao altar<sup>149</sup>. Tanto é assim que, no início de sua vida, Moll trabalhava, porém isso não era suficiente. Entretanto, é necessário ressaltar que, apesar de ser preciso casar, o casamento devia se realizar por amor, e não por interesse, como costumava ocorrer.

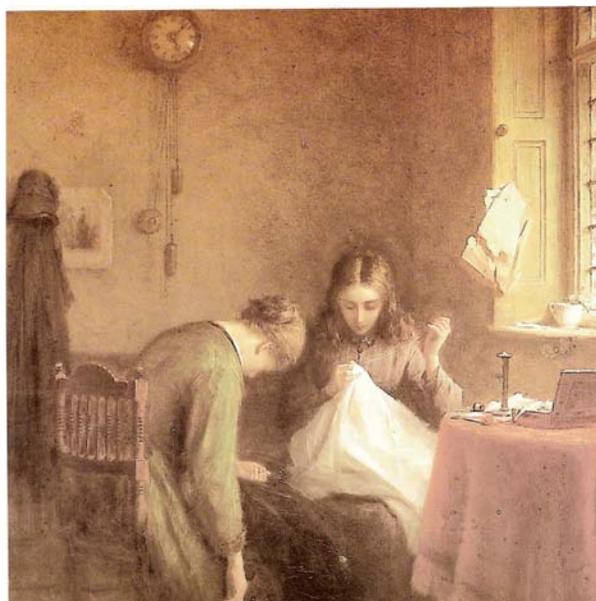
---

<sup>146</sup> Idem, op. cit., p. 35

<sup>147</sup> “Na Inglaterra anglo-saxônica as ‘núpcias’ eram a ocasião em que se realizavam os esponsais ou o comprometimento mútuo do casal, em palavras enunciadas com o verbo no presente. Este era efetivamente o ato legal de união, que, combinado com a consumação sexual, resultava em casamento. Mais tarde, poderia haver uma celebração pública com o anúncio do casamento [...] Um aspecto importante do primeiro ato é que originalmente não envolvia elemento religioso ou ritual. Era um contrato puramente pessoal, privado e civil, mantido apenas pelo casal. Não havia necessidade da presença de um clérigo, nem de cerimônia religiosa. Um casamento era válido sem proclamas ou licença, a qualquer hora, em qualquer lugar. Essa foi a norma que prevaleceu da época anglo-saxônica até a Lei de Casamento de Hardwick, de 1753” (Alan Macfarlane, op. cit., pp. 314s). Assim, ao propor casamento, o casal praticamente estava casado, e uma proposta aceita não podia ser revogada nem anulada. Isso pode ser observado na peça *Medida por Medida* de Shakespeare. Nela Ângelo tinha pedido Mariana em casamento, como ela perde o dote, Ângelo recusa a desposá-la. Ao substituir o duque de Viena, Vicêncio, Ângelo tenta moralizar os cidadãos da cidade e manda prender Cláudio por viver maritalmente com Juliana sem estarem casados. A irmã de Cláudio, Isabel, implora pela sua vida ao governador. Este diz que só o perdoará se Isabel, moça pura e virgem, se entregar a ele. Com ajuda do frade (o duque disfarçado), Isabel marca um encontro a meia noite com Ângelo, mas Mariana vai em seu lugar, consumando o casamento. Depois de muitas peripécias, Ângelo é obrigado a casar oficialmente com Mariana, Cláudio e Juliana também se casam e o Duque pede Isabel em casamento.

<sup>148</sup> Idem, op. cit., p. 42.

<sup>149</sup> O próprio Defoe atesta isso em *Roxana* ao afirmar que “Tomai não importa quem, exceto o imbecil, sejais não importa o quê, até mesmo *solteironas — a pior maldição da natureza —*, antes que aceitar um imbecil! [itálico meu]. Aqui temos a opinião do próprio Defoe, mostrando que não se casar é uma “maldição”. Daniel Defoe, *Roxana*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 13.



F.D. Hardy, *La couturière*, col. part., 1875.

## O casamento

Até aqui, todas as hipóteses que levantei durante a pesquisa se mostraram infundadas, dado que todas as definições de prostituição, como a caracterização da cortesã, e todas as marcas de época a respeito das expectativas sobre o comportamento da mulher revelaram não coincidir com as características da personagem Moll Flanders. Desse modo, voltei-me para a minha hipótese inicial, pois talvez a única explicação plausível capaz de solucionar esse problema seja a natureza do contrato matrimonial, principalmente no que tange a questão do casamento de conveniência. Imaginava que tal tipo de consórcio era condenável, pois (já nessa época) as pessoas deveriam se casar por amor. Essa visão pode parecer um tanto romântica, mas ao reler *Moll Flanders*, ficava-me claro que todos os casamentos/concubinatos da protagonista eram realizados objetivando o sustento ou até mesmo o dinheiro<sup>150</sup>. E que o único marido pelo qual se disse apaixonada foi James, com quem decidiu trabalhar para viverem do fruto de seu trabalho.

Com esse intuito, fui buscar dados que corroborassem, ou não, essa hipótese. Já adianto que foram vários os estudos que comprovaram essa teoria, porém eles

---

<sup>150</sup> O capitalismo acabou por permitir a mobilidade social, tanto pelo trabalho quanto pelo casamento. Obviamente, esperava-se que o casamento se desse entre iguais, mas ele era possível e até comum entre as classes sociais. “Embora possa haver falta de oportunidade e considerável pressão social, não há uma regra formal contida nas leis ou costumes que impeça alguém de se casar com quem quiser. Um homem do povo pode casar com uma mulher da nobreza; a filha do mais pobre e humilde trabalhador manual pode desposar o filho de um bispo, e assim por diante”. (Alan Macfarlane, op. cit., p. 260).

afirmavam que essa prática era exclusiva da Inglaterra, terra de Moll Flanders, não sendo aplicável ao restante da Europa. Dessa forma, para averiguar esse ponto extremamente importante, focando-me nos motivos que levaram à condenação do matrimônio por interesse, tive de recorrer, novamente, aos estudos sociológicos.

Um dos principais estudiosos acerca desse assunto é de Engels. Em seu livro *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, ele faz um estudo acerca da origem do capitalismo e do seu impacto na sociedade. Interessante notar que o autor irá provar que o advento desse novo modelo econômico ocasionou um grande impacto na formação da família, na constituição do indivíduo e, conseqüentemente, nos contratos matrimoniais. Isso porque, segundo Engels, o casamento por conveniência (tão comum até então) só se tornou condenável com o advento do capitalismo:

Quando a propriedade privada se sobrepôs à propriedade coletiva, quando os interesses da transmissão por herança fizeram nascer a preponderância do direito paterno e da monogamia, o matrimônio começou a depender inteiramente de considerações econômicas.

Mas, para firmar contratos, é necessário que haja pessoas que possam dispor livremente de si mesmas, de suas ações e de seus bens, e que se defrontem em igualdade de condições. Criar essas pessoas “livres” e “iguais” foi exatamente uma das tarefas da produção capitalista. Apesar de que, no começo, isto não se fez senão de uma maneira meio inconsciente e, além do mais, sob o disfarce da religião, *a partir da reforma luterana e calvinista, ficou firmemente assentado o princípio de que o homem não é completamente responsável por suas ações senão quando as pratica com pleno livre arbítrio*, e que é um dever ético a oposição a tudo que o constrange à prática de um ato imoral [itálico meu].

Assim, sucedeu que a burguesia nascente, sobretudo a dos países protestantes, onde se sacudiu de uma maneira mais profunda a ordem de coisas existentes, foi reconhecendo cada vez mais a liberdade de contrato para o matrimônio e pôs em prática a sua teoria, da maneira que descrevemos. O matrimônio continuou sendo um matrimônio de classe, mas no seio da classe concedeu-se aos interessados certa liberdade de escolha. *E, no papel, tanto na teoria moral como nas narrações poéticas, nada ficou tão inquebrantavelmente assentado como a imoralidade de todo casamento não baseado num amor sexual recíproco e num contrato de cônjuges efetivamente livres*. Em resumo: *proclamava-se*

*como um direito de ser humano o matrimônio por amor; e não só como droit de l'homme, mas também, e por exceção, como um droit de la femme*<sup>151</sup> [itálico meu].

Engels aponta para uma questão importante, que mudou de forma inegável a sociedade europeia, mas não a desenvolveu. Trata-se da Reforma e da Contra-Reforma. Com isso, torna-se possível afirmar que tal condenação apareceu sob uma aparência religiosa, visto que foi durante o período em que se iniciaram as grandes mudanças econômicas (o mercantilismo proporcionou uma maior valorização do capital e do mercado, que se consolidaram com a Revolução Industrial) que houve a Reforma Religiosa, que culminou com o surgimento do Protestantismo. Além disso, consoante Engels, tais mudanças acabaram por interferir nos novos rumos da economia.

Logo, os novos modos de pensar estavam intrinsecamente relacionados, tendo em mente que a religião protestante corrobora os aspectos pregados pelo capitalismo e pela burguesia, dando argumentos que justificavam a nova ordem de trabalho e legalizavam a necessidade de trabalhar e de acumular bens, pois, assim, os membros da nova ordem política, econômica e social poderiam melhorar o seu caráter e viver dignamente e felizes. Isso pode ser constatado na obra analisada, porque, mesmo tendo recebido a herança, Moll precisa trabalhar, o que condiz com os pensamentos de Weber:

Impõe-se o fato de os protestantes tanto como classe dirigente, quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, terem demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico, que não pôde ser observada entre católicos em qualquer uma dessas situações. A razão dessas diferentes atitudes deve, portanto, ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas, e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política [...]. A partir de uma análise superficial poder-se-ia ser tentado definir a diferença da seguinte maneira: o maior “alheamento do mundo” do catolicismo, os traços ascéticos dos seus mais altos ideais, levou seus seguidores a uma maior indiferença frente aos bens desse mundo... Do lado protestante, essa concepção é usada para a crítica daqueles ideais ascéticos do modo de viver católico, ao passo que os católicos a isso respondem com uma crítica ao “materialismo” resultante da secularização de todos os ideais

---

<sup>151</sup> Friedrich Engels. op. cit., pp. 86-8.

do protestantismo. [...] O católico é mais tranqüilo, tem menos impulso aquisitivo; prefere uma vida, a mais segura possível, mesmo que isso implique em uma renda menor, a uma vida arriscada e cheia de excitação, mesmo que essa torne possível a obtenção de honrarias e riquezas. Isso é comprovado de maneira irônica pelo provérbio “coma ou durma bem”. No presente caso, o protestante prefere saciar-se, e o católico dormir sem ser perturbado<sup>152</sup>.

Essas duas teorias estão ilustradas no final de *Moll Flanders*, pois a protagonista, mesmo tendo um bom lucro oriundo do roubo e da herança deixada pela sua mãe e administrada por seu filho, juntamente com seu amado marido trabalham nas plantações. Passaríamos a pensar que toda mudança na sociedade pode refletir-se na literatura, razão pela qual algumas obras literárias posteriores a *Moll Flanders* possuem ideologia semelhante à descrita pelo Weber, como é o caso de *Cândido ou o otimismo* de Voltaire<sup>153</sup>. Nessa obra podemos observar que o autor defende tanto o capitalismo quanto as idéias do protestantismo, o que se assemelha ao que Defoe registrou em suas obras.

MacFarlane, talvez um dos mais importantes estudiosos da sociologia, até certo ponto, corrobora as afirmações acima em seu livro *História do casamento e do amor — Inglaterra, 1300-1840*, dizendo que o sistema de casamento malthusiano “funcionou na Inglaterra para dar um impulso ao crescimento econômico<sup>154</sup>” e que “o sistema de casamento malthusiano ‘adaptou-se’ perfeitamente à formação socioeconômica particular conhecida como capitalismo<sup>155</sup>”. Contudo, quase no fim do livro, ele refuta as afirmações feitas por Engels:

---

<sup>152</sup> Max Weber. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967, p. 23.

<sup>153</sup> Essa ideologia aparece explicitamente na conversa entre Cândido e o turco, pois podemos perceber claramente que, apesar de toda a aventura vivida, Cândido afirma que só é possível ter uma vida boa e digna se cultivar a própria obra, ou seja, somente com o fruto de seu trabalho. Eis o trecho em que isso aparece:

“— O Senhor deve possuir terra vasta e magnífica, não? – disse Cândido ao turco.

— Tenho apenas vinte jeiras – respondeu o turco – cultivo-as com meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade”.

Conversa entre Cândido e Pangloss:

“— Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, enfim, se o senhor não tivesse sido expulso de um belo castelo a grandes pontapés no traseiro pelo amor da senhorita Cunegundes, se não tivesse sido apanhado pela Inquisição, se não tivesse corrido a América a pé, se não tivesse perdido todos os seus carneiros do bom país de Eldorado, não estaria aqui comendo cidras em conserva e pistaches.

— Muito bem dito – respondeu Cândido – mas temos de cultivar nossa horta”. François Marie Arouet de Voltaire. *O Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, pp. 134-35.

<sup>154</sup> Alan Macfarlane, op. cit., p. 325.

<sup>155</sup> Idem, op. cit., p. 327.

A associação entre os sistemas capitalista e malthusiano esboçada por Malthus, Marx e Engels é sedutora. Mas há uma objeção importante: a incompatibilidade temporal. Dito em poucas palavras: o sistema de casamento emergiu muito antes. Este não é o lugar para uma discussão das origens das várias características do sistema de casamento, mas podemos traçar brevemente algumas datas para os dois fenômenos. De acordo com o padrão cronológico herdado de Marx e Weber, acredita-se amplamente que a “revolução capitalista” ocorreu entre a segunda metade do século XV e o final do XVII. Referindo-se ao fim do século XIV, Marx escreve que “o modo de produção ainda não tinha nenhum caráter especificamente capitalista, e que “a era capitalista data do século XVI. Para Engels, segundo vimos, data dos ‘Descobrimentos’, isto é, do final do século XV”<sup>156</sup>.



Quentin Maysses, *III matched lovers*. Museu de Londres, 1520-25?

Embora pareça lançar por terra a única hipótese capaz de explicar a “prostituição” de Moll de forma convincente, esse estudo do Macfarlane, na verdade, além de explicar o porquê de haver obras anteriores a *Moll Flanders* e ao próprio capitalismo com essa mesma temática — tanto literárias (p.ex. as peças *Medida por medida*, *O*

---

<sup>156</sup> Idem, op. cit., p. 332.

*mercador de Veneza, Muito barulho por nada* entre outras, todas de Shakespeare), como plásticas (p.ex. os quadros de Quentim Matisse) —, ele reforça a hipótese proposta. Desse modo, pude compreender que esta é o único e verdadeiro motivo para que o leitor do século XVIII acreditasse que Moll Flanders realmente era uma prostituta. Isso porque, mais adiante, ele afirma que:

A conclusão não é inteiramente negativa. Se o capitalismo não é uma causa do sistema de casamento, como Malthus, Marx e Engels pensavam, talvez seja tentador sugerir o contrário — que a família individualista e o sistema de casamento, e seu conseqüente padrão demográfico “racional”, foram uma causa necessária, quando não suficiente, do capitalismo [...]. Seguramente há poucas provas para a suposta transformação de uma sociedade basicamente agrária, “camponesa”, de subsistência e propriedade comunal, para uma sociedade capitalista nos séculos XVI e XVII, conforme sugere a cronologia de Marx—Weber. Se meu argumento for aceito, encontramos-nos numa posição melhor para perceber que há uma associação muito mais longa e profunda entre o sistema de casamento malthusiano e outros aspectos da sociedade. Ambos poderiam ser vistos como partes daquele “arco burguês, que se estende desde o século XII até a época presente”. A ausência de qualquer sinal de um verdadeiro campesinato nos séculos XIV e XV seria portanto causa e efeito, ao mesmo tempo, do sistema familiar e demográfico. Malthus e Marx estariam certos, mas com relação a um período muito maior do que foram capazes (o último principalmente) de perceber<sup>157</sup>.

Existia uma forte relação entre o contrato matrimonial e o capitalismo na Inglaterra e que este é o responsável pela mudança daquele. Se juntarmos a isso alguns trechos deste mesmo autor, poderemos entrever a solução do problema proposto:

---

<sup>157</sup> Idem, op. cit., pp. 339 s. Vale ainda dizer que isso é pertinente com as idéias de Braudel, estudioso que estuda os motivos que levaram a Inglaterra a ser o berço da Revolução Industrial. Em sua obra *Civilização material, economia e capitalismo Séculos XV-XVIII*, o autor afirma que “O grupo dos condados industriais representava 45% da população, contra um terço em 1701; pelo contrário, os condados agrícolas, de 33% no início do séc. XVIII, caíram para 26%”. p.524. Um pouco mais adiante, ele afirma que “Portanto, em todas essas cidades filhas da industrialização, o aumento da população inglesa não bastou para fornecer a massa de operários necessária. A imigração vem em socorro, do País de Gales, da Escócia e mais ainda da Irlanda. E, como a mecanização multiplica as tarefas não especializadas, em todos estes pontos inflamados do desenvolvimento industrial recorre-se ao trabalho das mulheres e das crianças, mão-de-obra dócil, mal paga, como a dos imigrantes”. p. 525.

Malthus estava informado sobre alguns dos benefícios que arrastavam uma pessoa ao casamento. Além da satisfação daquela “paixão entre os sexos”, o impulso biológico, havia o desejo de viver “com a mulher amada”. O casamento também podia trazer vantagens sociais que ele, incidentalmente, desaprovava<sup>158</sup>.

Com base no que foi dito, é possível afirmar que Moll Flanders era tida como prostituta por ter se casado/amancebado por dinheiro e não por amor, atitude inaceitável por aquela sociedade. Assim, a questão estaria, portanto, resolvida. Não obstante, quando julgava ter solucionado esse tema, teve conhecimento de um livro da autoria do próprio Defoe com um título extremamente sugestivo: *Obscenidade conjugal ou prostituição matrimonial (Conjugal lewdness; or, matrimonial whoredom*<sup>159</sup>, de 1727). Não preciso dizer que esse livro me deixou extremamente ansiosa e angustiada, primeiramente pela demora em encontrar um exemplar e, depois de adquirido, pela demora de sua entrega, mas, principalmente, porque ele ou confirmaria essa hipótese, que já considerava acertada, ou então a lançaria por terra, o que me levaria a refazer toda a análise. Afinal, eu teria a opinião, ou melhor, a definição do próprio autor de *Moll Flanders* sobre a prostituição.

O livro, apesar de ter sido publicado posteriormente à *Moll Flanders*, ao que tudo indica, começou a ser escrito na década de 1690. A condição feminina sempre intrigou Defoe, que em 1667 escreveu um ensaio (*Essay upon projects*) no qual criticava a educação dada às mulheres e o fato de ser considerada como um ser inferior na sociedade. Essa preocupação pode ser também observada em *Moll Flanders*, tanto no episódio final quanto no episódio do jogo, pois Defoe expõe que a mulher deve viver em igualdade com os homens.

---

<sup>158</sup> Idem, op. cit., p. 26.

<sup>159</sup> Daniel Defoe, *Conjugal lewdness...*, 1967.

Conjugal Lewdness:  
O R,  
MATRIMONIAL  
WHOREDOME.

---

*Loose Thoughts, at first, like subterranean Fires,  
Burn inward, smothering, with unchast Desires;  
But getting Vent, to Rage and Fury turn,  
Burn in Volcano's, and like Ætna burn;  
The Heat increases as the Flames aspire,  
And turns the solid Hills to liquid Fire.  
So sensual Flames, when raging in the Soul,  
First vitiate all the Parts, then fire the Whole;  
Burn up the Bright, the Beauteous, the Sublime,  
And turn our lawful Pleasures into Crime.*

---

L O N D O N:  
Printed for T. WARNER, at the Black Boy in  
Peter-Nofter-Row. M D C C X X V I I.

Capa da primeira edição de *Conjugal Lewdness or matrimonial whoredom*.

Observa-se que a estrutura desta obra não-ficcional, de uma certa forma, também está presente nas ficcionais, incluindo *Moll Flanders*. Após expor um determinado tema que julga relevante, Defoe apresenta um caso teoricamente verdadeiro, que ilustraria a situação exposta, seguido de fortes considerações morais, éticas e religiosas, muitas vezes com passagens bíblicas, para corroborar seu ponto de vista.

A leitura de *Conjugal lewdness or matrimonial whoredom* é extremamente interessante e por vezes curiosa, porém tentarei me ater ao tema aqui estudado. Acredito que essa questão, não só da prostituição, mas principalmente do casamento de conveniência, também era importante para Defoe, visto que ele dedicou um capítulo ao tema<sup>160</sup>. Após essa breve apresentação, irei transcrever alguns trechos ilustrativos:

---

<sup>160</sup> Eis o título do capítulo: “*Of the absolute necessity of a mutual affection before MATRIMONY, in order to the happiness of a married state, and of the scandal of marrying without it*”. Daniel Defoe, *Conjugal...*, p.95.

Escolhas políticas são necessárias para o casamento de príncipes e nobres, pois o real interesse das famílias são considerados para a aliança e porque a escolha não é essencial a escolha (tendo em vista que as pessoas amar ou não uma a outra não é tão essencial como para as pessoas das classes inferiores).

Contudo, as pessoas de classes inferiores são, de uma forma geral, muito mais felizes em seus casamentos que príncipes e pessoas de distinção. Então eu irei me basear nisso para mostrar as vantagens que se tem em escolher e recusar<sup>161</sup>.

Esse tema aparece de forma clara no romance estudado no episódio da noiva do capitão, pois Moll afirma que as mulheres precisam ter coragem em recusar um pretendente indesejável, sem temer o “solteirismo” e que não deve temer buscar informações sobre o pretendente para averiguar se é apropriado ou não. Nesse episódio, Defoe parece ensinar as leitoras a como conseguir fazer um bom casamento. Volto, contudo, à questão aqui proposta. Eis um outro trecho em que Defoe expõe os problemas do casamento de conveniência:

Quão pequena é esta [afeição] que é a parte essencial da compreensão no mundo, quão pequeno é o amor encontrado no casamento, como estes arranjados; e quais são as conseqüências, além da infidelidade/descrência presente no casamento de conveniência; deslealdade, brecha na fé e na honra e a pior sorte de perjúrio de ambos os lados? Assim, o casamento de conveniência é uma solene praga/juramento, e talvez o maior juramento de todos os engajamentos da Terra, então quebrá-lo é o pior perjúrio, e deve inclusive ser punido como tal<sup>162</sup>.

---

<sup>161</sup> No original: “Politick matches are weddings for princês, and for persons of high birth, where the meer interests of the families are the consideration of the alliance, and where it is not essential to the match, whether the persons love one another or no, at least not so essential not so essential as in persons of a meaner degree.

But as the persons of a lower station are, generally speaking, much more happy in their marriages, than princes and persons of distinction; so I take much of it, if not all of it, to consist in advantage they have to choose and refuse”. Daniel Defoe, *Conjugal...*, p.97.

<sup>162</sup> “How little is this which is the essential Part understood in the World, how little of Love is there to be found in Matrimony, as ‘tis now managed; and what is the Consequence but unfaithful performing the Marriage Covenants; disloyalty, breach of Faith and Honour, and the worst Sort of Perjury on both Sides? For as the Marriage Covenant is Solemn Oath, and perhaps the most solemn of all Engagements upon Earth, so breaking it is the worst of Perjury, and ought indeed to be punished as such”. Idem, op. cit., p.90.

Ele continua, afirmando que há aqueles que acreditam que se se casarem sem afeição, poderão aprender a se amar após o casamento, mas que esses casamentos nunca dão certo, pois o amor antes do casamento é essencial. A continuação é ainda mais interessante:

Ele ou ela que, como fuga ou com afeição superficial, se aventura nos votos matrimoniais, são para mim mais que uma prostituição legal: aos olhos da política podem ter se casado, mas nos termos de Deus e da natureza, esta é a minha opinião eles não realizaram um matrimônio<sup>163</sup>.

Ora, aqui ficou extremamente claro que é a opinião do próprio Defoe de que o casamento de conveniência é condenável, a ponto de ser definido como uma prostituição legal. Para entender melhor a instituição matrimonial, seria interessante ver os votos que os noivos faziam:

Nos termos dos votos matrimoniais, o ministro pergunta ao homem essas concisas questões:  
Você vai aceitar essa mulher para ser sua esposa? Ele responde, eu vou.  
Você vai amá-la? Eu vou.  
Você vai morar com ela? Eu vou<sup>164</sup>.

Defoe afirma que ao dizer “eu vou”, os noivos fazem uma promessa que deve ser cumprida e que isso é uma responsabilidade tanto do homem quanto da mulher. Muitas das práticas do casamento inglês realizado nessa época estão presentes ainda hoje nas cerimônias matrimoniais. Como condenavam o casamento forçado, o padre ou o ministro perguntava se era por livre e espontânea vontade que os noivos decidiram se casar; em caso negativo, a cerimônia era interrompida imediatamente e ninguém poderia obrigá-la

---

<sup>163</sup> Eis o original: “He or she who, with that flight and superficial asseccion, ventures into the matrimonial vow, are to me little more than legal prostitutes: political views may make a marriage, but, in the sense of God and nature, ‘tis my opinion they make no matrimony”. Idem, op.cit., pp.102s.

<sup>164</sup> No original temos que “In the terms of the marriage vow, the minister asks the man these concise questions: Wilt thou have this woman to be thywedded wife? He answers, I will. Wilt thou love her? I will. Wilt thou live with her? I will”. Idem, op. cit., p.104.

a continuar<sup>165</sup>. Finalmente, afirma que a mulher, ao responder às mesmas questões, também assume a responsabilidade quanto à promessa. Eis o trecho:

Eu vou.

Você vai! O que você vai, madame? Você vai viver com um homem e dormir com um homem que você não ama? Como eu disse antes, esse tipo de mulher deve ser uma tola, eu digo que é pior, *este é um tipo de prostituição legal*, num claro inglês, muito grosso e perverso para expressar. *Nós não devemos dizer que ela é uma prostituta, porque a lei fez disso um contrato literal e um casamento. Contudo, Deus proibiu, eu devo dizer, que isto se passe por matrimônio*<sup>166</sup>. [itálico meu]

Moll foi corretamente taxada como prostituta por si própria e por Defoe, e isso era coerente para os leitores da época por conta da forma como encaravam as pessoas que se casavam por dinheiro. Por estar casada, a mulher estava resguardada. Todavia, aos olhos de Deus e até da sociedade, ela tinha se tornado uma prostituta. Esse trecho se torna ainda mais ilustrativo se levarmos em consideração que Defoe expressa sua opinião na primeira pessoa, assumindo que esse é o seu ponto de vista. Assim, casar-se sem amor e por dinheiro transformava uma mulher em prostituta e se Moll se casou sem amor e sem dinheiro, logo Moll era prostituta, como ela própria reconheceu no decorrer do livro:

Deste modo, por orgulho e não por princípio, por riqueza e não por virtude, conservei-me honesta, apesar de,

---

<sup>165</sup> “Se recuarmos dois séculos, ao começo do século XVI, encontraremos a mesma posição legal e moral. Thomas Becon dizia então que era necessário haver o consentimento dos filhos. Por esse motivo é que no início da cerimônia de casamento se perguntava solenemente aos noivos: ‘você deseja esta mulher (homem) como sua legítima esposa (marido)?’. Se um deles responde não, a cerimônia não pode prosseguir. O consenso mútuo é fundamental: as pessoas não podem casar sem que tal declaração seja feita”. Alan Macfarlane, op. cit., p. 141. Aqui temos duas importantes implicações: a primeira que o amor e consentimento mútuo eram necessários desde o século XVI (no mínimo), ou seja, um indivíduo não podia ser obrigado a casar com quem não lhe aprouvesse. Obviamente, os pais, pelo poder do dinheiro (como no caso de heranças) podiam forçar os filhos a casar com alguém, porém os filhos podiam não se sujeitar a isso (muitas vezes abrindo mão da herança) e a Igreja respeitava a decisão dos filhos. A segunda implicação é que essa prática influenciou a sociedade ocidental, quicá a oriental, de modo que até hoje, nas cerimônias de casamento, o padre/ministro/pastor faz essa mesma pergunta aos nubentes.

<sup>166</sup> No original temos que: “I will. You will! What will you do, madam? Will you live with a man, and lie with a man you don’t love? As I said before, that such a lady must be a fool, Isay now ‘tis worse; ‘tis but a kind of legal prostitution, in the plain english of it, too gross and wicked to express. We must not say she is a whore, because the law makes it a literal contract and marriage. But God forbid I should ever say ‘twill pass for matrimony in heaven”. Idem, op. cit., p.105.

como ficou descoberto, ter percebido que teria feito melhor deixando-me vender por minha amiga a seu irmão que vender-me eu própria, como fiz, a um comerciante que era por sua vez um desgarrado e um cavalheiro, um lojista e um pedinte<sup>167</sup>.

Essa passagem ilustra a forma como Defoe definia os relacionamentos (mesmo os maritais) nos quais não havia amor, mas simplesmente preocupação financeira, pois a própria protagonista reconhece que se vendeu ao comerciante cavalheiro. Portanto, Moll realmente se prostituiu, mas os motivos que a levaram a assim se classificar são diversos dos classicamente pensados, daí a importância deste trabalho. Finalmente, vale a pena colocar mais uma citação sobre a importância do amor para o casamento:

Certamente, algumas ações na vida são conseqüências, é isto que determina a felicidade ou miséria de um homem: e tal é este matrimônio, eu acho que devo afirmar que um casamento sem amor é a completa miséria em vida<sup>168</sup>.

Assim, somente quando reencontra James, único marido que amou e com quem trabalha para se sustentarem, é que Moll fica de acordo com a sociedade e lhe é permitido, finalmente, ser feliz.

Podemos afirmar, enfim, que Defoe denuncia, em seu livro *Moll Flanders*, os malefícios do casamento de conveniência, criticando-o, pois o caracteriza como uma espécie de prostituição. Podemos dizer que tanto para Defoe, quanto para os ingleses, tal tipo de consórcio, a todo custo, deve ser evitado. As pessoas deveriam se manter, financeiramente, através do trabalho<sup>169</sup> e somente após terem uma reserva de dinheiro poderiam se casar, mas isso deveria se dar por amor. Dessa forma, a última

---

<sup>167</sup> Daniel Defoe, *Moll Flanders...*, p. 67.

<sup>168</sup> Eis o original: “Certainly, if any action of life is consequence, ‘tis that which determines the man for happiness or misery: and such is this of matrimony; for I think I may affirm, marriage without love, is the compleatest misery in life”. Idem, *Matrimonial whoredom...*, p.102.

<sup>169</sup> Segundo Macfarlane, os ingleses, desde antes da época estudada, tinham o sistema de família horizontal (o que diferia do restante da Europa). Isso porque os filhos significavam despesas para os pais. Por esse motivo, a necessidade de trabalhar e conquistar um patrimônio antes do casamento (inclusive entre as mulheres) era consenso entre os ingleses, até porque casamento entre jovens era, de certa forma, desaprovado e até recriminado. Assim, era pressuposto que os noivos deveriam ter seus próprios recursos, aumentado pelo dote, e o amor recíproco para consolidar a união. Para maiores esclarecimentos acerca desse assunto, consultar Macfarlane.

explicação mostrou ser a única realmente capaz de esclarecer os motivos que levaram os leitores contemporâneos de Defoe a acreditarem como sendo possível e plausível a prostituição de Moll Flanders e como esses motivos divergem dos atuais, atribuídos pelos leitores dos séculos XX e XXI.

### **Últimas considerações**

Se Moll Flanders era considerada prostituta por se casar pura e exclusivamente por dinheiro e que essa prática era há muito tempo condenada, cabe uma pergunta: por que Defoe retoma essa questão?

Ao que tudo indica, numa sociedade em que as classes sociais, a política e a economia estão sofrendo profundas modificações, muitos de seus valores ou se perdem ou se transformam. A Inglaterra do século XVIII foi marcada pela divisão entre nobres e burgueses. Aqueles tinham o poder político, mas não o financeiro: a maioria tinha falido e o que lhe restava era apenas o nome. Estes tinham agora o poder econômico, mas não o político. Para se firmar como classe social e ter acesso às decisões políticas, era necessário se definir, instituindo, para isso, suas normas, valores, regras; enfim, sua moral:

Desde o início da Idade Média, a aristocracia governou a sociedade, dando o exemplo que era seguido pelas classes inferiores. Se a burguesia queria competir com a potencial classe dominante, tinha de se definir como uma alternativa viável e, além disso, fazê-lo em termos que contrastassem claramente com os valores defendidos pela nobreza. Um dos meios mais importantes pelos quais a classe média pretendia realizar isso era se definindo como a classe “moral” – não uma tarefa difícil, tendo em vista a inclinação da aristocracia para a devassidão<sup>170</sup>.

Era sabido que os nobres eram os principais clientes de bordéis e casas de flagelação, além de serem os responsáveis pela defloração e prostituição de muitas jovens pobres. A nova classe com o apoio da nova religião, o Protestantismo, conseguiu combater tais práticas impondo a sua moral. Todavia, essa “moral” não estava muito bem definida ou estabelecida. Os motivos são vários. O livre mercado beneficiou a burguesia,

---

<sup>170</sup> Nickie Roberts, *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998, pp. 198s.

em questões econômicas, mas também a prejudicou, pois o dinheiro desde sempre teve o poder de relativizar a moral, jogando com os valores: para sobreviver ou enriquecer, a virtude deve ser negociada, não pode de forma alguma ser estanque. Junto a isso, temos também a questão dos gêneros, que acaba por criar uma dupla moral, uma para os homens outra para as mulheres:

As mulheres deveriam ser separadas dos homens e não ser tratadas como suas iguais, ficando confinadas ao lar e à vida doméstica e se dedicando à maternidade. Regular como o funcionamento de um relógio, esta idealização do papel da mulher na família trouxe consigo o padrão duplo; os homens tinham capacidade para construir carreiras ganhar dinheiro – e plantar suas sementes selvagens<sup>171</sup>.

Ora, tudo isso foi relativizado, pois a noção de família nuclear, o amor aos filhos<sup>172</sup> e a importância da mãe foram “criações” dos Iluministas<sup>173</sup>, que se consolidariam com o governo de Bonaparte. Tudo isso é necessário ser repensado quando a mulher, principalmente com a Revolução Industrial, adentrou no mercado de trabalho. Esses fatos ocorreram quase que concomitantemente, daí o conflito quanto a valores e moral.

Era justamente esse o ambiente em que Defoe viveu tão intensamente. Por um lado, ele refletia a necessidade de se moralizar a sociedade, intentos da classe a que pertencia, taxando como imoral o casamento por conveniência; por outro, ele discordava quanto ao papel ao qual fora confinada a mulher, que deveria ser muito mais que simples doméstica. Ele pregava a igualdade entre os gêneros:

---

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> Até quase a Idade Moderna, praticamente não existia a idéia de amor materno ou a necessidade e dever de criar e amar os filhos. Foram dadas as mais diversas explicações para esse fenômeno. Uma das mais difundidas seria a alta taxa de mortalidade infantil, que levaria os pais a não se apegarem a seus filhos. Philippe Ariès afirmou, em *Centuries of childhood*, que na Idade Média inexistia a idéia de infância. Heywood garante que até meados do século XVIII era comum os pais abandonarem ou até mesmo assassinares seus filhos. Por conta do grande número de abandonos, surgiram as nutrizas, mulheres que cuidavam de filhos abandonados por uma pequena quantia.

<sup>173</sup> Segundo o famoso Iluminista Rousseau, “as mulheres não feitas para encantar os homens, e sua função adequada é gerar e criar seus filhos [...] a maternidade é uma carreira absoluta e um compromisso em si”. Jean-Jacques Rousseau, apud Nickie Roberts, op. cit., p. 199.

– Com os diabos, Jack, divida com ela. Você sabe que é preciso sempre estar em pé de igualdade com as mulheres<sup>174</sup>.

Esse clima de ambigüidades está presente em *Moll Flanders*. A protagonista chega a ser a personificação do “não”: é um pouco devassa, mas não pertence à nobreza; é mãe, mas não pertence à burguesia. Na verdade, ela faz parte dos excluídos: mulher, pobre, marginal, que tenta sobreviver nessa sociedade elitista e machista.

Observamos que, assim como o macaco no conto de Kafka, em “Um relatório para uma academia<sup>175</sup>”, Moll busca a todo custo uma saída para seus problemas, não a liberdade, não a solução. A saída mais fácil para as mulheres pobres era o casamento de conveniência, mas tal tipo de consórcio estava cada vez mais inaceitável. Ela precisava agir de acordo com os preceitos da época. Assim, seus valores não lhe são inatos, são aprendidos no decorrer da obra. Por um breve momento, ela vislumbra esses valores, estará de acordo com os preceitos<sup>176</sup>, mas ela desiste desse projeto e busca por outro marido. Somente quando ameaçada com a morte e obrigada a ir para as colônias, Moll pode, enfim, viver de acordo com os preceitos pregados pela burguesia.

Lá nos EUA, ela está realmente livre. Em relação ao espaço físico, ela está num país novo, a ser construído por aqueles que o habitam, sem fronteiras, sem barreiras. Internamente, ela está livre de julgamentos, tanto dos outros, que estão em situação paralela, quanto de si própria, já que aprendeu os valores, pagou pelos seus crimes e, juntamente, com James e seu filho, com quem vive também, trabalha e tem uma vida familiar. Afinal, ela se casou com o único homem que amou, salvando-se da prostituição marital, e pagou a pena pelos seus roubos, pois esteve presa em Newgate e foi deportada. Voltou aos valores morais pelo aprendizado com a vida que se voltou para os valores, tornando-se, segundo a ideologia de Defoe, livre. Enquanto tentou o imitar tanto os nobres quanto os burgueses, ela conseguia apenas uma saída (por um breve período ela estava livre

---

<sup>174</sup> Em um determinado episódio, Moll joga com o dinheiro de um senhor e consegue ganhar 63 guinéus. Ela não quer todo o lucro para si, entregando-o ao senhor. Seus amigos, que também jogavam, pedem que divida igualmente os dividendos. Vemos assim que mesmo as ideologias do autor estão explicitamente presentes em seus romances. Daniel Defoe, *Moll Flanders...*, p.252.

<sup>175</sup> Franz Kafka, “Um relatório para uma academia”. In: Franz Kafka. *Narrativas do Espólio (1914-1924)*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>176</sup> Quando ela casa com James e o descobre tão pobre quanto ela, Moll sugere que se mudem para a América para trabalharem e assim enriquecerem.

da miséria). Contudo, cada vez que essa saída falhava, Moll reagia, não só com resignação, mas sem ressentimento e com alegria<sup>177</sup>, com os olhos postos no momento presente. E isto é o que há de mais extraordinário nessa personagem: sua capacidade de renovação.

Poderíamos, com isso, levantar outras hipóteses. Por exemplo: ao se adaptar a esses valores, Moll, de certa forma, (de)formou-se, deixou de ser quem realmente era para se adaptar a uma dada situação. Corresponderia esta característica mutante da personagem a ou então um ensinamento de Defoe a seus leitores (afinal, se Moll, pertencente à classe dos excluídos – mulher, pobre, prostituta, ladra –, conseguiu se estabilizar e enriquecer, qualquer um conseguiria).

Por fim, sabemos que para atender aos interesses da burguesia e dos protestantes, que buscavam se definir e consolidar, foram restaurados os valores já existentes<sup>178</sup>, como a imoralidade do casamento de conveniência. Tal tipo de consórcio, muito comum, era visto na nova ordem econômica e social como uma espécie de prostituição, que, por isso, deveria ser evitado. Essa seria a razão porque de Moll Flanders, apesar de nunca ter mantido mais de um relacionamento ao mesmo tempo e de nunca ter obtido lucro com seus casamentos/amancebamentos, teria sido classificada como prostituta.

---

<sup>177</sup> Deleuze separa o homem em quatro categorias: o tirano, o sacerdote, o escravo e o homem livre. Os três primeiros dependem da tristeza, vivem dela: o primeiro precisa da submissão e da tristeza dos outros para perpetuar seu poder, o segundo vive do sentimento de culpa e remorso, o terceiro vê apenas o que há de pior nas pessoas e nos acontecimentos. Somente o homem verdadeiro é capaz de ter o riso verdadeiro, não o satírico, comum aos outros três. “É uma espécie de riso muito benevolente, o riso do homem chamado livre ou forte. Ele [Spinosa] diz: se é isto que você quer, então vá em frente. Que miséria a natureza humana! É engraçado, sim é engraçado! É o contrário da sátira. É o riso Ético”. Gilles Deleuze, *Cours de Vincennes SPINOZA / NIETZSCHE*. Trad. Suzi F. Sperber. Inédito.

<sup>178</sup> Como na peça *Medida por medida* de Shakespeare, em que o Duque Vicêncio, por ter sido condescendente com a corrupção moral de sua cidade, não se sente no direito de tentar punir os vícios. Por esse motivo, deixa Ângelo, moralista, encarregado pelo governo da cidade enquanto viaja. Este resolve reviver a lei que punia a fornicação com a morte. Assim, podemos ver que, como na natureza, nada é criado.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, M. A. “Prefácio: percursos da leitura”. In: M. A. Abreu (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, ABL, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Diferentes formas de ler*. Disponível em Internet: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index.htm>
- ALENCAR, J. *Lucíola*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Senhora*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- ANDERSON, M. *Elementos para a história da família ocidental 1500-1914*. Lisboa: Editorial Quercó, 1984.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. “O amor no casamento”. In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. “O casamento indissolúvel”. In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora, 1983.
- BASSERMANN, L. *História da prostituição. Uma interpretação cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- BIAGNANI, M. “Introduzione”. In: D. Defoe. *Roxana*. Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1995.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV – XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BURGESS, A. *A literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 2003.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- CARDOSO, L. “Daniel Defoe”. In: D. Defoe. *As confissões de Moll Flanders*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.
- CASTLE, T. “A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII”. In: G. S. Rousseau e R. Porter (orgs.). *Submundo do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CHARTIER, R. (org.). *História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada 4. Do Século das luzes à Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Crítica textual e história cultural – o texto e a voz, séculos XVI-XVII”. In: *Leitura: teoria & prática*, n. 30. Campinas: ALB, 1997.
- \_\_\_\_\_. “As revoluções da leitura no Ocidente”. In: M. A. Abreu (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- CLELAND, J. *Fanny Hill. Memoirs of a woman of pleasure*. 1749. Disponível em Internet: <http://eserver.org/fiction/fanny-hill/>
- CLIVE, T.P. *English fiction of the Eighteenth Century 1700-1789*. Londres e Nova York: Longman, 1994.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DEFOE, D. *Moll Flanders*. Trad. Antonio Alvez Cury. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- \_\_\_\_\_. *As confissões de Moll Flanders*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Conjugal lewdness; or, matrimonial whoredom*. Students facsimiles. Londres: The Scolar Press Limites, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Moll Flanders*. Londres: Penguin Books Ltd, 199c4.
- \_\_\_\_\_. *Roxana*. Trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Um diário do ano da peste*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Contos de fantasmas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- DEKKER, R. M. e VAN DE POL, L. C. *The tradition os female transvestistim in early modern Europe*. Nova York: St. Martins’s Press, 1997.
- DELEUZE, G. *Cours de Vincennes. Spinoza/Nietzsche*. Trad. de Suzi F. Sperber. Inédito. Original disponível em Internet: [http://www.webdeleuze.com/TXT/frag\\_spin\\_80.html](http://www.webdeleuze.com/TXT/frag_spin_80.html)

- DE MARCO, V. *O império da cortesã*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- DUMAS FILHO, A. *A Dama das Camélias*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- EVANS, I. *História da literatura inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- FOUCAULT, M. “O combate pela castidade”. In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora, 1983.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FRIEDLI, L. “‘Mulheres que se faziam passar por homens’: um estudo das fronteiras entre os gêneros no século XVIII”. In: G.S. Rousseau e R. Porter (orgs.). *Submundos do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GALLO, S. *O macaco de Kafka e os sentidos de uma educação filosófica*. Disponível em Internt:  
[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/filo\\_especial001.htm](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/filo_especial001.htm)
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Veja, 1995.
- GOREAU, A. “Duas inglesas do século XVII – Notas para uma anatomia do desejo feminino”. In: *Sexualidade ocidentais*. Lisboa: Contexto Editora, 1983.
- GRIFF, S. *O livro das cortesãs. Um catálogo das suas virtudes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- HEYWOOD, C. *A history of childhood: children and childhood in the west from medieval to modern times*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- HITCHCOCK, T. *English sexualities, 1700-1800*. Nova York: St. Martins’s Press, 1997.
- HUNTER, J. P. “The novel and social/cultural history”. In: Richetti, J. (ed.). *The Cambridge Companion to the eighteenth century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- KAFKA, F. “Um relatório para uma academia”. In: F. Kafka. *Narrativas do Espólio (1914-1924)*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KARRAS, R.M. *Common women. Prostitution and sexuality in medieval England*. Nova York: Oxford University Press, 1996.
- KOCK, H. *Cortesãs e favoritas*. São Paulo: Germape, 2002.

- MACFARLANE, A. *História do casamento e do amor — Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MACY, J. *Historia da literatura mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d.
- MAQUIAVEL, N. *O príncipe (comentado por Napoleão Bonaparte)*. São Paulo: Hemus, 1977.
- MEYER, M. *Folhetim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NADI, M. *Moll Flanders: a whole summary*. Disponível em Internet: <http://www.literatureclassics.com/essays/669>
- NOVAC, M. “Defoe as na innovator of fictional form”. In: J. Richelli (ed.). *The Cambridge Companion to the eighteenth century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Introduction”. In: DEFOE, D. *Conjugal lewdness or matrimonial whoredom*. Students facsimiles. Londres: The Scolar Press Limites, 1970.
- PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- POLLOCK, L. “Rethinking patriarchy and the family in seventeenth century England”. In: *Journal of family history*, 23:12, 1998.
- POUILLON, J. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PRÉVOST, A. *Manon Lescaut*. São Paulo: Abril, 1981.
- PROBYN, C. T. *English fiction of the Eighteenth Century*. Londres e Nova York: Longman, 1994.
- PUJALS, E. *Historia de la literatura inglesa*. Madri: Editorial Gredos, s.d.
- ROBERTS, N. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.
- ROUZEAU, D. *Manon Lescault*. Disponível em Internet: <http://membres.lycos.fr/davidrouzeau/manonlescault.html>
- SCHOPENHAUER, A. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SHAKESPEARE, W. “Medida por medida”. In: *Obras completas*, vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- \_\_\_\_\_. “O mercador de Veneza”. In: *Obras completas*, vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- STANZEL, F. K. *A theory of narrative*. Cambridge: Cambridge University, 1986.

- STONE, L. *The family, sex and marriage in England, 1500-1800*. Nova York: Harper and Row, 19779.
- SULLEROT, E. *A mulher no trabalho*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.
- SUTHERLAND, D. *The english gentleman's mistress*. Londres: Debrett's Peerage, 1980.
- TERRY, C. "A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscara na Inglaterra do século XVIII". In: G.S. Rousseau e R. Porter (orgs.). *Submundos do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- TURNER, C. *Living by the pen. Women writers in the eighteenth century*. Londres e Nova York: Routledge, 1994.
- TRUMBACH, R. "A moderna prostituição e o conceito de gênero em *Fanny Hill*: fantasia libertina e doméstica". In: G.S. Rousseau e R. Porter (orgs.). *Submundos do sexo no iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Sex and the gender revolution*, vol.1. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- VASCONCELOS, S. G. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A formação do romance brasileiro: 1808-1860 (vertentes inglesas)*. Disponível em Internet: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index/htm>
- VOLTAIRE, F. A. *O Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- WATT, I. *A ascensão do romance (estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding)*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.